



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM NÍVEL DE MESTRADO EM
RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE - PPGREC
ÓRGÃO DE EDUCAÇÃO E RELAÇÕES ÉTNICAS - ODEERE**



DANILLO BITENCOURT

“QUEM  NÃO PODE COM O , NÃO PEGA NA ”:
ENCRUZILHADAS ÉTNICAS E DE GÊNERO DE TIETA,
UMA TRAVESTI *EM TRÂNSITOS*.



JEQUIÉ– BA
2019



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM NÍVEL DE MESTRADO EM
RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE - PPGREC
ÓRGÃO DE EDUCAÇÃO E RELAÇÕES ÉTNICAS - ODEERE**

DANILLO BITENCOURT

**“QUEM NÃO PODE COM O POTE, NÃO PEGA NA *RUDIA*”:
ENCRUZILHADAS ÉTNICAS E DE GÊNERO DE TIETA,
DE UMA TRAVESTI *EM TRÂNSITOS*.**

Passamos pela rota da qualificação. O itinerário agora é a defesa. Pegamos a trilha de Tieta e do amor em direção ao Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Relações Étnicas e Contemporaneidade - Mestrado Acadêmico Interdisciplinar da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Que nosso caminho esteja de acordo com os anseios, os desejos e os sonhos que sopram do navegante. Conosco, na orientação, Prof. Dr. Marcos Lopes de Souza.

B624 Bitencourt, Danilo.

Quem não pode com o pote, não pega na rudia: encruzilhadas étnicas e de gênero de Tieta, uma travesti em trânsitos / Danilo Bitencourt.- Jequié – Ba, 2018.
119p.

(Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Relações Étnicas e Contemporaneidade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, sob orientação da Prof. Dr. Marcos Lopes de Souza)

1. Identidades 2. Travestilidades 3. Etnicidades 4. Grupos étnicos 5. Migração I.
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia II. Título

CDD – 305.8

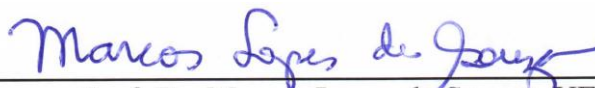
DANILLO BITENCOURT

**“QUEM NÃO PODE COM O POTE, NÃO PEGA NA RUDIA”:
ENCRUZILHADAS ÉTNICAS E DE GÊNERO
DE UMA TRAVESTI *EM TRÂNSITOS*.**

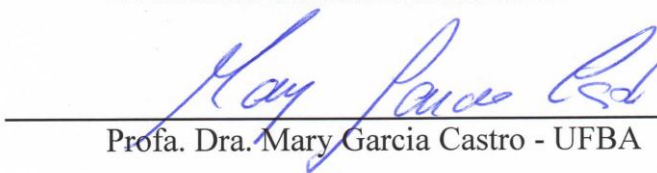
Parada Obrigatória. Defesa. Aprovação. Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Relações Étnicas e Contemporaneidade - Mestrado Acadêmico Interdisciplinar da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Linha 2: Etnias, Gênero e Diversidade Sexual.

Será que seremos/somos mestres, companheira Tieta?
Nossa passagem e próximo itinerário estão nos sonhos e nas viagens que compartilhamos com ela e eles.

Aprovação em 22 /04 /2019.

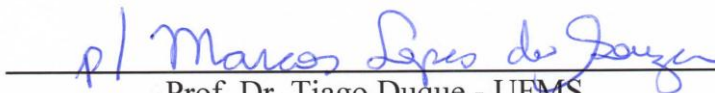


Prof. Dr. Marcos Lopes de Souza - UESB
Presidente da Banca/Orientador



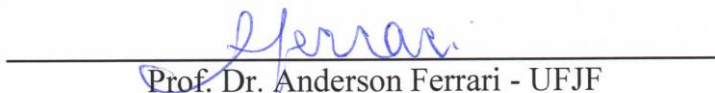
Profa. Dra. Mary Garcia Castro - UFBA

Examinadora



Prof. Dr. Tiago Duque - UFMS

Examinador



Prof. Dr. Anderson Ferrari - UFJF

Examinador

JEQUIÉ- BA
MARÇO/2019



À Tieta.

Que deixa meus dedos lambuzados de poesia e gozo.

Quero deixar minhas palavras roçarem uma a uma.

Provarem do meu gosto, em nome do teu gosto.



Viajar é maravilhoso de qualquer jeito! Seja sozinho ou acompanhado. Eu prefiro ter uma companhia. Ou várias! Com alguém ao nosso lado temos grandes chances de estreitar a amizade, porque passaremos um bom tempo tendo a companhia um do outro. Numa viagem, a gente conhece o outro bem profundamente: os medos, os gostos e até o relógio intestinal (rs).

Nessa minha aventura, junto com Tieta, muita gente se juntou a nós. Confiou em nossas rotas, auxiliou em nossas paradas e até mostrou novos caminhos a seguir. E, como toda viagem, ficamos sempre com um gostinho de quero mais. Será loucura querer mais do que o pouco?

Cada vez mais eu me dou conta que as pessoas que são consideradas loucas são as que mais contribuem para a melhoria do mundo. Exatamente! O mundo precisa de loucos. Estes quase sempre são criativos, estão sempre com o cérebro fervilhando de ideias, estão sempre tomando atitudes mais ousadas e logicamente, agregando valor à vida das pessoas.

Obrigado aos loucos por viagem que fez desabrochar em mim essa criatividade tão necessária no mundo de hoje. Sei que cada pessoa tem seu processo e prefere viajar do seu jeito. E, do jeito de cada um, que agradeço por incentivar o meu desejo de continuar viajando. Afinal, a gente está sempre buscando novos destinos e novas aventuras. Pois, prefiro o peso da mochila nas costas do que o peso de um sonho não realizado por falta de tentativas.

E quer conhecer esses loucos por viagem? Quem sabe você não se identifica com algum deles e embarca numa viagem com uma boa companhia? Há gente para toda a gente. Escolha sua companhia e boa viagem!

Viajantes nº 01: Os Informados

Sabe aqueles viajantes que chegam ao destino já sabendo tudo sobre o lugar? Então, esses são os Informados. Eles navegam pelas ruas como se fossem moradores locais. Eles também aproveitam os melhores horários para poder visitar atrações e comer nos restaurantes sem fila e sem pressa. Viajar com alguém do tipo informado é ter a garantia de passar os melhores momentos, da melhor forma possível.

Entre os que nos ajudaram a conhecer um pouco mais sobre a viagem que realizamos, estão: meu paciente-generoso-orientador Prof. Dr. Marcos Lopes de Souza, a finérrima-ativista Prof. Dra. Mary Garcia Castro, a poderosa-do-amarelo Prof. Dra. Marise Santana, o sul-mato-grossense Prof. Dr. Tiago Duque e o recém-chegado, que aceitou nosso convite para embarcar nesta odisséia, Prof. Dr. Anderson Ferrari.

Viajantes nº 02: Os espertos

Os espertos são aqueles viajantes que não deixam nenhuma oportunidade passar. Eles reservam hotel na Multiplus, porque sabem que fazer isso gera pontos, que podem ser usados para uma próxima aventura. Aluguel de carro? Seguro viagem? Pode deixar que os espertos fazem com a Multiplus, assim, a próxima jornada fica garantida!

Esses sabem aproveitar a viagem e ainda nos permitir novos passeios. Com eles é menos rotina e mais roteiros. E só mesmo sendo esperto para aguentar o trampo de fazer um mestrado interdisciplinar, com tanta novidade a cada dia. Obrigado companheiras de sala-de-aula, futuras mestras Isadora Cotrim, Camila Oliveira e Júlia Algarra. E nosso homem-a-ser-desconstruído-todos-os-dias Pedro Oliveira. Com vocês, a viagem teve seus risos garantidos!

Viajantes nº 03: Os amantes de culinária

Os amantes de culinária são aqueles que vão visitar os lugares já sabendo quais são os restaurantes do momento e qual é o prato típico do destino visitado. Viajar com eles é a garantia de comer comidas gostosas e extravagantes, como nunca antes.

Não tem problema se for comida de rua, ou um restaurante chique. Não importa onde for, eles expandem seus paladares e aproveitam o máximo possível para experimentar coisas diferentes.

Obrigado, aqui, em especial, a minha querida mãe Goretti. Que, a cada retorno de Jequié, na madrugada fria de Vitória da Conquista, deixava minha comidinha na mesa. Seus doces, sabores e amores, fortaleceram o meu coração e minha barriguinha para aguentar o trampo desse período. Eu te amo, mãe!

Viajantes nº 04: Os amantes da Arquitetura

Sabe aqueles viajantes que amam ver construções dos mais diferentes tipos? Então, esses são os Amantes de Arquitetura. Não importa se é clássica ou contemporânea, se são ruínas ou prédios modernos e altíssimos: pode apostar que você sempre vai ver um amante de Arquitetura tirando altas fotos desses lugares. Viajar com eles é se maravilhar com a forma como os prédios são desenhados e se encantar com designs incríveis.

Aqui, o agradecimento é para minhas irmãs Daniela e Pollyana, aos meus cunhados Francisco e Thauan e meu padraсто Carlos Amorim. Pessoas que me ensinaram a estruturar os caminhos, a desenhar as rotas e, claro, a enxergar beleza dos afrescos da vida de estudante.

Viajantes nº 05: Os esquecidos

Todo mundo tem um pouco do viajante esquecido dentro de si. O esquecido é aquele que não lembra dos horários de voo e que tem que sair correndo pro aeroporto. É aquele que deixa a mala para trás. Ou então, que, esquece coisas indispensáveis, como a escova de dente.

Apesar dos sustos e dos atropelos, o viajante esquecido também aproveita a aventura ao máximo. O imprevisto deles acaba levando a surpresas inesperadas, que geram coisas legais na viagem também. Viajar com eles é ter um gostinho a mais de adrenalina na vida.

E, você, Paulo Vitor, com sua simplicidade, fez essa viagem ter boas e amorosas surpresas. Mesmo esquecendo as datas, estava ali nos momentos, em horários diferentes, a me abraçar e me incentivar a continuar seguindo. Bom ter você, aqui nesta viagem e sempre em meus dias.

Viajantes nº 06: Os fotógrafos

Sabe aquele amigo que sai com você, tira umas fotos durante o passeio e, quando eles te mostram as imagens, você está incrível em todas elas? Pois é, esses são os fotógrafos. Com um clique ali, outro aqui, eles tiram fotos sensacionais! Eles fazem questão de capturar novos

ângulos, brincar com luzes e edições e de ter ideias criativas para explorar os cenários ao máximo.

Viajar com o fotógrafo é saber que suas memórias ficarão registradas da melhor forma possível. Com eles, cada viagem é um flash diferente. Obrigado, família ODEERE, por registrar e compartilhar cada passo meu dentro do Programa. Foram alegrias e ensinamentos registrados pelo olhar de quem se importa com a gente.

Viajantes nº 07: Os aventureiros

Os aventureiros são aqueles que topam qualquer coisa! Passeio de balão na Capadócia? Fechou! Pular de bungee jump? É com eles mesmo! Nadar em lugares exóticos? É só passar o colete salva-vidas que eles já estão indo. Os aventureiros aproveitam cada momento ao máximo e não deixam nada no meio do caminho. Viajar com eles é adquirir coragem para viver sua aventura plenamente.

Aqui, meu especial agradecimento a Tieta que topou, mesmo sem entender aonde chegaríamos, embarcar nessa viagem. Tieta é a força da luta LGBT e do colorido que esta viagem tem. Sem ela, não teria vida e poesia!

Viajantes nº 08: Os amigáveis

Os amigáveis são aqueles que vão coletando amizades novas, não importa por onde eles passem. Eles fazem amizade com o pessoal do hotel, com os funcionários do café local e com quem qualquer pessoa. Esses são aqueles que voltam para casa cheios de amigos espalhados pelo mundo e com uma lista de lugares para visitar e reencontrar os novos colegas.

Aqui, meu agradecimento a todas as companheiras e companheiros do Grupo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidades da UESB que me auxiliaram na construção de um percurso de pesquisa e na formatação de uma luta acadêmica em que nosso povo tem representatividade.

Viu? Existem vários tipos de viajantes e, às vezes, a gente encontra, em nosso caminho, um pouco de cada um. Tem gente que é 70% amante de culinária e 30% amigável e tem os que são 100% espertos. Outros são totalmente aventureiros e tem também aqueles que são 99% informados, mas aquele 1% esquecidos.

Mas o importante que cada um tem sua contribuição para nossa viagem. E até aqueles, que ainda não entende de viagem, nos gratifica com o olhar e o carinho de estar perto da gente. A você, meu pequeno Arthur, que me fez pai de primeira viagem, amor incondicional. Contigo, meu lindo, num rasgo de saudade, viajei no tempo e perdi o sono. Revi os planos, viajei com o vento e acompanhei seu canto. Revi momentos, cantei cantigas dos tempos idos que repetiam.

A viagem, companheirada, não para agora. Abraça o tempo, refaz o amor, constrói castelos e pontes e luas que afugentem a dor. A vida se faz com ardor. Momentos idos. Momentos findos. As linhas de uma experiência em que aventurei-me com tanto amor. A viagem não para agora. Nosso canto é vida. Nosso sonho é luz. Não paremos. Resistiremos. O amor é vida e nos conduz.

Obrigado. E de todas as companhias, só tenho uma certeza. Na nossa viagem, ele não!

As palavras que não tive tempo de te dizer...

Descobre-se estranho. Não por si. Mas pelo outro e doí. Ver em outros olhos, sua caricatura. Quem entenderia tamanha loucura? Acreditar ser o que realmente se quer ser. Não lhe o que está (im)posto; pois, se desperta desgosto, nosso caminho é seguir do lado oposto. Lado que incomoda. Atirou-me na cabeça. Fim de festa. Se não deu pra ir mais longe, fui só mais uma, apenas essa satisfeita, mas longe do sonho que carreguei. Quem dera fosse o amor o sentimento que despertei!

São palavras tristes e chorosas, num momento de perda, mas que me proponho a falar de amor. Amor como sentimento vivo que conhecemos no caminhar da amizade, no cotidiano das risadas, dos compromissos, da luta por uma sociedade que nos entendesse, que nos respeitasse e nos enxergasse como humanos. O ódio, a ausência de políticas afirmativas, a exclusão, a alta vulnerabilidade, tiraram do nosso convívio, a nossa Raphaela!

Conheci Rafa, como carinhosamente a chamava, em 2011, quando retornei a Vitória da Conquista para assumir meu concurso junto à Prefeitura de Vitória da Conquista. Ela era a primeira transexual funcionária da Secretaria de Desenvolvimento Social, atuando junto com o Programa Bolsa Família. Sua feminilidade, seu jeito sorridente, sua pele de jambo se destacavam naquele enorme salão. Foi ali que começou uma amizade e uma história de luta. Junto com Rafa, construímos a Assessoria de Diversidade Sexual, órgão que hoje é uma Coordenação de Políticas de Promoção da Cidadania e Direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais.

De lá para cá, foram anos de luta para combater essa cultura bastante sexista, de negar ao outro a condição de sujeito de direito. A Prefeitura, na então gestão do Prefeito Guilherme Menezes, alçou voos de reconhecimento nessa luta. E Rafa estava sempre lá comigo. Realizamos juntos duas conferências territoriais de Direitos LGBT; preparamos uma campanha publicitária para combater o estigma e o preconceito da sociedade em relação às travestis e transexuais, se tornando a primeira prefeitura da Bahia, entre os 417 municípios, a realizar uma ação comemorativa ao Dia Nacional de Visibilidade Trans.

Com Rafa, e sua luta junto às travestis e transexuais de nossa cidade, nos tornamos a terceira cidade do Estado a possuir decreto-lei que garante o uso do nome social de travestis e transexuais nos serviços prestados por qualquer órgão da Administração Pública Municipal Direta, Indireta, Autarquias, Fundações e nas instituições públicas de ensino.

Depois dessa experiência com Rafa junto da governabilidade municipal, vi Rafa se reconhecer como militante e defensora dos direitos humanos. Terminou seu contrato com a Prefeitura, foi fazer Serviço Social e se engajou na sua própria luta. Com nosso apoio institucional, fundou o Coletivo Finas pela Diversidade Sexual, cuja finalidade principal foi agregar o maior número de pessoas, independente de sexo, orientação sexual, etnia, credo, convicções filosóficas, condição social, para defender e promover o direito à liberdade da orientação sexual de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, homens e mulheres transexuais. Tornou-se a primeira presidente do Coletivo e daí não parou. Levou o movimento LGBT de Conquista a ter visibilidade e assumiu a cadeira de representante das travestis e transexuais da Bahia no Conselho Estadual LGBT.

É essa Rafa que eu conheço. Não a que foi morta pela sociedade discriminatória e que não tem uma política adequada sobre drogas. Não quero a imagem da Rafa que, por inúmeros motivos, encontrou no uso e no tráfico, um alento e um respeito. Sabemos que o contexto do uso de drogas aparece desafiador para a saúde pública brasileira. Ao relacioná-lo com a população de travestis, faz-se necessário uma sistematização singular, pela vulnerabilidade característica desse segmento.

O uso de drogas se associa principalmente ao momento de saída da casa dos familiares, conforme ressalta as principais etnografias sobre travestis brasileiras. A situação das drogas já enquadra por si só uma complexidade de fatores que implicam em ações educativas, sociais, políticas, de segurança pública e de saúde. Quando somamos a essa complexidade as especificidades travestis, temos uma nova equação, também desafiadora.

Entre os desafios está a dimensão ideológica, que nos leva a pensar que a forma como dizemos e fazemos as práticas de prevenção e intervenção estão longe de ser neutras e devem estar atentas ao contexto histórico e social da pessoa que faz uso indevido de drogas. E junto ao contexto histórico, há a importância em associar a dimensão ética reconhecendo os indivíduos em sua pluralidade, ou seja, evitando que julgamentos morais e familiares de certo e errado mascarem as ações e afastem o usuário de uma possível postura colaborativa.

No entanto, é fundamental que uma política integrada seja desenvolvida, para aumentar os repertórios de existência dessas pessoas, em termos de educação, saúde e trabalho historicamente restringidos. O uso de drogas nos espaços de sociabilidade trans deve ser compreendido como um potencializador da vulnerabilidade notória dessa população.

Mas ligar drogas-travestis-prostituição seria favorecer o preconceito já marcado no grupo. O que se enseja, portanto, é evidenciar o contexto bem como a precariedade das relações e das redes de proteção às travestis e transexuais para, então, considerar formas de minimizar os danos. Os resultados também vão ao encontro da Política Nacional e Estadual sobre Drogas, evidenciando a amplitude de ações que precisam ser demarcadas como a prevenção e atenção aos fatores de risco e proteção.

Por isso, nosso apelo é que Rafa não se torne mais um corpo estendido no chão. Revela-se aqui, mais uma vez, principalmente nas execuções de travestis, a evocação de uma imagem da desordem urbana, em que a sexualidade aparece conectado à pobreza, ao tráfico e às favelas. Bandos que atacam carros, assaltam moradores, provocam arruaças. Embora sob protestos de alguns agentes da lei, travestis acabam sendo assassinadas sem que muito se faça para esclarecer o caso.

Hoje foi Rafa. Mas os casos de execução chamam a atenção para a presença de diferentes hierarquias sociais no universo LGBT e, com isso, para a diversidade e complexidade das práticas LGBTfóbicas. Nesses casos, há uma clara confluência entre hierarquia de classe e gênero, já que as vítimas são normalmente travestis ou homossexuais pobres, envolvidos com prostituição ou moradores de bairros periféricos, que carregam o peso mais estigmatizante da homossexualidade.

A indiferença policial na apuração da maior parte desses crimes parece encontrar eco nas representações negativas de travestis como homossexuais especialmente desajustados, de modo que sua morte, em geral em idade bem inferior do que a das vítimas de latrocínio, tende a ser tomada por policiais como consequência de um modo de vida constantemente próximo da ilegalidade e que é recebida com poucas pressões, sobretudo familiares, por sua apuração e por justiça.

O que se deve ter em mente, constantemente, é que a ideia fundadora de direitos humanos remete de imediato ao princípio fundamental de que todas as pessoas possuem dignidade, inerente a sua condição humana que, independente de sexo, identidade de gênero, condição de saúde, raça, cor, língua, nacionalidade, idade, convicções sociais, religiosas, políticas, preferências sexuais, todos e todas estariam igualmente habilitados a gozar desses direitos.

Faltará tinta no dia que o céu for livre pra todos serem o que são. Cobertos pelo sol, sem nenhum tipo de opressão. Faltarão nomes pra descrever o mundo sem as misérias. O que sentimos, o que nos tornamos. O novo ser sem medo de viver. Faltará a falta que nos entristece que hoje enche o peito de vazio e fumaça. Mas digo, que com sua vida de luta, seu sorriso marcado em nosso coração, querida Rafa, não faltará amor, não faltará sonhos. O novo mundo se abrirá para o futuro, onde o presente dominará o passado e nossos corações enfim serão salvos.

A você, Rafa, que nasceu pra ser sujeito, escolheu, decidiu, quis ser você mesma, um descanso eterno. A nós, lutar sempre. Somos guerreiras sobreviventes de mais um dia, no campo de batalha. Da vida. Do corpo. Da alma. Ninguém solta a mão de ninguém.

Com saudades, Danillo Bitencourt.

RESUMO

Hora do embarque. A nossa movimentação é um passeio pela travestilidade numa perspectiva étnica. Discorrer e discutir a construção da identidade de gênero de uma travesti que saiu do interior cearense para o interior baiano, tendo como base suas narrativas e identificar e analisar os marcadores étnicos que permitem relacionar a travestilidade com a etnicidade. **Convite feito.** De início algumas travestis não quiseram ir com a gente, pois estavam insatisfeitas com a forma pela qual a academia realizava suas pesquisas com elas. O medo e a descrença pela pesquisa tomou conta de meus pensamentos. Pensei em zarpar. Mas, alguém, já na saída, nos deu a mão. Ela veio conosco. Com carão, com coragem, pegando carona. Ela. Tieta. Expulsa de casa pela mãe, por conta da descoberta dum romance com o pároco da Igrejinha de Jesus, Maria e José, da pequena Quixadá, no Ceará, Tieta seguiu viagem. E, numa encruzilhada, na boleia, chegou a Vitória da Conquista, no interior da Bahia, cidade em que mora este aqui, corresponsável pelas futuras linhas que irá transitar. Esta é, portanto, uma historia sobre migração, identidades, gênero, etnicidade e pertença de grupo. **O bonde na pista.** Nosso fluxo passa por estradas pós-críticas. A realidade é considerada como uma construção social e subjetiva, em perpétuo devir. E não estamos sozinhos. Encontramos gente que acredita que toda viagem é, por si só, um convite a (re)pensar. Revisitamos as rotas (conceitos), ajustamos os mapas (metodologia) e seguimos as bússolas (referências). E, como toda viagem, fizemos paradas para abastecer. Um giro para melhor compreender a feminilidade, a identidade, o trânsito, a travestilidade, as teorias da etnicidade, a partir das narrativas de nossa companheira Tieta. Com ela, pegamos carona e conhecemos muita gente. Não estamos sozinhos. **As/os passageiras/os e suas bagagens.** Judith BUTLER com a movimentação da teoria queer. Marcos BENEDETTI e sua etnografia no corpo todo feito das travestis. William Siqueira PEREZ e a explosão queering dos binarismos de gênero. Virgilio COELHO e nossas quiandas, quitutas e sereias. Robert/Raewyn CONNELL e as visitas para se pensar gêneros. Sandra dos Santos ANDRADE e os transportes metodológicos das pesquisas pós-críticas. José DAMICO e Carin KLEIN num itinerário para uma etnografia pós-moderna. Rosa Maria Bueno FISHER e a análise de discurso em Michel FOUCAULT. É, por si, uma travessia sociológica nos postulados de Friedrik BARTH, explorando todos os lados da etnicidade. **Terra à vista.** Nesse percurso, encontramos *rudia* para nosso pote. Descobrimos que é possível, com a história de Tieta, delimitar a travestilidade numa perspectiva étnica. Nós e elas. Travestis. Grupo. Afonso e Rafaela, amigos de Tieta nos reafirmam, em suas relações com Tieta, que a travestilidade pode ser (re)pensada como grupo étnico. Há uma origem comum nas histórias sobre travestis. As mais velhas a nomeiam e dali em diante, ela não foi mais a mesma. Língua e costumes próprios. Vestimentas e conceitos de gênero singulares. Fronteiras. Relações. Cruzamentos. Experiências. Aventuras. Oportunidades. Que tal pegar carona comigo e com Tieta?

Palavras-Chaves: Identidades, Travestilidades, Etnicidades, Grupos Étnicos, Migração.

ABSTRACT

Boarding time. We would like to take you on a journey to the world of *travestilidade* from an ethnical perspective. Our goal is to discuss gender identity construction of a transvestite who moved from the countryside of Ceará into Bahia and identify and analyze the ethnical features which allow the association between *travestilidade* and ethnicity based on her narratives. **Making an invitation.** At first, some transvestites did not want to join us because they were displeased with the way the academia had previously carried out research with them. The fear and disbelief of research took hold of my thoughts. I considered sailing away. However, someone gave us a hand as we were about to leave. She came along. Bold and courageous, she was in for the ride. She. Tieta. Kicked out of her house by her mother because someone found out about her romance with the parson of the Church of Jesus, Mary and Joseph in the small town of Quixadá in the state of Ceará, Tieta hit the road. In a short ride at crossroads, she arrived in Vitória da Conquista, city in the countryside of Bahia where this fellow writer in charge of the following lines will pass through. This is a story about migration, identities, gender, ethnicity and sense of belonging. **The crowd hit the floor.** Our flow travels by postcritical roads. Reality is regarded as a social and subjective construction in constant move. And we are not alone. We met people that believe every trip is in itself an invitation to think over. We revisited routes (concepts), got maps (methodology) and followed compasses (references). And, as in every trip, we made a few stops so we could fuel up. This is a tour aimed at understanding femininity, identity, traffic, *travestilidade*, ethnicity theories based on the narratives of Tieta, our travel companion. Together, we hitchhiked and met many people down the road. We are not on our own. **The passengers and their baggage.** Judith BUTLER's queer theory. Marcos BENEDETTI's body ethnography completely made out of transvestite bodies. William Siqueira PEREZ's queering explosion of gender binarisms. Virgilio COELHO's and our *quiandas*, *quitutas* and mermaids. Robert/Raewyn CONNELL and the meetings to think gender. Sandra dos Santos ANDRADE's methodological postcritical research fluidity. José DAMICO and Carin KLEIN's itinerary bound for a postmodern ethnography. Rosa Maria Bueno FISHER and Michel FOUCAULT's discourse analysis. This is essentially a sociological voyage anchored in Friedrik BARTH's tenets delving into all facets of ethnicity. **Land ahoy.** We finally made it to the shore. We found out that it is possible, through Tieta's story, understand *travestilidade* in an ethnic perspective. Us and them. Transvestites. Group. Afonso and Rafaela, Tieta's friends reassert through their relationship with Tieta, that *travestilidade* can be conceived of as an ethnical group. The stories of transvestites have a common thread. The elderly name her and she was never the same again from that moment on. Own language and habits. Clothing and unique gender concepts. Borders. Relationships. Sharing. Experiences. Adventures. Opportunities. How about hitching a ride with Tieta and me?

Keywords: Identities. *Travestilidades*. Ethnicities. Ethnical groups. Migration.

RESUMEN

Hora del embarque. Nuestro movimiento es un paseo por la *travestilidade* desde una perspectiva étnica. Con este viaje pretendemos discurrir y discutir la construcción de la identidad de género de una travesti que salió de un pueblo cearense hacia un pueblo *baiano*, teniendo como base sus narrativas e identificar y analizar los marcadores étnicos que permiten relacionar la *travestilidade* con la etnicidad. Invitación hecha. De inicio algunas travestis no quisieron ir con nosotros, pues estaban insatisfechas con la forma por la cual la academia realizaba sus investigaciones con ellas. El miedo y la incredulidad por la investigación se apoderó de mis pensamientos. He pensado en desistir. Pero alguien, ya en la salida, nos dio la mano. Ella vino con nosotros. Atrevida, con coraje, haciendo dedo. Ella. Tieta. Expulsa de casa por la madre, por el descubrimiento de un enamoramiento con el párroco de la Igreja de Jesús, María y José, de la pequeña Quixadá, en Ceará, Tieta siguió viaje. Y, en una encrucijada, haciendo dedo, llegó la Vitória da Conquista, un pueblo de Bahía, ciudad en la que vive este aquí, corresponsable por las futuras líneas que transitar. Esta es, por lo tanto, una historia sobre migración, identidades, género, etnicidad y pertenencia de grupo. **Todos en el viaje.** Nuestro flujo pasa por carreteras post-crítica. La realidad es considerada como una construcción social y subjetiva, en perpetuo devenir. Y no estamos solos. Encontramos gente que cree que todo viaje es, por sí solo, una invitación a (re) pensar. Revisemos las rutas (conceptos), arreglamos los mapas (metodología) y seguimos las brújulas (referencias). Y, como todo viaje, hicimos paradas para ganhar fuerzas. Un giro para comprender mejor la feminidad, la identidad, el tránsito, la *travestilidade*, las teorías de la etnicidad, a partir de las narrativas de nuestra compañera Tieta. Con ella, hicimos dedo y conocemos a mucha gente. No estamos solos. **Los pasajeros y sus equipajes.** Judith BUTLER con el movimiento de la teoría queer. Marcos BENEDETTI y su etnografía en el cuerpo todo hecho de las travestis. William Siqueira PEREZ y la explosión se quema de los binarismos de género. Virgilio COELHO y nuestras quindas, quitutes y sereias. Robert/Raewyn CONNELL y las visitas para pensar los géneros. Sandra dos Santos ANDRADE y los transportes metodológicos de las investigaciones post-críticas. José DAMICO e Carin KLEIN en un itinerario para una etnografía posmoderna. Rosa Maria Bueno FISHER y el análisis de discurso en Michel FOUCAULT. Es, por sí, una travesía sociológica en los postulados de Friedrik BARTH, explorando todos los lados de la etnicidad. **Tierra a la vista.** En ese recorrido, encontramos un paño para nuestro bote. Descubrimos que es posible, con la historia de Tieta, delimitar la *travestilidade* desde una perspectiva étnica. Nosotros y ellas. Travestis. Grupo. Afonso y Rafaela, amigos de Tieta nos reafirman, en sus relaciones con Tieta, que la *travestilidade* puede ser (re) pensada como grupo étnico. Hay un origen común en las historias sobre travestis. Las más viejas la nombra y de allí en adelante, ella no fue más la misma. Lengua y costumbres propias. Vestimentas y conceptos de género singulares. Fronteras. Relaciones. Cruces. Experiencias. Aventuras. Oportunidades. ¿Qué tal hacer dedo conmigo y con Tieta?

Palabras clave: Identidades. *Travestilidades*. Etnicidad. Grupos étnicos. Migración.

Lá vai ela pelo mundo

Aqui começa a nossa viagem. *A gente sempre deve sair à rua como quem foge de casa, como se estivessem abertos diante de nós todos os caminhos do mundo. Não importa que os compromissos, as obrigações, estejam ali... Chegamos de muito longe, de alma aberta e o coração cantando!*¹

Conosco, nesta viagem, o amor e Tieta. Entre as milhares encruzilhadas que o mundo possui, o amor vai de carona, de mansinho na bagagem da ironia, nas costas da falta de coragem, e por fim, pendurado nos últimos fiapos de esperança de uma sublime saudade. Saudades de onde estivemos, aonde repousamos e de todas as pessoas que nos acompanharam. Pelo mundo, com ela, vamos nós. E, como o amor, vamos de bigu²!

Pensar num texto que se divide em caronas, nesses cruzamentos de conceitos e inúmeras entroncamentos metodológicos, é garantir movimento na escrita. É um texto que sabe da incerteza da encruzilhada, dos atalhos que se abrem em talhos, da chegada hora da partida. Talvez, um exercício de não saber para onde iremos, mas como estamos de carona, sabemos que em algum lugar iremos chegar.

Então, que tal embarcar nessa viagem, de carona? Ou lê na sequência, ou faça os seus próprios caminhos. Estamos numa encruzilhada a pedir caronas. São várias bifurcações. Mas, daqui para frente, não um texto fechado, estático. E sim uma escrita com mobilidades. Nessa viagem, você pegará caronas literárias, caronas metodológicas, caronas com conceitos, caronas inovadoras, caronas sem rotas... E, nessa hora em que perdemos o rumo, saiba que se adaptar é parte do rolê.

Siga o fluxo. Flexibilize as rotas. É hora de “pegar carona nessa cauda de cometa, ver a Via-Láctea, estrada tão bonita, brincar de esconde-esconde numa nebulosa, voltar para casa nosso lindo balão azul”³.


¹ Trecho do poema “A verdadeira arte de viajar”, de Mário Quintana.


² Termo utilizado no nordeste do Brasil para carona.


³ Trecho da música “Lindo balão azul”, composição de Guilherme Arantes e interpretação da Turma do Balão Mágico.





Quer saber como viajar de carona pelo mundo? Está indo viajar como mochileiro ou mochileira pela primeira vez? Já está tentando viajar de carona, mas ninguém para pra você? Quer se tornar um caroneiro ou caroneira profissional? Tem medo ou dúvidas sobre pedir carona na estrada? Então este guia de carona é pra você.


 **Conhecer a Estrada:** Para entender como essa viagem começou, onde surgiu toda essa ideia, pegue a Carona 01, localizada na estrada 22;


 **Saber quem está na direção:** Para conhecer um pouco da história deste que dirige este veículo, pegue a Carona 02, localizada na estrada 26, e depois segue pegando a Carona 07, estrada 58;


 **Caminhos já percorridos:** Para saber sobre antigos caroneiros, as rotas já percorridas, pegue a Carona 03, estrada 31;

 **Quem está no carro com a gente:** Para conhecer quem nos acompanha nessa carona, quem dividirá conosco essa viagem, com histórias para contar, pegue a Carona 04, estrada 42, e depois um atalho até a carona 08, estrada 65;

 **Novas rotas, mudança de caminhos:** Nem sempre o caminho escolhido nos levará ao destino que desejamos. Para conhecer a mudança de rota, pegue a Carona 05, estrada 48;

 **Entrocamentos metodológicos:** Aqui, você irá conhecer as bifurcações, as escolhas, as bússolas para continuar o caminho. Pegue a Carona 06, estrada 50;

 **Aventuras inovadoras numa trilha peculiar:** Nunca estamos sozinhos. Há em nossa estrada, outros caminhos e inúmeras relações. Carona 09. Estrada 76. Rotas para uma etnicidade travesti, Carona 10, estrada 81;

 **Outros acessos de nossa encruzilhada:** Estamos caminhando. Há desbravamentos por aí. Estrada 98. Em toda essa caminhada, as bússolas. Estrada 103. E para toda essa viagem, teve autorizações. Estrada 112.



No nosso caminho, sempre encontramos algumas placas que são verdadeiros criptogramas, aqueles jogos de palavras e letras que faltam para te levar a uma resposta escondida. Seguindo as pistas, encontrará o significado das palavras que foram reduzidas a fim de gerar mais agilidade no texto e na estrada.

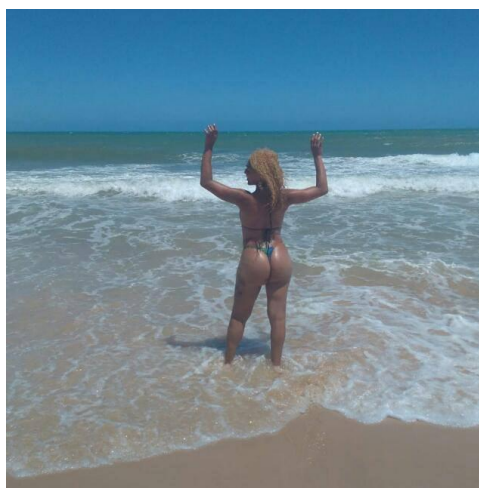
Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações	↕	↕	^	↕		
Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde	↕	⇒	↻	↕	↻	↕
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior	↕	↻	↻	↕	↘	
Classificação Internacional de Doenças	↕	⇒	↕			
Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais	↕	↘	↻			
Exame Nacional de Ensino Médio	↕	↻	↕	↻		
Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo	↕	↻	↻	↕	↘	↻
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística	↕	↕	↕	↕		
Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais	↻	↕	↕	^		
Órgão de Educação e Relações Étnicas	↻	↕	↕	↕	↻	↕
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação	↻	↻	↕			
Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade	↻	↻	↕	↻	↕	↕
Scientific Electronic Library Online	↘	↕	⇒	↕	↻	↻
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia	↘	↕	↘	↕		



Para viajar basta existir.
Fernando Pessoa

Estamos sempre na encruzilhada. Cada dia é vários caminhos. Possíveis caminhos. Cada hora é mais que uma estrada. E a cada hora, a cada hora, há que virar para a direita ou esquerda. Segundo uma lei que se ignora ou um impulso cujo instinto não se herda. Sempre tantos caminhos! E nós, sem tempo para escolhê-los... Apressados, ignaros e sozinhos, tomamos o que tem que ser. Vamos para onde não sabemos. E não sabemos onde estamos. (Sempre na Encruzilhada, Fernando Pessoa).

Era retorno⁴. A alegria não é cinza, mas também não tem cor. Mas se eu fosse procurar uma, seria azul. Igual aos dos olhos de meu pequeno Arthur, igual ao vestido de mamãe secando na cerca no sol e o do céu sem chuva. Azul como o mar. Como a calda da sereia, estampada, há vinte cinco anos, na perna da Tieta. Essa foi minha primeira visão, no nosso primeiro encontro. Era 2011. Mãos. Pés e mãos. Contramãos. Sins e nãoos. Olhos sãoos. *Primeira tatuagem que eu fiz foi a de sereia. Amo o mar. Adoro roupas de calda, me sinto sereia quando visto roupas assim. Meu sonho, meu futuro, um dia, se Deus, o Criador quiser, é ter uma casa em frente ao mar. Com um monte de conchinhas e ficar cantando para chamar os bofes. Eu adoro água. Branco. Brincos grandes. Meu quadril. Quer beleza? Toma!*⁵⁶



⁴ Após seis anos fora, residindo em 192 cidades da Bahia, retorno à Vitória da Conquista para assumir a função de Assessor Técnico da Diversidade Sexual, da Prefeitura de Vitória da Conquista, no ano de 2011. Função esta que, com trabalho e luta política, se institucionalizou na Coordenação de Promoção da Cidadania e Direitos da População de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Espaço que coordenei até o ano de 2016 que, em razão da mudança política partidária no comando da Prefeitura da cidade, fui afastado das funções por perseguição política. Até o momento da escrita deste texto não tenho nenhuma referência da continuação do trabalho exercido por nós, desde o ano de 2011. Triste Bahia. Triste Conquista.

⁵ Aqui inicia a sinalização de nossas estradas. Os textos, em **vermelho**, se referem às falas de Tieta. A cor vermelha foi escolhida pela entrevistada por ser a cor do pecado, do calor e do fervor. Há também destaque das falas de Afonso, em **rosa**, e Raphaela, em **azul**, participantes dessa pesquisa. As cores azul para o gênero feminino e o rosa para o masculino é uma forma de apresentar que cores, assim como o sexo, não define o gênero das pessoas. As citações de autores seguirão a seguinte marcação: a) Nome completo do(a) autor(a) quando for citado pela primeira vez; b) Nome/sobrenome em **negrito** em referência às autoras, maneira para identificar as vozes femininas no nosso texto/ c) Nome/sobrenome em **lilás** sinaliza os(as) autores(as) cujas pesquisas/publicações perpassam pelos estudos de gênero e travestilidade e d) Nome/sobrenome em **vermelho** (a cor que Tieta escolheu para si) marca a presença de autoras/es transexuais e travesti no texto.

⁶ Trecho de entrevista concedida ao pesquisador, em 05 de agosto de 2017, na localidade de Campinhos, residência atual da entrevistada. Aqui, o questionamento era falar um pouco de sua identificação com o passado, de onde a entrevistada imagina-se de onde veio, enquanto ancestralidade.

QUEM SÓ ACREDITA NO VISÍVEL TEM UM MUNDO MUITO PEQUENO!

Tieta Sereia. Uma representação que não pode ser compreendida fora da temporalidade da troca dialógica, da performance. Esta abre espaço para a discussão sobre o modo como as pessoas se identificam e se comportam nessas representações. Ser sereia, como ser travesti, nos apresenta que ela própria é um ser híbrido. Parte aquática. Parte terrestre. A sedução, tão presente naquela entrada de Tieta, no salão de eventos, no Centro de Referência dos Direitos das Pessoas Idosas, na cidade de Vitória da Conquista, Bahia, para um encontro com as travestis do município, fizera-a sereia, como ela mesma precisa afirmar para evidenciar sua nova subjetividade.

Era nossa primeira atividade. Dezoito de dezembro de 2011. Aconteceu bem após a institucionalização da política LGBT na Prefeitura Municipal, na época em que eu estava na frente da Coordenação de Políticas LGBT. Nossa atividade teve o objetivo de conhecer a galera LGBT da cidade bem como organizar nossa ação de Visibilidade Trans: “Dentro de mim! Seja qual for seu gênero, Conquista respeita a sua identidade”. A ideia era ouvir as inúmeras histórias das pessoas trans da cidade e, nesse escutar, fugir das histórias negativas, que negligenciam as muitas outras histórias que formam o universo da travestilidade. Fugir do perigo da história única, esta que é definida pelas relações de poder: como são contadas, quem as conta, quando e quantas histórias são contadas (ADICHIE CHIMAMANDA, 2012).

*Sou Tieta. Não a do Agreste. Mas a do Ceará. A que saiu do Quixadá, a terra da Galinha Choca, e veio parar aqui, nessa cidade deliciosa, fria, que me ajuda a esquentar os bofes. (...) Quanto tempo? Pra que isso, bicha. Para de ser indiscreta. Sou vivida. Isso que importa. E te contarei tudinho que precisar. Sou sua amiga. Quero te ajudar. Você sempre me ajudou. Sou bonita, gostosa, boa de cama e, claro, travesti!*⁷

E, como um clarão de luz este ser surgiu do profundo de um túnel de nuvens azuis, azul violeta, violeta-anil. Marchando, em nossa direção, um corpo se desenhava de peixe-mulher. E à medida que avançava essa silhueta brilhante, as nuvens se abriam de par e era agora vestida

⁷ Em todo o texto, como sinalizado anteriormente, as falas em vermelho se referem à participação de Tieta, nossa sujeita de pesquisa, em nossa viagem. Por enquanto, teremos pedaços da vida dela espalhados pelo texto para, quando chegar a hora da parada, descermos um pouco e conhecer de perto essa que nos acompanha. Mas, se você for daqueles viajantes apressadinhos, que coloca o pé no acelerador, pode seguir na Estrada 48. Contudo, todo esse caminhar, até esse encontro com ela, passaremos por rotas e atalhos necessários para, quando estivermos cara a cara com Tieta, compreendermos o porquê de toda essa viagem, que aqui começa.

de madrepérola opalina. “Os cabelos longos cobrindo-lhe o busto; os olhos com a dor do mar; a pele sedosa, de ébano diamante. E grácil, com um salto acrobata, junto dele na piroga se foi instalar” (VIRGÍLIO COELHO, 2010, p. 240).

A sedução da sereia, segundo Bogumil Jewsiewicki (2010), advém, sobretudo, da hibridez de sua imagem, de seu posicionamento na encruzilhada de várias temporalidades. Não seria também as travestis esse entrelaçar de tempos, contratempos, performances e identificações? A feminilidade exposta nos longos cabelos soltos cobrindo os seios, as joias (brincos, braceletes, pulseira) davam um contorno àquele corpo, situado entre-mundos: o da natureza, o da mercadoria, o da ambiguidade. Mas não será “o erotismo do outro transformado em objeto-espelho que torna moderna sua representação?” (JEWSIEWICKI, 2010, p. 120). O ícone da sereia é um contexto e uma síntese. É uma janela para novos mundos.

Mundos com trânsitos. De espaços, de identidades, de gêneros, de corpos, de sexualidades. Aqui, desvincula-se de tudo o que nos aprisiona e, nesse sentido, aproxima-se dos deslocamentos proporcionados pelos sonhos, por não ter necessariamente compromisso com o racional, com o tempo cronológico, com o previsível, o certo ou errado, o verdadeiro ou falso. É uma viagem em que somos convidados/as a aventurar-se por uma fronteira em que o possível e o impossível se entrelaçam, concebendo uma atmosfera diferenciada. Viagem que nos captura em nossas entranhas, de onde nos faz emergir com um outro olhar. “Nas fronteiras, você é um campo de batalha, onde os inimigos são parentes entre si; você está em casa, uma estranha. Para sobreviver às fronteiras, você deve viver *sin fronteras*, ser uma encruzilhada” (GLORIA ANZALDÚA, 2007, p. 217).

E, nessa olhada para Tieta, fiz deslocamentos vários. *Tu me encontrastes de mãos vazias. Eu te encontrei na contramão. Na hora exata, na encruzilhada*⁸. Fui percebendo que as fronteiras traçadas entre ser masculino e ser feminino são mais porosas e penetráveis do que nos fizeram crer. Centros sempre tiveram suas periferias; e as periferias, por sua vez, sempre tiveram seus centros. Foram as ideias dessas periferias centrais que me impressionaram, pois foram suficientemente potentes para se transformarem em textos e viajarem.

⁸ Trecho da música *A Promessa*, de Engenheiros do Hawaii.

Nessa viagem, há os/as que escapam, que fogem. São essas fugitivas e esses fugitivos aqueles sujeitos das periferias centrais. Aquelas pessoas cujas subjetividades foram marcadas pela depreciação de sua cor, pela patologização de seus desejos, pela depreciação da sua ciência pouco ortodoxa. É esse rebuliço que me interessa. Por seu potencial político, essas pessoas me interessam. “É necessário abrir a caixa preta dos processos de construção do gênero e da sexualidade que, se são construídos, podem ser desconstruídos, reconstruídos, manipulados, transformados, etc” (BEATRIZ PRECIADO, 2010, p. 4).

Tieta é a sereia em seu movimento de mutação, de metamorfose, de trans-fazimento de uma realidade que a limitava para alcançar outra mais em conta no que dizia respeito ao seu desejo aqui e agora. É de se pagar promessas para o bem-querer. Assim como a Pequena Sereia, do conto de Hans Christian Andersen (2011) perde a cauda para ganhar pernas, do mesmo modo Tieta perde as suas pernas para ganhar as asas que lhe permitirão o vôo: *já morei em Belo Horizonte, no Rio de Janeiro, em São Paulo, na capital, em quase todos os interiores de São Paulo, Brasília, Rio Grande do Sul. Já fui para Santa Catarina. Já rodei tanto, fia. Conheci muita gente. Gente boa e gente ruim. Uma experiência de vida. Mudar de ar, de grupo, juntar com os outros. Agora, tô aqui, em Conquista. Só esperando a hora de bater minhas asinhas. Só engordando para ir pro matadouro.*

Sobre isso, e tantas outras curiosidades, eu escolhi esse caminho: ouvir tramas e contar histórias. E, no ouvir das narrativas de Tieta, reconhecer na travestilidade a possibilidade de um grupo étnico. Para isso, uma questão investigativa norteia este trabalho: quais marcadores étnicos revisitados e ressignificados, na tessitura dos fluxos migratórios e nas relações interpessoais vividas por Tieta, nos possibilita afirmar a travestilidade como um grupo étnico? Nesse entrelaçamento, tomamos como objetivos discorrer e discutir a construção da identidade travesti de Tieta com base em suas narrativas e identificar e analisar os marcadores étnicos que permitem relacionar travestilidade e etnicidade.

Baseamo-nos em estudos com foco nas relações étnicas que consistem em “inventariar um repertório das identidades disponíveis em uma situação pluriétnica dada e descrever o campo de saliência, os realces étnicos, nas diversas situações de contato”. (POUTIGNAT e STREIFF-FENART, 1998, p.117). Aqui, nosso caminho é construir uma rota que vislumbre a etnicidade, ou melhor, os grupos étnicos, de uma nova maneira, mas condizente às questões do mundo moderno. Quais sinais mais significativos que Tieta escolheu para se diferenciar dos outros? A origem? A língua? Os costumes? A vestimenta? Todos eles? Afinal, nas

situações de fronteiras, a identidade é mais operante e os traços distintivos são reafirmados e, portanto, marcados.

Sendo, aqui, um exercício da escrita, é também, igualmente, um ato de liberdade. Sendo essencialmente um ato criativo, as premissas nem sempre serão lineares, já que a realidade, sociedade e natureza, na qual busco as sugestões para este ato, apresentam-se de forma multifacetada. Algo me acompanha. Nem sempre aquilo que desejamos realizar é consensual e nem sempre o ato de criação ocorre de maneira uniforme. Será, portanto, como as travestis, as sereias: uma escrita com mobilidades. De ideias. De conceitos. De construções. Emaranhados de dúvidas, incertezas e lembranças.

**NO VENTRE DO POTE *MILAGROU* VIDAS,
NASCEU LUZ QUE ALI DESABROCHOU.**

Líquida e incolor, insípida e inodora. Incolor não. Azul. Talvez seja essa a cor se água tivesse cor. E por que não ter? Colorir de azul o espaço molhado entre os sonhos e as lembranças. Daquelas estórias contadas por bisa⁹. Sobre os rios. *Rios que eu encontro e vão seguindo comigo. Rios com nome de gente, outros com nome de bicho, uns com nome de santo, muitos só com apelido*¹⁰. E nesses rios referenciados por bisa, elas. As sereias. Com seus encantos. Ou elas, as lavadeiras, com seus potes de água. Na cabeça, o pote. No pote, poesias.

Bisa já dizia que somos pote e a água é a poesia. O pote, talvez seja, um pedaço de não-ser cercado de argila por todos os lados, menos um. O pote é útil porque ele é um vazio que se pode carregar. Traz em seu corpo, as marcas, os registros e os anseios ao longo de sua estória de feitura. Assim como o oleiro constrói seu pote, as travestis constroem seu corpo. Com vazios e com preenchimentos. Do simples ato de comprimir a argila entre as mãos, surge a estrutura que possibilita definir o dentro e o fora do corpo. O ceramista constrói a forma do pote. As travestis constroem seu corpo. Ambos/as, como se estivessem contornando seu vazio interno.

E é nesse vazio que guarda a alma do pote-travesti que, potente de ar, preenche sua estrutura e acolhe as mais diversas histórias com seus processos de criação, utilização e representação. A partir da escolha da argila-hormônio, a pele do pote-travesti começa a definir em sua textura, cor e sonoridade. A maleabilidade da argila-hormônio se ajusta, molda e formaliza a ideia da silhueta do pote-travesti, que aos poucos sai se transformando, apresentando tonalidades e temperaturas diferenciadas durante seu processo de secagem-vivência.

⁹ Bisa é o apelido carinhoso como chamávamos nossa querida Maria Honorina Bitencourt, nossa bisavó materna. Bisa era aquela figura carinhosa e amável que tinha o dobro da paciência de nossos avós, se é que isso é possível, e o triplo da paciência de nossos pais. Era sempre vista a passos lentos, indo de um cômodo a outro com a esperança de fazer o melhor. Carregava em seu coração diversas histórias, algumas muito tristes, pois já perderam muitos entes queridos com o passar do tempo, outras, entretanto, são recheadas de alegrias e entretém qualquer plateia, até a gente, os pequeninos.

¹⁰ Trecho do poema Rios, de João Cabral de Melo Neto, acessado em <https://abensonhar.wordpress.com/tag/joao-cabral-de-melo-neto/>, 26.11.2017

Comecei a tomar hormônio, eu tinha nove anos. Eu tomava os remédios da minha mãe. Minha mãe era puta e tomava uns remédios lá. E eu tomava escondido. Além de meus seios crescerem, meus cabelos ficaram bonitos, minha voz deu uma afinada, me deu umas curvas, mais bumbum. Realmente não senti nenhum efeito negativo, acho que meu organismo se adaptou a eles, como se fizesse parte de mim, como uma droga que me viciou... Já o silicone foi depois de minhas andanças pelo mundo, com as bombadeiras. O silicone é a dor da beleza. O corpo feito, todo quebrado na plástica é o sonho da maioria. Mas, quem não pode com o pote, querida, não pega na rudia.

Pote-corpo. Argila-Hormônio. Oleiro-Bombadeira. Modificações-poesia. São estrofes de vida das travestis que nos ajudam a compreender os significados que elas atribuem a esse processo de transformação. Em relatos etnográficos já realizados em nosso país (MARCOS BENEDETTI, 2005; DON KULICK, 2008; HÉLIO SILVA, 1993), uma travesti não se faz somente com roupas e adereços femininos, mas também podem utilizar hormônios para arredondar o corpo, talvez até silicone para dar forma e volume aos seios e quadris.

Não apenas sua forma física é flexível, mas todo um repertório discursivo é adaptado de acordo com a situação. Tais características não o tornam uma criatura desprovida de personalidade ou identidade. Aquilo que se torna visível aos olhos do corpo social pode ser apenas uma encenação, uma performance, como parte de um jogo que tenta preservar a própria existência, física e emocional, que está em risco constante (MEGG RAYARA GOMES OLIVEIRA, 2017, p.21)

A dor durante este processo dá sentido às suas vivências e marca suas histórias. Como diz Tieta, *é preciso ter rudia para segurar esse pote!*

Rudia: equilibrar potes na cabeça! *Pela vereda que vinha do rio, a gente ia cantarolando. Com o pote à cabeça, o braço direito erguido, segurando a rodilha. Esse era o preâmbulo das inúmeras histórias escritas e contadas por bisa, em nossa infância. Sempre substituía o Era uma vez... por potes e rodilhas: num passado não muito distante, naquele Portugal esquecido, onde por todos serem miseráveis, a miséria notava-se menos, tempos duros sem água canalizada, sem luz, sem transportes, foi a rodilha a melhor amiga, a maior ajuda. Que o digam as tricanas e lavadeiras de Coimbra, as varinas de Lisboa, as aguadeiras de Canecas,*

*britadeiras das minas de volfrâmio, as mulheres da beira no transporte da lenha e das pinhas e quantas e quantas vezes no transporte dos filhos*¹¹.

Ela falava dos rios. Local de trabalho duro, mas também de encontro, de convívio para quase todas as mulheres portuguesas. E sobre as vidas que eram feitas no próprio rio. Entre roupas, sabão, água, potes e rodilhas. E, numa dessas entrevistas com Tieta, a rodilha, para ela *rudia*, se refaz em significados. Junto a eles, as lembranças dos contos de Bisa. Bisa sempre dizia que a rodilha servia para equilibrar. Potes, memórias, vidas, conhecimentos. E continuava: *sempre temos momentos na vida que não conseguimos segurar firmemente os potes em nossa cabeça. Por isso precisamos da rodilha. A rodilha, queridos, são os alicerces que auxiliará nossos caminhos e decisões. É a coragem pra seguir em frente. É o que segura tudo aquilo que não queremos derrubar. Mas se não tiver vontade e desejo de agarrar as oportunidades, melhor nem pegar na rodilha. As lavadeiras só carregavam o pote com a quantidade de água que aguentava. Não adianta querer muito se não consegue ir até o destino final: para cada pote, sua própria rodilha. Para cada desafio, nossa própria coragem*¹².

Pote-Academia. Rodilha-Aprendizagem. Querendo, então, reconstruir esse olhar sobre a travestilidade, aliando-o a minha história de militância, resolvi retornar aos caminhos da Universidade, quando, em 2016, começo minha preparação para ingressar num programa de Pós-Graduação. Fiz algumas pesquisas para encontrar um lócus que articulasse a minha vivência social com a construção de conhecimentos científicos. Foi quando me deparei com um possível pote: o Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidades (PPGREC) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Jequié, vinculado ao Órgão de Educação e Relações Étnicas (ODEERE).

Assim como o tradicional caruru¹³, oferecido anualmente no ODEERE, percebi nesse lugar a junção de todos os ingredientes necessários que eu precisava (e procurava) para

¹¹ Trecho do diário de Bisa, escrito em 1908, guardado por minha querida vó, na biblioteca de nossa casa de roça. Páginas amareladas, cores do passado, misturam-se as cores do sol entre as árvores, dos cantos dos pássaros. Descoberta atual, nesses momentos de ida para roça, descansar da lida diária, dos potes da vida.

¹² Ibidem.

¹³ Presente em quase todas as regiões do Brasil, o caruru é uma planta silvestre e comestível que cresce cerca de 80 cm. De grande valor nutritivo, a planta é, em muitos lugares, considerada um mato, uma praga que para nada serve. Conhecido popularmente como bredo, a planta é de uso comum na região da Bahia. Aqui, caruru é um prato de origem afro indígena, que se tornou um dos principais pratos da culinária baiana onde, nas religiões de matriz afro-brasileira, depois de pronto é oferecido aos Orixás. Originalmente o caruru era um refogado com folhas de caruru e ervas que os índios faziam para acompanhar carnes de caça e peixes. Já os escravos utilizavam

regressar à Universidade. Para além do quiabo, azeite de dendê, amendoim e camarão, encontrei sabores de harmonia entre a pesquisa e a extensão, entre o ensino e o aprendizado solidário. Foi aí que decidi concorrer a uma vaga neste Programa, em que me apresentou como um espaço que poderia articular meu ativismo com os atuais, e em permanente construção, conhecimentos científicos.

Então, reconhecendo a área de concentração do PPGREC em desenvolver estudos e pesquisas no campo das relações étnicas e de gênero/sexualidades; e, mais especificamente, na investigação proposta pela Linha 2 - Etnias, Gênero e Diversidade Sexual – que objetiva estudar, no contexto das relações étnicas, os modos e as formas como as sexualidades e as relações de gênero são produzidas, reproduzidas e ressignificadas, com ênfase na contemporaneidade, resolvi aventurar-me num caminho do estudo da travestilidade e as posições-de-sujeito realçadas no percurso de algumas travestis em suas trajetórias de afirmação de suas identidade(s) étnica(s) e de gênero.

Como aponta **Marília dos Santos Amaral, Karla de Oliveira Cruz, Talita Caetano Silva e Maria Juracy Filgueiras Toneli** (2014), trabalhar com travestilidades é algo recente no universo acadêmico, iniciando-se a partir de 1990 com estudos nas ciências sociais e antropologia. No ano 2000, há um boom nesses estudos graças, como ele relata, às contribuições dos estudos pós-estruturalistas: “os achados demonstram o expressivo interesse acadêmico por suas experiências corporais, políticas e sociais que nesta última década, passaram a fazer parte de pesquisas científicas em variadas áreas do conhecimento” (**AMARAL** et al., 2014, p. 302).

Nesse itinerário encontro-me agora. Segurando minha *rudia*. Pensar numa proposta que, além de ser inovadora e contribuir para a ciência, permita também dialogar com os diversos saberes apreendidos em minha vivência cotidiana com travestis no meu percurso militante. Para tanto, prosseguimos com uma leitura sobre o estado atual dos conhecimentos sobre o tema, as suas lacunas e a contribuição da investigação para o desenvolvimento do conhecimento. Hora de revisar!

Como nos informam **Teresa Cardoso, Isabel Arlacão** e Jacinto Antunes Celorico (2010, p. 7) “cada investigador analisa minuciosamente os trabalhos dos investigadores que o precederam e, só então, compreendido o testemunho que lhe foi confiado, parte equipado para

a folhagem do caruru para complementar suas parcas refeições acrescentando a pimenta e o dendê. Gradativamente, o caruru foi sendo substituído pelo quiabo, mas o nome do prato permaneceu o mesmo.

a sua própria aventura”. A aventura, aqui, nesse caso, chamamos de estado da arte. Uma mistura da arte de minha Bisa, com suas histórias sobre os rios. Da arte de equilibrar potes na cabeça. Da arte de ser trânsito e paradas, como Tieta. Aventuremos e revisemos.

ABRE-SE. RASGA-SE.

CORTA-SE. COSTURA.

REÚNE. REVISÃO.

Acompanha-nos os/as defensores/as dos “estados da arte como significativa contribuição na constituição do campo teórico de uma área de conhecimento” (JOANA PAULIN ROMANOWSKI; ROMILDA TEODORA ENS, 2006, p. 39). É uma trilha que nos permite identificar os atalhos significativos de construções teóricas, apontar as restrições sobre o campo em que se move a pesquisa, as suas lacunas de disseminação, identificar rotatórias inovadoras e, principalmente, reconhecer contribuições da pesquisa para tantas Tietas que vivem, cotidianamente, nas fronteiras:

meio a meio
tanto mulher como homem
nenhum
um novo gênero.

(ANZALDÚA, 2010, p.113)

Falar de gêneros, lugar instável e passível de transformações, é se situar em um espaço de lutas marcado por interesses múltiplos. Nas últimas décadas, essa disputa interna e externa ao mundo acadêmico ficou explicitada. “A tensão desse debate é potencializada quando se faz um recorte vinculando-o às questões das pessoas transexuais e travestis” (BERENICE BENTO; LARISSA PELÚCIO, 2012, p. 576). Pessoas estas que navegam entre o masculino e feminino, categorias vazias e transbordantes. “Vazias, porque não têm nenhum significado último, transcendente, transbordante, porque mesmo quando parecem estar fixadas, ainda contêm dentro delas definições alternativas, negadas ou suprimidas” (JOAN WALLACH SCOTT, 1995, p. 93).

A nossa rota nessa trilha-travesti, nessa navegação entre o vazio e o que transborda, nos mostrou algumas direções. Há ventos que nos corta, ventos-migrantes, ventos-de-gênero... A gente vai inventando o vento que nos venta. É vento que cria, elabora, descobre, arquiteta, trama e fantasia. São esses ventos que também nos impulsiona e nos leva à frente, na rota, na trilha, na direção. De acordo com os anseios, desejos, sonhos que sopram do/a pesquisador/a-navegante: ver quais barcos já navegaram e ancoraram nas discussões entre travestilidade e

migração e, mais ainda, o que esses barcos trazem sobre essas tripulantes-travestis em suas fronteiras étnicas e de gênero. São dois ventos. Que tem seus caminhos, mas que se cruzam, entrelaçam, refrescam a minha mente.

O barco ainda no porto, balança. Há uma grande confusão, todos/as passam com pressa, me empurram e gritam. Em seus rostos: medo, desespero e esperança. A buzina soa. Grande correria. Entro no barco e me seguro no mar de gente. Com essa gente-travesti-migrante, coloco meu barco para experimentar outros mares: a CAPES¹⁴, a BDTD¹⁵ e a SciELO¹⁶. Sabe o que encontrei? Seguindo a direção dos ventos-travestis, entre os anos de 2000 a 2016, me deparei com 420 tesouros no fundo do mar, cheios de travestilidades. Mas quando a gente coloca esses tesouros em contato com a rota-migração, eles somem. Durante a viagem, muitos são deixados. E eu sou engolido pelo mar. Ficamos apenas com 04 baús, contendo os achados sobre travestilidades e migração (**MICHELLE BARBOSA AGNOLETI**, 2014; **MARIA CECÍLIA PATRÍCIO**, 2008; **FLAVIA DO BONSUCESSO TEIXEIRA**, 2008; **JULIETA VARTABEDIAN**, 2014).

Chego ao fundo do oceano e recolho esses baús encontrados. Baús que guardam o segredo almejado desde a aurora dos tempos por gênios/as, sábios/as, alquimistas e conquistadores/as. Mas meu olhar descoberto, por duas únicas frestas, ainda procura disperso, contemplando o que lhe resta. Conheci os tesouros num estranho ritual revelado a poucos. Hoje eu posso enfim revelar que essa busca de séculos não foi em vão. E direi os porquês.

Primeiro baú. Mar da BDTD. Dezembro de 2008. **Maria Cecília Patrício**. Dissertação de Mestrado. Fluxos migratórios de travestis brasileiras para a Europa. Espanha. Transnacionalização. Globalização. Construção de identidades. Crivadas de ambiguidades. Um baú que traz os achados de Stuart Hall (2001, 2003) quando trata de identificação fazendo parte de um “complexo de processos e forças de mudança” (HALL, 2001, p. 67), a globalização, enquanto condição que as atraem para o novo, para uma nova situação de vida, de espaço e de comportamento localizado em uma situação diaspórica (HALL, 2003).

¹⁴ A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) é uma fundação vinculada ao Ministério da Educação do Brasil que atua na expansão e consolidação da pós-graduação stricto sensu em todos os estados do país.

¹⁵ A Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) integra e dissemina, em um só portal de busca, os textos completos das teses e dissertações defendidas nas instituições brasileiras de ensino e pesquisa.

¹⁶ A Scientific Electronic Library Online (SciELO) é uma biblioteca eletrônica que abrange uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros. É o resultado de um projeto de pesquisa da FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, em parceria com a BIREME - Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde.

Identidades estabelecidas no movimento. Nos fluxos. Defende aqui um conceito: migração de trânsito. Ser brasileira lá e europeia aqui: nacionalidades ambíguas num *habitus* travesti segundo um pertencimento ao próprio processo de fluxo de pessoas no mundo. Mundo social dentro do corpo (PIERRE BOURDIEU, 1994). “É através da mobilidade na migração entre nações que as travestis alcançam o mais importante em suas trajetórias de vida enquanto pessoas que buscam, nesta circulação, dar certo na vida” (CECÍLIA PATRÍCIO, 2008, p.139-140).

Segundo baú. Mar da SciELO. Julho-Dezembro de 2008. Cadernos PAGU. **Flávia do Bonsucesso Teixeira**. Dossiê Gênero e Tráfico de Pessoas. É verão e elas chegam pelo mar. O sonho do deslocamento entre Brasil-Europa: forma recorrente na bibliografia sobre a temática travesti. Revisão histórica dos cenários da prostituição como significativos espaços de sociabilidades no campo de diferentes pesquisadores que se aventuraram a investigar o cotidiano das travestis. “Primeiro vem o peito, a Itália vem depois... Essa saída das travestis para a Itália e as condições para a permanência nos primeiros tempos se estabelece por acionamento de redes informais de amizade, gênero e parentesco” (TEIXEIRA, 2008, p.285-286). Essa constituição de redes, marcadas pelo gênero e laços de amizade, guarda semelhanças com as redes acionadas por outros migrantes em busca de uma outra vida em outro lugar. Mas evidencia que todas essas semelhanças não ofuscam as heterogeneidades. Essas nos ajudam a pensar que, em processos migratórios, as travestis vivem uma situação de dupla ilegalidade: outro nome, outro país.

Terceiro baú. Mar da SciELO. Janeiro-Junho de 2014. Cadernos Pagu. Artigo em espanhol. **Julieta Vartabedian**. Processos transmigratórios na construção das identidades de gênero das travestis. Uma escolha conceitual. Transmigração. “(...) constantes trânsitos, corporales y geográfico-espaciales, que las travestis accionan para construir su lugar em el mundo” (VARTABEDIAN, 2014, p. 277). Uma viagem migratória que era simultaneamente corporal e espacial pois, ao transitar em diversos destinos da Europa, iam transformando e embelezando seus corpos num desejo de ser como “*bellas mujeres*” (Id, p. 278). Mostra-nos, também, uma migração realizada por outros elementos, para além dos econômicos. Há outras motivações. São vários outros escapes. Um estudo rico que nos faz enxergar a migração como um elemento fundamental do processo de construção das travestilidades. São, assim, “desplazamientos espaciales (...) también trânsitos por los limites de un territorio corporal” (Ibidem, p. 284).

Quarto. Último baú. Mar da CAPES. Ano 2014. **Michelle Barbosa Agnoleti**. Tese de Doutorado. Aspectos sociais e as implicações jurídicas do trânsito de travestis paraibanas para a Itália. Migrar. E, novamente, para Europa. Oito paraibanas que se reformulam subjetiva e socialmente no deslocamento entre as fronteiras de um mundo cada vez mais globalizado, entre corpos cada vez mais plásticos e gêneros cada vez mais fluidos. Pensar, aqui, que “fronteiras são feitas para dividir e separar, mas é preciso lembrar que elas também são locais de relação ou de encontro” (**AGNOLETI**, 2014, p. 55). Caminha, mas também se afasta, em pensar sobre tráfico de pessoas nas migrações de travestis. *Acho que no caso de nós, travestis, não existe tráfico, não, porque travesti não é estúpido, travesti não é burro, travesti é muito do inteligente. Travesti é um enrolão danado. Se tem uma coisa que nunca ouvi dizer é que tem travesti burro e inocente*. Minerva em entrevista à **Agnoleti**. Depoimento página 74.

Baús explorados. Carregamos em si um baú de experiências. Um mundo de sentimentos. E um universo de possibilidades. E nessas possibilidades que cada baú nos apresenta, a gente colhe pérolas de textos, autores/as, cartas e outras coisas que nos marcaram e, vez em quando, iremos visitar para sermos transportados a outro lugar. Ou a lugar nenhum. Migramos, sim, entre os mares. Entre as palavras. E, entre tantos tesouros enterrados, percebemos que há lacunas e inúmeras possibilidades de revivescer travestilidades em trânsito. Referenciá-las, quem sabe, pelos discursos étnicos nesses fluxos migratórios. Entender a travestilidade para além do conceito de identidade de gênero e, porque não, numa construção étnica? Caberá a nós, portanto, perceber como suas identidades são (des)construídas nesses trânsitos (des)contínuos. Aqui, então, seria talvez outra viagem.

Outra rota. Terna curva, onde as cores, as luzes e as expressões se misturam, como reza a lenda.

No início dos tempos, o mar e o céu se apaixonaram. Era um amor proibido, já que jamais poderiam se misturar. Desde então, guardam esse sentimento em segredo. Mas, se você reparar bem, algo escapa. Ainda está lá. A espuma das ondas tentando imitar as nuvens. Essas, por sua vez, dançam como se fossem ondas. E o verde se mistura ao azul. As estrelas cadentes se tornam estrelas do mar. A lua, que brilha no céu, reflete na superfície da água. E muda a maré... Foi assim. Coração acelerado, isso ocorreu perto das dez, quando o avião decolou. Eu subi junto. A alma foi atrás. Quanto mais alto ele ia, menos medo eu sentia. Foi a primeira vez que não me senti ameaçado pelo medo. Abriu a porta, 11.000 mil pés. Engraçado como tudo fica pequeno daqui. Tudo fica... Agora, estou no ar.

Escalas e conexões. Nosso destino agora é, perceber, durante uma década (2006-2016), quantas passagens foram emitidas para viajar na travestilidade, numa interface com os marcadores etnia e raça, sinalizadores importantes para o PPGREC, concentração de estudos e pesquisas no campo das relações étnicas e de gênero/sexualidades. Fizemos, para isso, conexões em três aeroportos: CAPES, BDTD e SciELO. Esses aeroportos foram escolhidos, pois possuem sistemas de informação computadorizados, interligando centros de documentação que disponibilizam informações em todos os níveis de detalhamento, abrangência temporal e espacial ao alcance do/a pesquisador/a, em tempo hábil para a documentação e a complementação de sua investigação ou estudo.

Dez anos de viagens, 196 passagens emitidas. Todas embarcavam no universo da travestilidades. Mas nem todos seguiam o destino como o nosso aqui. Tinham outras conexões. Priorizamos as passagens cujas escalas estavam em solo brasileiro, diferentes tipos de naves (artigos, teses, dissertações) e que pousavam nas pistas de raça e etnia. Restaram a nós, dez passagens: sendo 05 encontradas no aeroporto CAPES ([TÁSSIO ACOSTA, 2016](#); [PATRICK THIAGO DOS SANTOS BOMFIM, 2009](#); [CAMILA PINA BRITO, 2016](#); [TAIANE FLORES DO NASCIMENTO, 2016](#); [JUCIANA DE OLIVEIRA SAMPAIO, 2015](#)); 02 no BDTD ([GUILHERME GOMES FERREIRA, 2014](#); [TIBÉRIO LIMA OLIVEIRA, 2016](#)); 02 no SciELO ([BRUNO CESAR BARBOSA, 2013](#); [RAFAEL DA SILVA NOLETO, 2014](#)) e 01 que faz pouso em dois aeroportos: CAPES e BDTD ([VALÉRIA MELKI BUSIN, 2015](#)).

Já em pleno voo, confirmam-se as previsões da meteorologia. A tempestade obriga-o a voar em ziguezague. Flutuabilidade de um amor proibido. Na aeronave, não fora o ruído dos motores, o silêncio seria tão pesado como a escuridão daquele manto único feito de mar e céu. O drama, o receio de todos, residia na fragilidade do pequeno aparelho pilotado pelo aviador amante de poemas. Ninguém estava seguro/a de que fosse capaz de fazer a amaragem¹⁷. Ninguém sabia dizer se a aeronave aguentaria o impacto com as águas do mar sem se desintegrar. No intervalo das dúvidas, impõe-se o silêncio. E as análises.

Neste momento, foi a hora de rever alguns requisitos técnicos para que nosso pouso cumprisse todos os requisitos pré-estabelecidos pelo Departamento de Controle do Espaço

¹⁷ Amaragem (também chamada de amerissagem) é o termo que se refere ao ato de fazer pousar uma aeronave, paraquedas, ave ou nave espacial sobre uma superfície líquida, seja de um rio, lago ou do oceano. A amaragem de um avião com rodas, preparado para aterrar no solo, é uma manobra difícil, cujo sucesso depende das condições do mar, do tempo de preparação para a executar e colocar os coletes salva-vidas.

Aéreo¹⁸. Entre as regras da Aeronáutica, o ideal é aprender com as experiências anteriores, trazer outros questionamentos e problemáticas ou ser expressivo para o momento atual. **Isabelle Stengers** (1990) reforça esta ideia e reafirma a importância de conhecer o que existe sobre o tema já explorado, do contrário, não conseguiremos fazer esta avaliação.

Redespacho I. Os passageiros e seus lugares de fala.

Uma primeira análise que enveredei, neste vôo, foi encontrar os lugares de fala nos quais surgem essas viagens, quais os aeroportos que atualmente se interessam com esta temática, bem como o caminho turístico escolhido pelas passageiras-travestis-participantes. Para **Gayatri Chakravorty Spivak** (2010) o papel dos/as intelectuais não deve ser o de representar ou falar pelo/a sujeito/a subalterno/a, eles/elas devem abrir espaços para que eles/elas possam falar e mais do que isso, que possam ser ouvidos/as, pois não resolverá o problema se estes/as falarem e ninguém os/as ouvirem. “Tornar visível o que não é visto pode também significar uma mudança, dirigindo-se a uma comunidade que, até então, não tinha pertinência alguma para a história e que não havia sido reconhecida como tendo valor moral, estético ou histórico” (SPIVAK, 2010, p.61).

Pensando nesses aeroportos disponíveis para nossas aterrissagens, percebemos que seis destinos (do total de 10 encontrados) ainda estão centrados no eixo Sul-Sudeste; os outros quatro se encontram na Região Nordeste (Bahia, Ceará, Maranhão e Rio Grande do Norte). Analisando as áreas de concentração, grande parte das dissertações está na grande área das Ciências Humanas (08), com 02 trabalhos na área das Ciências Sociais Aplicadas. Entre estes, encontramos um trabalho publicado na área interdisciplinar de Relações Étnicas (**BRITO**, 2016).

Interessante notar que, apesar dos trabalhos encontrados estarem em centros de pesquisas Sul-Sudeste, instalados em capitais, as travestis pesquisadas, em sua maioria, são oriundas de cidades do interior. Uma perspectiva que nos faz pensar os exercícios de biografização dessas travestis (grande parte, migrantes) como espaços de visibilidade e

¹⁸ Segundo regras da Anac (Agência Nacional de Aviação Civil), um avião como os usados em voos comerciais só pode decolar se tiver combustível suficiente para chegar ao local de destino e voar por mais 10% do tempo previsto para a viagem; pousar no aeroporto alternativo mais distante citado no plano de voo e voar mais 30 minutos sobre o aeroporto alternativo, em condições de temperatura padrão e a 1.500 pés de altura (457,2 metros). No entanto, a Anac permite que companhias aéreas voem com menos combustível caso indiquem um ponto ao longo da rota onde é feito o procedimento de "redespacho", ou "reclearance", onde o piloto deve reavaliar uma série de parâmetros de voo. Elas também devem indicar um aeroporto intermediário, "onde o avião deverá pousar em caso de necessidade", e um aeroporto alternativo ao intermediário.

legitimação dos seus testemunhos. Esses exercícios fazem com que a “investigação produtora de relatos biográficos – frequentemente inaugurais ou longamente silenciados pelos próprios sujeitos e sociedades – se reconheça a si própria como terreno de emergência de identidades, identificações, novas histórias de relações sociais” (ELSA LECHNER, 2009, p. 44).

Redespacho II. Abordagens e métodos.

Percebendo que grande parte dessas passagens são emitidas pela área das humanidades, a abordagem qualitativa parece identificar um caminho possível para a compreensão de fenômenos que abrangem a temática, sendo utilizada, assim, pelos 10 destinos encontrados. Segundo Norman K. Denzin e **Yvonna Lincoln** (2006), a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa do mundo, o que significa que seus/suas pesquisadores/as estudam as coisas em cenários, tentando entender os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem.

Seguindo essa linha de raciocínio, percebemos que a pesquisa qualitativa atribui importância fundamental aos depoimentos dos/as atores/atrizes sociais envolvidos/as, aos discursos e aos significados transmitidos por eles/elas. Para isso, os trabalhos analisados utilizaram da entrevista como ferramenta primordial para a produção do material empírico. Além dessa ferramenta, a observação participante, relato de histórias de vida, o diário de campo e grupo focal serviram para esta partilha densa com pessoas, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível.

Redespacho III. As trilhas étnicas e/ou raciais.

Parafraseando **Jorge Leite Jr** (2011), nossos corpos também mudam, percebemos, em todas as pesquisas, em seu escopo teórico e de resgate histórico, que as definições únicas e definitivas sobre corpos, suas identidades sexuais e de gênero, seus limites entre masculinidade e feminilidade nunca existiram. Portanto, justifica-se o quão atual são as criações das identidades travesti e transexual, categorias que decorrem da miscelânea de ideias, vivências e estratégias da experiência concreta e cotidiana. Resulta-se, assim, que as travestis pesquisadas, em todos os trabalhos, foram, num primeiro momento identificadas, mas também autoidentificadas, para além das classificações clínicas dos manuais em vigor – Classificação Internacional de Doenças (CID) e Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM).

Nas pesquisas fizeram parte sujeitos/as que se classificaram como travesti, mas há alguns trabalhos que, além desses/as sujeitos/as, por conta da especificidade dos temas trabalhados; e, em alguns casos a partir da autoidentificação; também foram entrevistadas outras pessoas: transexuais (BOMFIM, 2009; NASCIMENTO, 2016), homens gays (FERREIRA, 2014), companheiros de travestis (FERREIRA, 2014) e técnicos/as do sistema prisional (FERREIRA, 2014). As pesquisas nos conduzem a um voo investigativo, histórico e crítico a respeito da formulação das nomenclaturas travesti, numa caminho de "contar histórias sobre corpos que assumem diferentes formas e mudam" (LEITE JR, 2011, p. 13).

Em relação à classificação étnica e racial das sujeitas pesquisadas, os formulários utilizados nas pesquisas, encontrados nos anexos dos trabalhos, utilizaram a classificação usual do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), característica declarada pelas pessoas de acordo com as opções: branca, preta, amarela, parda ou indígena. Dos dez trabalhos, oito utilizaram essa categoria raça como sinônimo de etnia. Nesses oito trabalhos, as pesquisadas se autoidentificaram como parda, negra ou morena; esta última classificação nos remota uma forma complexa, e bem brasileira, de lidar com questões raciais.

Redespacho IV. Interfaces e novos conceitos.

Uma das últimas pistas percorridas nesse caminho de (re)visar foi compreender como os/as pilotos/as-autores/as e as co-pilotas-travestis trabalharam os conceitos de raça/etnia ao interagí-los com as identidades de gênero. Percebemos que quando o marcador de análise era a questão da cor/raça, aquelas que são negras mostravam, em suas falas, que passaram por um processo não apenas de discriminação e estigmatização, como também de violências diversas. A questão de serem negras aparentou trazer ainda mais incômodo, para além da própria questão de gênero e sexualidade, sendo um marcador determinante para que sofressem um processo de estigmatização ainda mais incisivo (ACOSTA, 2016).

Os conceitos raça/cor, etnia, gênero, orientação sexual, posição geracional e classe social foram classificados, nas diversas passagens, como marcadores sociais de diferenças, sendo assim componentes determinantes em nossa sociedade para a sustentação de preconceitos, atitudes estigmatizantes e comportamentos discriminatórios que permeiam as relações sociais, tanto na esfera pública como na privada. Para além desses marcadores, o trabalho de Bomfim (2009) ressalta que a religião/religiosidade também pode favorecer ou

mesmo fomentar e justificar ações preconceituosas e discriminatórias, como as que foram citadas pelas participantes de sua pesquisa (BOMFIM, 2009, p. 125).

Outro fator utilizado por algumas/ns pesquisadoras/es foram a hierarquização a partir das identificações de raça/cor, com forte interação com a definição da travesti como sujeito feminino. Brito (2016, p. 21) reforça a ideia de subordinação interseccional, ser mulher trans e negra, em que “nas sociedades de diáspora africana, como a nossa, a segregação racial influencia na forma como as outras hierarquias são estabelecidas, ou seja, uma mulher trans negra ocupará uma posição hierárquica inferior da mulher trans branca”. Já Barbosa (2013, p. 26) argumenta ainda que a categoria transexual não se resume somente a convenções de gênero e sexualidade, mas também envolve elementos de cor/raça, classe e geração. “Essas diversas convenções produzem hierarquias e expectativas em relação às categorias travesti e transexual, embora os diversos enunciados devam ser entendidos em sua articulação situacional e não como uma soma de elementos”.

Embora a categorização de indivíduos em raça e etnia seja amplamente utilizada, tanto em diagnóstico quanto na pesquisa científica, seus significados são frequentemente confundidos ou mesmo desconhecidos no meio acadêmico. Apenas dois trabalhos (NASCIMENTO, 2016; NOLETO, 2014) avançaram na temática da etnia como objeto de estudo da Antropologia, dentro da Etnologia, com uso do conceito para dar conta da multiplicidade de culturas, de hábitos e crenças que a humanidade apresenta, e das implicações políticas dessas diferenças, a exemplo da tese de Noleto (2014), em que estudou como os concursos “Miss Caipira Gay” e “Miss Caipira Mix” produzem noções de “raça” e “etnicidade”. Aqui, o autor nos convida a observar o quanto as coreografias e figurinos temáticos são vinculados a certos ideais de *brasilidade* e, mais especificamente, de *amazoneidade*, entendido por ele como mobilizadores das noções de etnicidade.

Nascimento (2016) já nos apresenta, ao falar de etnia, um conceito contemporâneo. A autora se baseia na teoria defendida por Joël Bonnemaïson (2012) que relaciona a corporeidade existente na afirmação identitária das travestis com o campo existencial de suas vivências, fabricando grupos formadores de territórios e, assim, influenciando na organização espacial, o que ele chama de *etnias modernas*:

[...] faixa de idade, grupo de militantes de um partido político ou de fiéis de uma igreja e outras coisas como essas não podem ser interpretadas como “grupos culturais”, isto é, verdadeiras etnias que têm um comportamento próprio, um ser-coletivo que se traduz ao mesmo tempo por uma visão de

mundo e por tipos de territorialidade? Essas “etnias modernas” têm contornos mais fluidos que as etnias tradicionais: elas não têm “território”, no sentido como esses existem nas civilizações tradicionais, mas possuem lugares e espaços privilegiados. Elas também possuem códigos, registros, centro de interesses e gostos comuns, uma consciência coletiva quanto aos que estão “do lado de fora”, uma maneira de viver seus lazes, de sair ou não de férias etc. (BONNEMAISON, 2002 apud **NASCIMENTO**, 2016, p. 23).

Redespacho Final. Análise para pouso.

Durante esses dez anos (2006-2016), o aeroporto-ciência fez bons voos para rotas cheias de travestilidades. Neste voo-revisão, percebemos que sobrevoamos várias áreas de conhecimento e pousamo-nos nos estudos de gênero. Assim, gênero não está só nas referências óbvias. Discutir essas construções identitárias de gênero pode e deve ser desvendada em outros meios, sendo necessário chamar a atenção para aspectos de gênero até então silenciados em outras esferas sociais, políticas e econômicas. Feminilidades e masculinidades – e as não nomeadas posições entre esses dois polos. Queremos, então, nessa nova década, que nossas pesquisas possam continuar oferecendo caminhos para toda a ciência.

Assim como as travestis, as pesquisas analisadas oferecem à cientificidade o caminhar por um processo de mudanças pelas quais todas/todos estão cotidianamente convidadas/os a passar. Esse movimento contínuo, mas não único, atua, em nossos corpos e em nossa forma de fazer conhecimento como capaz de (re)criar, transformar e, porque não, (re)visar nossos olhares e caminhos até então traçados?

Pesquisas sobre travestis são mais que representações: são performances políticas. E somente por meio dos embates poderemos, nas próximas décadas, refletir sobre o quanto absurdo era uma pessoa, em suas identidades de gênero, ser apenas espaço da abjeção social, marginalizada e resumida à máquina do gozo às escuras.

Os esforços apresentados são um dos caminhos que devemos trilhar, em nossas viagens, para que essa população seja vista para além das calçadas e sombras. Não permitamos, com ciência e poesia, extinguir essa chama: é a vida travesti, travestindo a própria vida. *E se riem nossos corpos, a ousada transfobia, dirijamos nossos risos a todos*

*esses machistas e à bancada piadista: se milhões não nos venceram, hoje, quem nos venceria? Eles não podem vencer, mas nós venceremos, um dia...*¹⁹

Talvez haja novos trechos a serem desvendados nas muitas horas de voo. Já não há distâncias. Já não há o mar pelo meio. Já não há a iminência da tragédia. A aeronave está intacta. Tudo parece estar bem. Acredito ser possível continuar a viagem. Sabíamos o quanto cada escala seria necessária para reabastecimento. Em terra firme. Aterrissamos.

¹⁹ Poesia “A razão ensina a travesti aflita, que ainda não fez parte da história”, de autoria de **Jéssica Milaré**, publicada em <http://www.esquerdadiario.com.br/Poesias-TRANS-A-arte-da-resistencia-I>. Acessada em 08 out. 2017.

PARALELOS QUE SE ENCONTRAM NO INFINITO.

NO ENTANTO SÓS POR ENQUANTO.

ETERNAMENTE DOIS APENAS.

Após essa aventura no céu e no mar, estamos aqui de volta a terra. Deitado em minha cama, em plena 3h50 da manhã, sem sono, entre cobertas, ursinhos e travesseiros, recordo-me daquele sábado. Vinte e nove de abril de 2017. “O dia em que vou ao encontro do outro. Para além da orelha existe um som, à extremidade do olhar um aspecto, às pontas dos dedos um objeto – é para lá que eu vou” (LISPECTOR, 1980, p. 95). Vou nesse caminhar infinito, num vasto pensamento, ir mais longe que a distância. Tudo flutua. Tudo desaparece. O tudo se torna nada. Só entra aqui quem foge da rotina do mundo.

Fugi da rotina. Outono de sol, em plena Conquista fria. Um convite pelo Whatsapp. Trinta e oito anos de Tieta. Residencial Margarida. Povoado de Campinhos. Zona Rural. Meio dia. A vida ao meio. O sol ardendo inteiro. Eu no R10²⁰. Nele, encontro a Raphaela Souza, presidente do Coletivo Finas²¹ de Vitória da Conquista, a caminho também da casa de Tieta. Conta-me que será uma festa em que estaria reunida a maioria das travestis cearenses que, em épocas diferentes, assim como a Tieta, migrou para Vitória da Conquista. Oportunidade, talvez única, de apresentar a minha pesquisa sobre etnicidades, migrações e travestilidades. Convidá-las. Torná-las, como eu, sujeitas desse processo. Falar sobre suas encruzilhadas étnicas e de gênero a partir de seus horizontes sociais, de onde advêm experiências, expectativas, desejos. Coração sorriu!

Chegamos. De hora, o cheiro invade nossas narinas. Sinto que tem feijoada²² no fogo. Tinha poesia no ar. Lembro-me de Drummond quando percebeu que a arte de cozinhar tem

²⁰ Linha de transporte coletivo que interliga o centro da cidade ao Campinhos. R de Radial, classificação de uma linha coletiva que liga um ou mais bairros ao centro da cidade, com dois pontos terminais distintos para controle da oferta e da demanda.

²¹ O Coletivo pela Diversidade Sexual, fundado em 2012, tem como objetivo principal agregar o maior número de pessoas, independente de sexo, orientação sexual, etnia, credo e condição social. Além de trabalhar em favor da defesa e promoção do direito à liberdade da orientação sexual de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais, o Coletivo atua na orientação, encaminhamentos, acompanhamento assistencial e psicológico para população LGBT e heterossexuais.

²² Reza a tradição que a feijoada, a mais típica entre todas as iguarias que compõem o rico universo gastronômico brasileiro, nos foi legada pelos negros escravizados. De acordo com alguns relatos, esse delicioso prato teria surgido a partir do repúdio dos portugueses pelas partes menos nobres dos porcos, como as orelhas,

nas origens a mesma alquimia do fazer poético. Boa poesia e boa cozinha se processam intrinsecamente ligadas no mesmo canto flutuante da alma. Rubem Alves tinha a mesma certeza quando disse: "Escrevo como quem cozinha. O cozinheiro cozinha pensando no prazer que sua arte irá causar naquele que come. Eu escrevo pensando no prazer que o meu texto poderá produzir naquele que me lê" (RUBEM ALVES, 1995, p.133).

Eis aí a receita.
Publico-a sem responsabilidade.
Experimentem, se sair bem feita
E eu, no dia, estiver nessa cidade...
Não insinuo nada:
Apenas lembro que ninguém rejeita
Convite para almoço de feijoada (CARLOS DRUMMOND ANDRADE, 1967, p.28).

O convite estava feito. E não recusei. Estávamos ali. Tieta, bem sorridente, nos recebe e já nos brinda com sua risada gostosa. Agradeço o convite e elogio o cheiro que saía da cozinha e tomava conta de toda a casa. *Festa da gente, tu acha que ia ter o quê? Feijoada, né, meu amor. Travesti é que nem feijoada. Você tá lá comendo de boa e, do nada, uma linguíça na sua boca.* Brindamos, com cerveja, a irreverência e a nova idade de Tieta.

Aos poucos, a casa também se preenchia de gente. Lembro-me de cada rosto que ali se fazia presente. Eram nossas meninas. Participantes, outrora, de uma ação governamental censitária. Após várias atividades realizadas junto à comunidade de travestis e transexuais, de forma esporádica, resolvi, em abril de 2016, convidar o Coletivo Finas de Travestis e Transexuais de Vitória da Conquista, para construirmos um diagnóstico sobre este público na cidade. A pesquisa de campo²³ contemplou visitas técnicas às residências e locais de trabalho das travestis, mulheres e homens transexuais, e objetivou a investigação da vulnerabilidade das pessoas trans e sua relação social com a cidade. As condições socioeconômicas, o comportamento sexual e a acessibilidade a serviços de educação, assistência social, saúde e de

rabos ou pés, que tendo sido rejeitados, eram então cedidos aos moradores das senzalas. De posse de todos esses ingredientes comuns em seu cotidiano e reforçados pela irregular doação das partes negligenciadas da carne de porco, os negros teriam resolvido cozinhar tudo ao mesmo tempo com feijão, água, sal e condimentos como pimentas diversas. Para Peter Fry (1977, p. 47), "as diferenças culturais aparecem, não como uma simples expressão de particularidades do modo de vida, mas como manifestações de oposições ou aceitações que implicam um constante reposicionamento dos grupos sociais na dinâmica das relações de classe". Essa prática teria resultado no surgimento da feijoada que, aos poucos, teria deixado o habitat específico dos trabalhadores cativos e chegado as Casas Grandes dos senhores de engenho. A busca pelas origens da feijoada demanda uma pesquisa que nos permitiria juntar peças e montar um autêntico quebra-cabeça a partir de depoimentos e documentos de época que demonstrem quando e como esse tradicional prato foi sendo construído.

²³ A pesquisa aqui se refere ao trabalho que realizamos junto às travestis de Vitória da Conquista, na época em que estávamos a frente da Coordenação de Políticas LGBT da Prefeitura da cidade.

registro civil, foram algumas das características a serem avaliadas. Denúncias de violência e maus-tratos também foram questionadas durante as visitas.

Entre as visitas, uma questão me chamou atenção. Dentre as pessoas cadastradas, encontramos dezessete que se identificaram enquanto travestis, reforçando a maior presença dessa identidade em relação às outras transgeneridades. **Berenice Bento** (2009), explica que a transgeneridade, que alegam sempre ter existido, não é a mesma transgeneridade que tem sido relacionada ao espaço hospitalar e à discussão da identidade de gênero disfórica²⁴. Na esteira de **Judith Butler** (2010), para tratar sobre transgeneridades, “temos de ir além de tipos de posições estruturais” uma vez que se coloca em dúvida que toda criatura aparentemente fêmea biologicamente, tenha de ser convertida socialmente numa mulher.

E, no meio das travestis participantes, outro dado nos colocou numa perspectiva de curiosidade: a maioria das travestis, residentes na cidade, veio de outras cidades, em sua maioria do estado do Ceará, municípios de porte igual ou menor ao de Vitória da Conquista. A curiosidade nos suscitou perguntas... Elas estavam ali. Elas, as travestis e as perguntas. Talvez, quem sabe, poderiam nos trazer algumas pistas. Ou não. O convite de Tieta abriu-me possibilidades para fazer o meu convite. Coração sorriu. De novo!

Convidar a mente pra dar um profundo mergulho na alma. Prato de feijão na mão. A esperar pela linguíça. Entre uma garfada e outra, tento conversar um pouco sobre a vida, meus novos caminhos e minha aventura, novamente, pelo mundo acadêmico. Falo da pesquisa, em termos cotidianos. Aqui, entendo a pesquisa não como um ato isolado, intermitente, especial, “mas atitude processual de investigação diante do desconhecido e dos limites que a natureza e a sociedade nos impõem. [...] Faz parte do processo de informação, como instrumento essencial para a emancipação” (PEDRO DEMO, 2011, p.16).

Esse processo de informação obtida por meio de uma série de reflexões desencadeadas pela realização da pesquisa²⁵ propiciou cotejar as relações estabelecidas pelas travestis em

²⁴ A transgeneridade está sendo inventada discursivamente como patologia, pois, atualmente, as pessoas transgêneras são consideradas doentes, não somente no Brasil, mas no mundo todo. Suas identidades trans são regidas pelo CID – Catálogo Internacional de Doenças, assim como pelo DSM – Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais.

²⁵ Ver Carona 03 em que o sujeito-observador-participante-escritor delinea o processo de revisão bibliográfica sobre pesquisas envolvendo sujeitas-travestis, entre os anos de 2006 e 2016. Na questão mais especificamente à travestilidade, foram fundamentais etnografias que, mais que fórmulas e reflexões, também forneceram inspiração pela forma como foram conduzidas por pesquisadores sérios e sensíveis - **Don Kulick** (2008), **Berenice Bento** (2006, 2008), **William Siqueira Peres** (2005), **Hélio Silva** (2007), **Larissa Pelúcio** (2005a,2005b,

vários contextos de exclusão, suas percepções de si, de seus corpos, de seus desejos, com aquilo que elas buscam: não apenas uma imagem feminilizada, mas reconhecimento da legitimidade de suas experiências de transformação, garantias de direitos básicos, como vida, integridade física e moral, segurança, e, sobretudo, a liberdade de serem quem são, do jeito que são, sem que precisem mudar para se fazerem aceitas e respeitadas. E, elas, ali, com seu prato de feijoada na mão, me disseram não²⁶.

Cansei de ser usada. De vir gente da faculdade, encher a gente de perguntas e depois ir embora. Conheço você e seu trabalho, mas já fiz uma escolha. Não quero mais minha vida nos papéis desse povo que só estuda. Minha vida, eu bem sei quem é que dá palpite e quem pode ajudar. Povo de escola e engravatado, só quero agora na cama. E me pagando bem (Priscilla).

Pra quê? Vou ganhar o quê com isso? A gente conta a nossa vida, nossas misérias e nem sequer nos ajudam. Só vejo depois fotos no facebook dizendo que passou de ano. Tudo as nossas custas. Foda-se. Deixa eu quieta no meu canto, com meus programas e com minha vida (Iara).

Bora tomar cerveja, moço. Deixa isso quieto. Aqui é festa. Depois você encontra sozinho com elas e conversa melhor. Mas eu bem sei o que elas estão dizendo. É ruim viver no corpo as marcas de tanta discriminação e usarem isso para proveito próprio. Mas não se preocupe. Há de encontrar travestis para seu trabalho. Há ainda aquelas que desejam contar seus medos e alegrias. Há muitas bocas para falar. Há ouvidos querendo ouvir (Ranela).

Aqui, um primeiro desencontro e atitudes desconfiadas, mesmo eu acreditando que minha relação mais próxima, de afeto mesmo, estreitando e fortalecendo vínculos, me ajudaria. Acreditei, eu, que o fato da pesquisa ser desenvolvida por um gay – seja lá o que isso quer dizer – também favoreceria o surgimento de cumplicidades, confidências espontâneas e alguns interesses comuns, mais que qualquer rivalidade. Enganei-me.

O que Priscilla, Iara e Ranela nos traz é o quanto a dimensão crítica e propositiva da ética nas pesquisas implica, por exemplo, em uma posição em relação ao saber acumulado, e a

2007a, 2007b), dentre outros autores citados ao longo do texto e na bibliografia, sem cujas referências certamente essa pesquisa não teria sido possível.

²⁶ Os nomes, a seguir, das travestis que não aceitaram participar da pesquisa são seus próprios nomes sociais. O uso do nome delas na pesquisa, mesmo não aceitando participar, foi autorizado pelas mesmas, ao explicarmos a necessidade de colocar no nosso trajeto essas incertezas e negativas.

forma como esse saber tem sido produzido. Refiro aqui a questão do abuso nas pesquisas com populações transexuais, pesquisas estas muitas vezes sem comprometimento algum com as populações estudadas e sem um retorno do saber produzido na melhoria da qualidade de vida dessas populações e na garantia de seus direitos.

Fazer pesquisa com grupos de travestis nos cabe sempre a indagação: Para quem este saber é produzido? Afinal, as organizações sociais e políticas numa sociedade são voltadas ao coletivo, principalmente, quando dizem respeito à produção do conhecimento. Quando encontramos uma transexual, uma travesti na Universidade, nos cursos de graduação ou de pós-graduação, é comum em seu discurso externar seu desejo pelo conhecimento com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento da sua comunidade.

Dessa forma, é compreensível essa negativa por parte de algumas travestis ao querer participar de pesquisas acadêmicas e barrar pesquisadores/as que supõem nada contribuir para sua comunidade, ou mesmo, que ao contrário de contribuir, interfiram em sua dinâmica social e na construção de sua identidade.

É como a própria **Pelúcio** (2007a) em sua etnografia vem nos assegurar:

Nesse convívio no universo travesti houve mais aceitações que desconfianças em relação a mim (numa primeira aproximação) e ao meu trabalho (posteriormente). O que não significa que não houve recusas, olhares hostis, compromissos desmarcados sem qualquer justificativa prévia, entre outras situações cercadas de tensão. Mas julgo que estas foram pontuais e raras e se diluíram no tempo e com o tempo (**PELÚCIO**, 2007a, p. 49).

E esse tempo se mistura com a música, lá do som do vizinho, me levando a refletir. *Mas é preciso ter força. É preciso ter raça. É preciso ter gana sempre. Quem traz no corpo a marca, Maria, Maria, mistura a dor e a alegria. Mas é preciso ter manha. É preciso ter graça. É preciso ter sonho sempre. Quem traz na pele essa marca, possui a estranha mania. De ter fé na vida*²⁷.

Quando se canta “Maria, Maria”, poderíamos estar cantando à Kharla, Cynthia, Roberta, Sharon, Camily, Rânela, Iara, Rebecca, Pryscilla. Todas elas, travestis. Todas elas

²⁷ Maria, Maria é uma música linda. De Milton Nascimento e Fernando Brant, foi gravada pela Elis e Mercedes Sosa. E é cantada pelas mulheres no Brasil todo e em vários espaços do movimento de mulheres. Além disso, dá nome a muitos grupos e coletivos feministas Brasil a fora. Não é a toa. Essa música consegue dizer o que quase nunca é dito sobre a mulher e as mulheres de um jeito simples, direto e verdadeiro.

trazendo no corpo a marca, com graça, com sonho, com raça. Suas vidas misturam dor e alegria. Essas 'Marias' trazem no corpo a marca das violências que atravessam suas trajetórias desde a infância. Cometidas física ou simbolicamente, de forma explícita ou invisível, essas violências expõem os estigmas nos quais as travestis estão imersas. Todas, no entanto, possuem a estranha mania de ter fé na vida. E eu também!

Continuei com minha cerveja, mudei de assunto e, no fim da tarde, segui pra casa. Chorei por todo o caminho. Avisei a meu orientador sobre o contato com o campo e o quanto saí entristecido. Mas ele me fortaleceu. Disse que o desenvolvimento do trabalho de pesquisa traz surpresas que ora nos reconfortam e recompensam o esforço da busca, ora nos desorientam, tirando o chão da certeza que nos sustenta. Isso mostra a limitação da nossa ação no campo de investigação, seja do ponto de vista do domínio da metodologia, seja em função da subjetividade do sujeito pesquisado, seja ainda pela precariedade de nossos recursos ou do nosso desejo inicial que voa pela janela.

Peguei o buzu. O percurso transcorrido desde o projeto inicial até a conclusão terá desvios, retornos e avanços que pretendo reconstruir aqui. Definir caminhos e seguir rotas pré-estabelecidas nem sempre é tranquilo e reconfortante. O desconforto teve início já na definição do projeto, a começar pelo sujeito de pesquisa, que num primeiro momento, era investigar a história dessas travestis cearenses, migrantes. Algumas experiências pessoais e estudos anteriores me direcionaram nesse sentido e a proposta inicial tinha por objetivo desvendar as relações étnicas e de gênero estabelecidas entre elas e os moradores de suas comunidades atuais. A feijoada, naquele dia, mudou os ingredientes.

NADA É CERTO. EM QUALQUER HORA PODE

SUCEDER-NOS O QUE NOS TUDO MUDE.

Ao ver Alice, o Gato só sorriu. Parecia amigável, ela pensou; ainda assim, tinha garras muito longas e um número enorme de dentes, de modo que achou que devia tratá-lo com respeito. “Bichano de Cheshire”, começou, muito tímida, pois não estava nada certa de que esse nome iria agradá-lo; mas ele só abriu um pouco mais o sorriso. “Bom, até agora ele está satisfeito”, pensou e continuou: “Poderia me dizer, por favor, que caminho devo tomar para ir embora daqui?”. “Depende bastante de para onde quer ir”, respondeu o Gato. “Não me importa muito para onde”, disse Alice. “Então não importa que caminho tome”, disse o Gato. “Contanto que eu chegue a algum lugar”, Alice acrescentou à guisa de explicação. “Oh, isso você certamente vai conseguir”, afirmou o Gato, “desde que ande o bastante” (LEWIS CARROLL, 2017, p. 83).

E, assim como Alice, aceitei o conselho do Bichano de Cheshire. Vamos em frente. Com todos os riscos e as possibilidades de pesquisar nas fronteiras. Espaço móvel, polifônico, híbrido, feito de incessantes travessias externas e internas, permitindo o experimentar de identidades que mostram as diversas maneiras de viver e transitar na contemporaneidade. Há caminhos. Desde que andemos o bastante. Foi o que fiz. Caminhei, entre as encruzilhadas de dúvidas, a procura de uma nova direção. Talvez não haja um caminho novo, mas diversos jeitos de caminhar.

Voltei às aulas e às leituras. Estudar como prosseguir. Rever, pensar e (re)significar. A importância da reflexão. Conhecer outros lados dessa encruzilhada. Bifurcar-se. Multiplicar imagens no espelho opaco, exercício em águas inéditas, digestão de raízes lancinantes. Contorcer os ossos. Duplicar as artérias no inconfessável. Estender a musculatura na dobra sonante. Equilibrar-se em movimentos de rotação e translação. Movimentar-se... E, nessa mudança, alguém se movimentou. Além de mim.

Sabe, eu quero te ajudar nessa prova. Não entendi nada do que você disse para as bichas lá, mas sei que tudo que você faz é legal. E não se preocupe, Danillo. Você tem saúde, você tem um estudo, você é uma pessoa inteligentíssima, é uma pessoa comunicativa, você é bondoso. Você é tudo que uma pessoa de bem precisa. Eu sou feliz em ter encontrado você.

Vou te ajudar. (...) Se as mariconas lá não querem contar pra você a história delas, eu conto a minha. A travesti que saiu da terra da Galinha Choca para parar aqui na Suíça Baiana. Agora, você me deixa famosa e eu te ajudo a passar nessa prova que vai fazer, lá em Jequié. (...) Eu aceito acunhar. Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir e que ninguém vai ficar com raiva de mim. Entendi tudo que você explicou para mim e tô dentro, com todos os meus documentos: nome, pau e cu!

Um áudio de Whatsapp. Quase cinco minutos, com voz bêbada, na mesma noite daquele domingo, que eu recebi tantos não, veio um sim. O caminho fácil não tem luz no fim do túnel, nem túnel. Ele deixa você ir à velocidade que quiser. Faz você seguir traçados quaisquer. Tem abrigos para fugir do sol e da chuva. Não tem pedras, nem tem espinhos. E quando você começa sentir que a viagem está longa... ou mesmo quando pensa que está chegando em algum lugar...ele te dá novos caminhos. E esse agora, que eu seguirei. **Com carão, de carona, com Tieta.**

A Tieta-adolescente que é escorraçada da pequena cidade de Quixadá-CE, no Nordeste brasileiro, pela mãe, irritada com seu comportamento transgressor e pelo envolvimento com o pároco da Igrejinha de Jesus, Maria e José. A Tieta-jovem que foge do conservadorismo e começa a se prostituir. A Tieta-adulta que migra por tantos cantos desse país. E a Tieta, de hoje, que se estabelece na cidade de Vitória da Conquista, e constrói relações com tanta gente. É essa a nossa história. Escrita por mim, por Tieta, por outras mãos, vozes e cantos que encontraremos nessas tantas encruzilhadas. Da escrita. Dos conceitos. Dos gêneros. Das identidades. Das etnicidades. Da vida.

Seja na capota do caminhão, na asa do avião, na proa do navio, num carrinho qualquer, nós e o amor, vamos de carona. De mansinho na bagagem da ironia, nas costas da falta de coragem, e por fim, pendurado nos últimos fiapos de esperança de uma sublime saudade.

**FLUTUANDO NO AR, SÃO TODAS AS PERGUNTAS
E TODAS AS RESPOSTAS. E SOPRANDO NO VENTO,
NÓS VAMOS PARA ONDE QUEREMOS IR.**

Temos, então, a história. Escolhemos, se já perceberam, o nosso modo de escrever. Como diz Fernando Pessoa, *eu não escrevo em português, escrevo eu mesmo*. Rejeitaremos essa ideia fixa de escrita, pois esta seria uma construção disciplinar, empreendida pelas ciências humanas, que talvez anula ou obscurece os pontos divergentes, incongruências, diferenças e descontinuidades que acompanham a escrita de qualquer autor. E a história de qualquer sujeito. Assumimos, aqui, um caminhar para além das regras da realidade que tornaram possível a formalização de um saber disciplinar. Atravessaremos por modelos linguísticos que não estão ligados a uma realidade acima de qualquer ficção inventiva da nossa própria sociedade. Ser pós! Uma de nossas inúmeras escolhas.

É a partir, e não apesar, destas “invenções de realidade” que novos objetos, saberes e palavras podem surgir. Por isso, acreditamos que o pós-estruturalismo nos ajuda a dar alguns passos que talvez o estruturalismo não nos permitisse. Bom refletir, aqui, que o pós-estruturalismo surge não como um contraponto ao estruturalismo. Para os/as pós-estruturalistas, a realidade é construída socialmente e tem forma subjetiva. Isto dá liberdade de interpretação aos/às sujeitos/as, e esta desconstrução permite dissociar significante de significado, uma vez que “nada mais pode ficar de fora, porque a simples ideia do ‘fora’ é a verdadeira fonte da angústia”. (T. W. ADORNO; M. HORKHEIMER, 1985, p. 29).

Inventar e transformar o que está iluminado na contemporaneidade, trazendo à tona o obscuro, abjeto e periférico. O que pode ser desconstruído? Reinventado? As contribuições pós-estruturalistas e pós-coloniais aparecem, então, como fonte de inspiração e embasamento para criação de devires contemporâneos a partir de tudo que nos foi ensinado até aqui. “*O pós-estruturalismo envolve uma crítica da política utópica e uma reflexão sobre como manter o desejo por um mundo melhor sem uma imagem fixa do que este mundo deveria ser*”. (J. WILLIAMS, 2012, p. 41, itálico no original).

É um movimento que nos provoca a um estado de imersão que agencia fluxos permanentes e se torna um estado pessoal. Não vemos pontos de partida nem de chegada, ao contrário, a abertura sugerida preserva a eterna possibilidade do aparecer. Desta maneira, utilizar dos referenciais elaborados pelo pós-estruturalismo é uma maneira de produzir discursos que permitem conexões e criações de interpretações múltiplas, muito além da tradicional escrita-interpretação enquanto norma a ser mantida.

Seguiremos, portanto, um dos postulados de Michel Foucault (2006), em que afirmava que seus livros seriam livros-bombas, não mais seriam utilizados para virarem um arquivo que guarda apenas uma única verdade. Esses livros, segundo Foucault, cumpririam uma função específica de libertação no momento de sua leitura e depois explodiriam junto com o nome do autor que os escreveu; para que não façamos deste mais um deus entre tantos outros aos quais devemos prestar subserviência e reverência.

O ideal não é fabricar ferramentas, mas construir bombas, porque, uma vez utilizadas as bombas que construímos, ninguém mais poderá se servir delas. E devo acrescentar que meu sonho, meu sonho pessoal, não é exatamente o de construir bombas, pois não gosto de matar pessoas. Mas gostaria de escrever livros-bombas, quer dizer, livros que sejam úteis precisamente no momento em que alguém os escreve ou os lê. Em seguida, eles desapareceriam. Esses livros seriam de tal forma que desapareceriam pouco depois de lidos ou utilizados. Os livros deveriam ser espécies de bombas e nada mais. Depois da explosão, se poderia lembrar às pessoas que esses livros produziram um belíssimo fogo de artifício. Mais tarde, os historiadores e outros especialistas poderiam dizer que tal ou tal livro foi tão útil quanto uma bomba, e tão belo quanto um fogo de artifício. (FOUCAULT, 2006, p. 266)

Façamos, então, uma dissertação-bomba. Com explosão de sentimentos. Como a vida. Como Tieta. *Sou uma bomba de sentimentos. Explosão de muitas coisas. Me descabelo, me desespero e me entrego. Há quem diga que sou exagerada, mas só sei viver a minha vida assim: completamente entregue e intensa. Sou babado, confusão e putaria.*

Façamos.

Resgatar a memória e as experiências vividas. Contar estórias, ouvir histórias. Entre tantas as maneiras que se pode ouvir alguém, não queremos seguir o caminho de que contar uma história é um momento para se passar o tempo ou apenas para se cumprir a lição do dia. Quando se conta uma história, o/a contador/a possibilita que os/as ouvintes façam ligações com a vida e tirem preciosos ensinamentos. É uma via de mão dupla.

Um caminho que somos contadores/as-ouvintes. Ouvintes-contadores/as. É participar. Observador/a-participante. Ser parte. “Ao nos apoiar nos estudos feministas e de gênero, aportados em uma perspectiva pós-estruturalista, entendemos que o/a pesquisador/a não consegue estar em uma posição distante ou neutro do sujeito que está investigando” (JOSÉ DAMICO; CARIN KLEIN, 2012, p. 66).

Quem nos acompanha, agora, nesse caminhar são as dicas de pesquisadoras/es que, assim como nós, se enveredaram pelas encruzilhadas dos conceitos e das metodologias. “Elas e eles propõem a examinar o *status quo* para desnaturalizá-lo, o que significa envolver-se na ambiciosa tarefa de explorar modos de pensar, falar e potencialmente fazer determinadas práticas sociais e, concomitantemente, remodelar as metodologias” (DENISE GASTALDO, 2012, p.9-10). É a proposta de uma etnografia que é vivida e escrita em uma voz pessoal. Faremos isso com a esperança de que isso nos conduzirá a uma maior profundidade de compreensão e sensação, não só na antropologia contemporânea, mas em todos os atos de testemunho. Entregar-se!

Entregar-se ao vazio e ir viver. Com caneta, ou diário, um gravador ou nada. Entregar meu coração! Usar, como metodologia, minha própria humanidade. Ir em busca de outras verdades, outros olhares, uma outra realidade (re)visitada nas narrativas de uma travesti, migrante à 25 anos na cidade de Vitória da Conquista, em suas encruzilhadas identitárias, étnicas e de gêneros, com travestis conquistenses e moradoras(es) da comunidade de Campinhos, zona rural do município.

Muitos dirão que tal tarefa é impossível. Ainda mais para um/a pesquisador/a iniciante em suas peripécias teórico-metodológicas nas teias do pós-estruturalismo. Mas por que não avançar com o jogo aberto? Por que não encontrar um método que, não seguindo cegamente um modelo, possa ter a liberdade de se recriar, usufruir, desconstruir e problematizar uma interpretação? Quero falar fundamentalmente sobre o outro, mas também falar sobre o encontro entre as pessoas. Pois, não se pode falar do/a outro/a sem falar de mim mesmo/a.

Dessa forma, este estudo pretende caminhar nas rotas pós-estruturalistas, ao considerar a realidade como uma construção social subjetiva, na qual significante e significado vivem em mútua relação e pegam carona em estradas teórico-metodológicas flexíveis, “inseridas em contextos específicos que falam das micropolíticas do cotidiano que constituem e são

constituídas pelos discursos dominantes de nossa sociedade, na qual a subjetividade do/a pesquisador/a é uma ferramenta a serviço da investigação” (GASTALDO, 2012, p. 12-13).

Consideramos, portanto, este trabalho como uma pesquisa social, haja vista sua possibilidade concreta de tratarmos de uma realidade da qual nós próprios, enquanto seres humanos, somos agentes, mesmo com as diversas críticas acadêmicas voltadas para as pesquisas qualitativas e de caráter pós-estruturalistas. Entendemos, assim, que não existe metodologia superior a outra e que a cientificidade “tem quer ser pensada como uma ideia reguladora de alta abstração e não como sinônimo de modelos e normas a serem seguidos” (MARIA CECÍLIA DE SOUZA MINAYO; SUELY FERREIRA DESLANDES; OTAVIO CRUZ & GOMES, 1994, p.12).

E, nessa encruzilhada de metodologias, usaremos como diálogo o campo conceitual de **Dagmar Estermann Meyer** e **Marlucy Alves Paraíso** (2012). Elas sustentam que o/a pesquisador/a deve explicar e trabalhar seus próprios envolvimentos emocionais com o tema de estudo, de modo claro e combativo porque precisamos que nossas lutas, sentimentos por construir outras perguntas e outros pensamentos sejam compreensíveis.

Por isso, construímos nossos modos de pesquisar movimentando-nos de várias maneiras: para lá e para cá, de um lado para o outro, dos lados para o centro, fazendo contornos, curvas, afastando-nos e aproximando-nos. Afastamo-nos daquilo que é rígido, das essências, das convicções, dos universais, da tarefa de prescrever e de todos os conceitos e pensamentos que não nos ajuda a construir imagens de pensamentos potentes para interrogar e descrever-analisar nosso objeto. Aproximamo-nos daqueles pensamentos que nos movem, colocam em xeque nossas verdades e nos auxiliam a encontrar caminhos para responder nossas interrogações. Movimentamo-nos, em síntese, para multiplicar sentidos, formas e lutas (MEYER; PARAISO, 2012, p. 16-7).

Nesse caminho escolhido, encontramos um conjunto de rotas dispersas, funcionando todas ao mesmo tempo, em velocidades variadas. São estradas cujo caminhar é aberto, conectável, composto de diferentes encruzilhadas, suscetível de receber modificações constantemente. Isso significa dizer é uma rota que não se encontra fechada, acabada. Ela está sempre aberta a outras construções e significações. Nesse sentido, enquanto escrevo essa nossa viagem, entre eu, Tieta e todos os eus que encontramos pelo caminho, há outras rotas que estão movimentando-se, e podem estar fazendo outros contornos e atribuindo outros sentidos às questões aqui trabalhadas.

Temos, então, uma abordagem que sustenta formas distintas de conhecer – produzindo saberes entrosados e engajados com outros a serem conhecidos. Permite a produção de saberes híbridos por meio da produção de materiais a serem analisados com uso de alguns instrumentos, entre eles as entrevistas narrativas, as entrevistas semiestruturadas e o diário de campo. Ressaltamos, aqui, que o próprio caminhar da pesquisa pode nos propiciar o uso de outras ferramentas para melhor compreender nossas inquietações, ressignificando o fazer metodológico em nossa trajetória pessoal de investigação. Afinal, estamos numa encruzilhada, a pedir caronas.

Então, vai ser assim? Você liga esse aparelhinho aí e eu vou falando né? Mas na hora que a gente fazer outra coisa e conversar sobre coisas que não vai cair em sua prova, você não precisa deixar esse negócio ligado né... digo, como é o nome mesmo, (...) isso, gravador. Gravar a história de Tietinha, que saiu da Galinha Choça até a Suíça Baiana. Haja pilha, porque eu sou intensa e cheia do leriado. Sou travesti, meu amor, tenho história que dá pra fazer uma novela para a Globo. Com fuxico, futrica e zuada!

Por estarmos em contato com uma travesti que *tem história para fazer uma novela*, a nossa escolha foi o uso de entrevistas narrativas. Essas ajudaram na captura das memórias, das experiências de fatos vivenciados e reinterpretados, a partir do momento presente e ressignificadas a partir de outras/novas experiências, afinal, por meio da narrativa “é possível reconstruir as significações que os sujeitos atribuem ao seu processo identitário, pois falam de si, reinventando o passado, ressignificando o presente e o vivido para narrar a si mesmos” (SANDRA DOS SANTOS ANDRADE, 2012, p.174-175). A escolha aqui é deixar falar. *É bom ficar de mutuca ligada na conversa dessa menina.*

Outra ferramenta que fizemos uso na nossa trajetória metodológica foi o diário de campo, importante instrumento de registro e nossa forma particular de conhecer os espaços de trabalho e pesquisa. Aqui, teremos um relato de caráter descritivo-analítico, investigativo e de sínteses cada vez mais provisórias e reflexivas. Será nossa fonte inesgotável de construção e reconstrução do conhecimento sobre o campo e nosso agir enquanto pesquisador; contudo, “a escrita do diário de campo não servirá apenas como um instrumento de registro das observações participantes, mas, sobretudo, de reflexão” (KLEIN; DAMICO, 2012, p. 76).

Por ser um estudo com bases nas memórias, vivências e histórias, a provisoriade, o dinamismo e a especificidade são características fundamentais de qualquer questão social.

Sendo assim, o caminho do pensamento e a prática exercida na captura da realidade, ou seja, a metodologia explorada em nossa pesquisa inclui além das concepções teóricas, um conjunto de técnicas e, não menos relevante, o potencial criativo do investigador.

As entrevistas, que ocorreram na residência de Tieta, foram acompanhadas de muitas risadas e comida nordestina. Era sempre uma festa. Seguíamos para lá, quinzenalmente, às sextas-feiras, e ficávamos até o final do domingo, finais de semana de muito aprendizado. Gravávamos e depois escutávamos juntos. Tieta sempre queria ouvir a voz dela no gravador. *Vixe, mas fico feminina dentro desse negócio. Mais mulher que a senhora. Minha voz fica fininha. Gostei disso. Seria bom usar isso nos programas. Tem bofe que adora que a gente se finja de princesinha.*

Escutar com Tieta todas as entrevistas foi uma maneira encontrada para aproximá-la da pesquisa e compreender que esse trabalho era nosso, não apenas meu. Ouvíamos tudo que foi dito e, se ela notasse, acrescentava mais detalhes. Além disso, Tieta sempre pedia para *cortar essa parte*, pois seria *muito bafon* para escrever na minha prova²⁸.

Com essa ajuda de Tieta, íamos conhecendo o material e os discursos que identificavam as suas motivações para a realização de seu fluxo migratório bem como a escolha da cidade de Vitória da Conquista, na Bahia, e as posições de sujeito ocupadas nesse processo identitário. As entrevistas e o diário de campo foram ferramentas também utilizadas para identificar e discutir os marcadores étnicos realçados pela travesti mediante as interações dela com outras travestis e moradoras/es da comunidade de Campinhos, em Vitória da Conquista/Bahia.

Acompanhou-nos nessa etapa de exploração do material colhido, a metodologia da análise discursiva, de inspiração foucaultiana. Bom ressaltar que Foucault não é um analista de discurso, mas nos convida a entender a noção de que o sujeito não tem uma essência, porquanto sua subjetividade é constituída no e pelo discurso. É o entendimento de que o discurso produz determinados sujeitos: *ser travesti é ser ousada, ter o prazer de transgredir o que dizem que é normal*. Para essas análises, utilizamos nesta pesquisa algumas atitudes metodológicas sugeridas por **Rosa Maria Bueno Fischer** (2003), a partir das contribuições de Foucault.

²⁸ Sobre o entendimento de Tieta em relação a esta pesquisa, que ela chama de prova, e suas impressões com a entrevista, podem ser encontradas na Carona 08.

Partimos, então, dos seguintes atalhos nessa rota metodológica: a linguagem e o discurso são lugares de lutas permanentes; os enunciados são raros e, nem sempre, evidentes e exclusivos; é preciso atentar para as práticas discursivas e não discursivas e manter uma atitude de dúvida diante dos aspectos investigados, pois “[...] no interior de certa formação discursiva – esse feixe complexo de relações que ‘faz’ com que certas coisas possam ser ditas (e serem recebidas como verdadeiras), num certo momento e lugar [...]” (FISCHER, 2003, p. 373).

O que esta estrada nos mostra é que observar as práticas produzidas nas relações de saber/poder de determinada época e descrever os enunciados considerados verdadeiros, que estão presentes no cotidiano e nas falas de Tieta, faz com que seus entendimentos sobre gênero, mobilidades e etnicidade produzam determinadas formas de viver. Trabalhar, portanto, com a dúvida é, então, uma consequência, que conduz nossa pesquisa por meio de um caminho fértil, em que há diversas possibilidades de interpretações, retirando-a do terreno das certezas.

Para Fischer (2003), pesquisar seguindo a perspectiva foucaultiana de discurso

[...] é fugir das explicações de ordem ideológica, das teorias conspiratórias da história, de explicações mecanicistas de todo tipo: é dar conta de como nos tornamos sujeitos de certos discursos, de como certas verdades se tornam naturais, hegemônicas, especialmente de como certas verdades se transformam em verdades para cada sujeito, a partir de práticas mínimas, de ínfimos enunciados, de cotidianas e institucionalizadas regras, normas e exercícios. Pesquisar a partir desses pressupostos históricos e filosóficos significa também, e finalmente, dar conta de possíveis linhas de fuga, daquilo que escapa aos saberes e aos poderes, por mais bem montados e estruturados que eles se façam aos indivíduos e aos grupos sociais [...] (FISCHER, 2003, p. 385-386).

Quando Tieta reforça sua travestilidade e recorre a discursos hegemônicos sobre feminilidade e masculinidade, a partir do seu tempo e do seu lugar de fala, percebemos o quanto tudo pode se repetir e, em alguns momentos, encontra lugar para estacionar sua coerente incoerência, um paradoxo particular. Tieta, em seus enunciados sobre as coisas que acredita, nos mostra que, às vezes, é preciso dar no pé, ensebar as canelas, subir, sumir, escapar deste lado do hemisfério ferino, insatisfeito com metades, maldizendo os retalhos, recolhendo as ambições e vivendo “a descrição dos enunciados que nesse tempo e lugar se tornam verdade, fazem-se práticas cotidianas e interpelam sujeitos, produzem felicidades e dores, rejeições e acolhimentos, solidariedades e injustiças” (FISCHER, 2003, p. 378).

Assim, a análise de discurso baseada no pensamento de Foucault se mostra um modo de fazer pesquisa sobremaneira interessante, quando o problema é investigar como determinadas subjetividades são forjadas pelos discursos presentes na afirmação identitária, étnica e de grupo traduzidos por Tieta. Sabemos que não é uma rota fácil. No campo da travestilidade, as investigações têm se interessado por Foucault, mas poucos são os trabalhos que ajudam a compreender os caminhos que essas investigações percorrem, quando se trata de ir ao campo da pesquisa, devido à grande variedade de abordagens adotadas.

Nesse sentido, a análise realizada na pesquisa não procurou desvelar o significado dos discursos que ali circulam, mas destacar seus efeitos na produção de subjetividades que colocam em xeque as verdades estabelecidas e que produzem modos de ser, questionadores e resistentes. Ou seja, o que dizemos sobre as coisas nem são as próprias coisas, e, quiçá, uma representação delas. Ao falar das coisas, nós as constituímos, pois “admitimos um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta” (FOUCAULT, 2005, p. 96).

E, depois, retornar, “voltar ao meu lugar e – aqui – preciso (d)escrever o que lá vi, ou mais precisamente aquilo que vivi ao ter realmente penetrado em/ou, se quiserem, ter sido penetrado por/outra forma de vida, de ter, de um modo ou de outro, verdadeiramente, estado lá” (LUIS HENRIQUE SACCHI DOS SANTOS, 2005). É, por si só, um deslocamento. A gente sempre deve sair como quem foge de casa, como se estivessem abertos diante de nós todos os caminhos do mundo. Não importa que os compromissos, as obrigações, estejam ali... Chegamos de muito longe, de alma aberta e o coração cantando! E viemos, claro, de vários lugares.

LONGE DA TERRA AMADA, SEREI SEMPRE AVE ARRIBADA**VOANDO TENTANDO VOLTAR.**

Quando comecei a estudar sobre migração, fui questionado o porquê meu interesse em falar de deslocamentos, fronteiras, caminhos. E, de imediato, respondi. Sou uma pessoa em trânsito. Assim como Tieta. Ao ouvi-la narrar suas estradas, imaginava as que eu também percorri. Aqui, eu entrarei. Será uma parada para falar de mim e de minha vivência com a migração. Tieta está aqui. Só que quietinha. Está cochilando. Já são altas horas da madrugada. O vinho derrubou a gente. E, eu, nesse momento, assumo a direção para contar um pouco de minhas paradas e trajetos já realizados.

Afinal, somos todos viajantes de uma jornada cósmica - poeira de estrelas, girando e dançando nos torvelinhos e redemoinhos do infinito. A vida pode ser eterna. E nós, quem sabe? Mas uma coisa já sabemos, suas expressões são efêmeras, momentâneas, transitórias. Estamos, juntos/as e misturados/as, num

(...) “emaranhado” de linhas, de trajetórias, que são vividas e caminhadas em conjunto, produzindo um emaranhado, um novelo de trajetórias autorreferidas. Esses caminhos emaranhados produzem algo como as ontologias, que são fruto do compartilhamento de perspectivas ao longo do caminho. Esses emaranhados são condensações de perspectivas dentro de emaranhados maiores, dentro ainda de outros emaranhados, numa espécie de fractalismo tecelar. Emaranhados dentro de emaranhados dentro de emaranhados. Cada concentração corresponde a precipitações que poderíamos chamar de diferencialidades: modos compartilhados de experimentar, ver, pensar e sentir o mundo. Nesse sentido, os emaranhados são totalidades, mas um tipo de totalidade que se tem com um novelo: basta puxar o fio para desmontá-la e reembaralhá-la em novos emaranhados. (IGOR JOSÉ DE RENÓ MACHADO, 2013, p.153).

O que podemos dizer até aqui, com tantas histórias ouvidas e alegremente contadas por Tieta e dialogada com as minhas, é que, quando recorremos aos emaranhados, resta sempre algo de parentesco, agenciando a experiência dos/as sujeitos/as. Comida, palavras, imagens, corpos. Todos/as eles/elas remetem à produção de identidades a partir de alguma identificação, afinal “ter raízes é talvez a necessidade mais importante e menos reconhecida da alma humana” (EDWARD SAID, 2003, p. 56). E o caminho – até aqui – é fruto desse exílio como articulador da diferencialidade (MACHADO, 2013) e na perspectiva de que

nossas pátrias são sempre provisórias, pois estamos “atravessando fronteiras, rompendo barreiras do pensamento e da experiência” (SAID, 2003, p. 57).

Não vêes que somos migrantes de nossas próprias identidades? E tu me perguntas: Que é migrar? Eu respondo com uma palavra: é avançar! Experimentais isto em ti, que nunca te satisfaças com aquilo que és, para que sejas um dia aquilo que ainda não és. Avançar sempre! Não fiques parado/a no caminho. Afinal, migrar é “a vida levada fora da ordem habitual. É nômade, descentrada, contrapontística, mas, assim que nos acostumamos a ela, sua força desestabilizadora entra em erupção novamente” (Ibidem, p.60).

São 192 cidades que passei. Ficava num período de dez a quinze dias, em cada uma delas, entre os anos de 2006 a 2011. Eu era responsável pela execução da política LGBT do Estado da Bahia. Não tinha como pensar em diversidade sem conhecer as diferencialidades de cada LGBT desse nosso território. Fiz uma escolha. De Vitória da Conquista até Salvador, da casa de minha mãe até a capital, fui morando, fui migrando, fui descobrindo sujeitos, corpos, sabores... Encontrei tantas e tantos e me encontrei. E, agora, convido-te a viajar nesse Estado maravilhoso e descobrir, comigo, esses tantos de lugares. Migre seu olhar para além dessa escrita e encontre esses tantos lugares que eu, de carona ou de transporte coletivo, construí um pouco do que hoje sou.

O tema das migrações é, com certeza, uma das questões mais atuais no mundo contemporâneo seja nos campos econômico, político e cultural, seja no campo acadêmico. Isso é justificado não apenas pelo enorme contingente de pessoas em fluxo ou que vivem em locais nos quais não nasceram, mas, também, pela dramaticidade e tensões vividas por migrantes e deslocados/as de várias origens seja em suas tentativas nem sempre bem sucedidas de ingressar num local de destino, seja nele permanecer. As migrações mais do que um fenômeno econômico consistem em uma polissemia de significados.

Significados esses que se entrelaçam nessa teia de relações que vamos traçando em nossa caminhada. São rotas, de-rotas, mudanças de rotas. Ao falar de trajetórias, estaremos sempre nos remetendo à ideia de deslocar-se. No nosso caso de estudos, para o campo das etnicidades, falamos das fronteiras, perpassadas pelos processos migratórios. Migração e mobilidade são fenômenos constituintes da experiência contemporânea. Estar no mundo, hoje, é conviver com a mobilidade e a migração, e todas suas implicações. Do ponto de vista existencial, esta é uma experiência desconcertante, em que as referências espaciais e

socioculturais são reconstituídas, num processo que envolve e atinge o próprio cerne da autoidentidade a partir das identificações.

Não é algo fácil estar num lugar diferente. Deslocamentos operam desestabilizações. A fuga, a saída, o deslocamento em si e mesmo a chegada, são movimentos que rompem estruturas e dialoga com relações de poder, num exercício de poder-saber e produção de verdades sobre o que são imigrantes. Passei por isso ao chegar nessas inúmeras cidades. Mesmo chegando com um objetivo a ser realizado, com encontros agendados, organização de hospedagem e alimentação, eu me sentia num entrelugar, me fazendo e me formando nas fronteiras e na itinerância.

Todas as pessoas que encontrei e que comecei a observar além de serem meus/minhas semelhantes, também eram meus/minhas observadores/as. Pude nesse encontro perceber o quanto a migração é capaz de criar estratégias para sincretizar alteridades, produzir redes de colaboração e solidariedade e, enfim, construir formas de resistência e liberdade. É uma vida coletiva com mais conexões e cooperação. “É conjunto de outras vozes e narrativas dissoantes, enunciadas por mulheres, pelos loucos, pelos colonizados, pelos traços, incluindo aqueles que portam sexualidades e comportamentos constantemente policiados” (ARYADNE BITTENCOURT WALDELY; FABRICIO TOLETO DE SOUZA; MATTEO LOUIS RAUL MEIRELLES THEUBET; NATALIA CINTRA DE OLIVEIRA TAVARES e RAÍSA BARCELLOS NEPOMUCENO, 2015, p. 244).

A diferença surge como uma palavra-chave para intervenção crítica, relacionada à formação do/a outro/a concebido/a como aquele/a que é diferente de nós. Nos estudos feministas e *queer*, a noção do/a *outro/a* é elaborada e utilizada em relação a gênero. **Judith Butler** (2003) desenvolve, nesse sentido, a temática do *abjeto*, ao se referir às sexualidades fora da norma, ou seja, ininteligíveis, que fogem às normas hegemônicas da direta relação entre gênero, sexualidade, prática sexual e desejo. Também nos estudos críticos feministas e pós-coloniais sobre a noção do/a *outro/a*, essa perspectiva do espaço discursivo para a demarcação de quem somos *nós*, é fundamental.

Refletindo, então, essa migração com travestis, vemos que a transfobia institucionalizada nas relações cotidianas forma a base para as diversas migrações vividas, tanto no Brasil quanto no exterior. Ressalta-se aqui como as relações de poder baseadas nas identidades de gênero, na sexualidade, impactam no campo da imigração. Podemos, talvez,

pensar, que a não inteligibilidade dos corpos subversivos leva de fato a um exílio, a uma exclusão do meio social. “Se certas vidas não se qualificam como vidas, ou, desde o princípio não são concebidas como vida, dentro de certos marcos epistemológicos, então, tais vidas nunca se considerarão vividas ou perdidas no sentido pleno de ambas as palavras” (BUTLER, 2003, p.63).

Vidas em migração e na subalternidade ou experiências de viver no exílio geram uma nuance de dor, de perda, de lamento e de desagregação que se transforma em matéria fértil para narrativas recorrentemente moldadas sob um viés realista de sofrimento. Mas há também um olhar de destaque a tantos nós que, retomando a reivindicação de Spivak (1994) da necessidade de escrever histórias alternativas com a contribuição dos grupos não-hegemônicos. Voz e visibilidade aos/às subalternos/as. Produzir liberdade, justiça e direitos.

No meu caso, me construir mutante. Um pouco de várias Bahias cortaram o meu corpo. Para Tieta, seu corpo está cotidianamente sendo cortado, talvez por lembranças, amores, canivetes, socos e pontapés. Mas aqui é, por si só, uma nova carona. E quem, numa espera por transporte, já não fez um caça-palavras?

“A noite e o caos são parte de mim.

Dato do silêncio das estrelas. Sou o efeito de uma causa do tempo do
Universo [e que o excede, talvez].

Para me encontrar tenho de me procurar nas flores, e nas aves, nos campos e
nas cidades, nos actos, nas palavras e pensamentos dos homens, na luz do sol
e nos escombros esquecidos de mundos que já pereceram.

Quanto mais cresço, menos sou eu. Quanto mais me encontro, mais me
perco. Quanto mais me sinto mais vejo que sou flor e ave e estrela e
Universo. Quanto mais me defino, menos limites tenho.

Transbordo Tudo”.

(Fernando Pessoa, poema Anarquismo)

Abaré. **Alagoinhas**. Alcobaça. Amargosa. Amélia Rodrigues. Anagé. Antas. Aporá. Araci. Baixa Grande. Barra. Barra da Estiva. Barra do Choça. Barreiras Belmonte. Boa Vista do Tupim. **Bom Jesus da Lapa**. Boquira. Brumado. Buerarema. Buritirama. Cachoeira. Caculé. Caetité. Camacan. Camaçari. Camamu. Campo Alegre de Lourdes. Campo Formoso. Canarana. Canavieiras. Candeias. Cândido Sales. Cansanção. Capim Grosso. Caravelas. Carinhanha. Casa Nova. Castro Alves. Catu. Cícero Dantas. Coaraci. Cocos. Conceição da Feira. Conceição do Coité. Conceição do Jacuípe. Conde. Coração de Maria. Correntina. Crisópolis. Cruz das Almas. Curaçá. Dias d'Ávila. **Encruzilhada**. Entre Rios. Esplanada. Euclides da Cunha. Eunápolis. Feira de Santana. Formosa do Rio Preto. Gandu. Governador Mangabeira. Guanambi. Guaratinga. Iaçú. Ibicaraí. Ibicoara. Ibirapitanga. Ibotirama. Iguaiá. Ilhéus. Inhambupe. Ipiauí. Ipirá. Iraquara. Irará. Irecê. Itabela. Itaberaba. Itabuna. Itacaré. Itajuípe. Itamaraju. Itambé. Itanhém. Itaparica. Itapetinga. Itapicuru. Itarantim. Itiúba. Itororó. Ituaçu. Ituberá. Jacobina. Jaguaquara. Jaguarari.

E E A U M A M A C K O G R C P J U Y C C C E P Z V O E P U B M A H N I K I V A B
 J P S L C A R I E B A G N A M R O D A N R E V O G T U I O T Z X C R C B D V A O
 A I Í P E O C F J I C S G T J Z S M N U J T S Z P E J K A W H A K A O G I P N A
 G A R U L B N L C T N U T U N O P E D J L A F I K R J L F U M H D T R T R H I V
 U P I E C A A D B U A E R N L O R A I A D Y D C M P C P F A U I I W S U A R T I
 A Y E R C A N T E B S H N V A A R I D R B G A A F O Q E C Y Q R C E V G C E N S
 Q H U Í A Ê J A I E N L Y L C R B I O A Q A S R B I S A M L A S A D Z U R C E T
 U P N K A M T O D R A I E A A Ü B E S M P Z R A C R N M H M F D E W A J K A R A
 A T A U G U E X D A C G T B V I A G A A Y C C E N O E E A K A B K C E A C N R D
 R Q P A V H G D N O R I J V C Y P Q L T X A I D B D C L K R M E I P N Í A U O O
 A R O K A V N I O E A E C A N A V I E I R A S L N A P S R A A R E Q A C S T B C T
 A R L E D B B I D A D C R Y R T U Q S Q A B Z R C S T A T N A A R E D H R A P U
 A V I S X O Q E Y N C A I X W A I T A N H E M U G O B I A P R A R R Z X T T Q P
 D H S W C U L V A W Í A X E J I U X G G Z Q L P O M C G A I N O R O I G Q I H I
 C H N A I O A R T B M F R D C A E Q N B C E X X U R E T E A D C E I W N W Q Z M
 C A J A U T G I A W U T D O E N U G A I T I Ú B A O I F C A L A F G E P R V P D
 M O M R H A I R K R B O S Z C A O R T R H X N K S F A T N X S S Y W C O S L C P
 W G D P X N R A S O G R A M A T D C I K I U E Z O D U T G O D T Z E Y F H N H M
 Y E J I O E I W K L K N S D R N I Y P X D E G S O X A T C Y I R D F V K C L L
 S U A Q I F R R S A T N A E I A A S A P A L A D S U S E J M O B F G I Q E A A
 J B P R I Q O E A S K E Q N O S S L R A E I C T I I V G L D D A Z H O H U P L C
 N C A F K V G R W C K C X W A E D W I X W I T L D F T U Q P P L R E P C F A N Z
 N S N L V F Z R M P C D E A K D V T B F E A O A D L M A O Y J V A E L N G H B M
 B A R R A D O C H O C A J B X A E J I C S P Ú R P D A K R S N E R I E O K S X G
 G U A R A T I N G A S Z N A T R C T N R Ó Z A A F E K D A A A S D N I D L P U L
 A M A R I T I R U B I O U R Z I T O N S B B I C M C T L A F N E H N P E E O S H
 C O C O S O E P N J S S M E W E C V I O M A P Y A E E I A H S T H G Z R P U Z W
 I F A C A N D E I A S X L S B F J R V R M A I C R V L Y N D L A I Y Q U Í B S I
 U T S T A E N T R E R I O S J C C M P P K L A V A A J I A G S I X M U X U X I R
 Z J O T O P A R A O C I B I J A C U C T Z R E R Y P R C A W A E Z F R C J H R Q
 D S V R X T I U Z Q M D Q Z A E Q K A I I N A B I S U O C R G I H U S Y A E A H
 K T D G O D B M B H S K Y A G T T B A P A C H V A N H Y P P O W P K R L T R C I
 B O Q U I R A B G I R A R A U I G C I X A A K V H R C E Q A Q D Y Q Q C I R A P
 K G D U R Q N Ó S R R A I R A A T U J S G F D I A I R A A F J K S R Y E J N C M Y
 Q P Q F T Y T F T U O C C H R E A M D J G L M D Z T A L S G M A G I U O G E A Q
 A M E R A R E U B U M S D W A T N O I C A R A O C V U G N A V N V K G U F L C M
 R H D T G W S L E I Y A S B R P A I T A P I C U R U J A Y E N J A O V U X B N Z

Jequié. Jeremoabo. João Dourado. Juazeiro. Laje. Lapão. Lauro de Freitas. Livramento de Nossa Senhora. Luís Eduardo Magalhães. Macaúbas. Madre de Deus. Mairi. Maracás. Maragogipe. Marauá. Mata de São João. Medeiros Neto. Miguel Calmon. Monte Santo. Morro do Chapéu. Mucuri. Mundo Novo. Muritiba. Mutuípe. Nazaré. Nova Soure. Nova Viçosa. Olindina. Oliveira dos Brejinhos. Palmas de Monte Alto. Paramirim. Paratinga. Paripiranga. Paulo Afonso. Pilão Arcado. Pindobaçu. Piritiba. Planalto. **Poções.** Pojuca. Porto Seguro. Prado. Presidente Tancredo Neves. Queimadas. Quijingue. Rafael Jambeiro. Remanso. Riachão das Neves. Riachão do Jacuípe. Riacho de Santana. Ribeira do Pombal. Rio Real. Ruy Barbosa. **Salvador.** Santa Bárbara. Santa Cruz Cabrália. Santa Maria da Vitória. Santa Rita de Cássia. Santaluz. Santana. Santo Amaro. Santo Antônio de Jesus. Santo Estêvão. São Desidério. São Felipe. São Francisco do Conde. São Gabriel. São Gonçalo dos Campos. São Sebastião do Passé. Sátiro Dias. Seabra. Senhor do Bonfim. Sento Sé. Serra do Ramalho. Serrinha. Simões Filho. Sobradinho. Tanhaçu. Taperoá. Teixeira de Freitas. Teofilândia. Tucano. Uauá. Ubaíra. Ubaitaba. Ubatã. Umburanas. Uruçuca. Utinga. Valença. Valente. Vera Cruz. **Vitória da Conquista.** Wenceslau Guimarães. Xique-Xique.

E aí? Encontrou essas cidades de nossa querida Bahia? Lugares que passei, deixaram

S E S H D F K B O L G K I G I E U V S L P Q A T O J H K F S P P T A U S E S A A
Z A P A O P L M A L W X P T R S B D L U K A U F L B T O A W P F T P E E S A S G
U A N Í O P O J A A I O A U Z A A T O J E C L E A E A O R O G S A V P V S N O N
L M I T U G E J A O B V O L Y N T G E S A D F M O E D O A S I N E S A E A T C A
A A Q Y A C A S U X P S E W K T A O N N O T E F A E J H M U M N W A H N P O I R
T R R G N B A B U C A O U I U A P P O I U P I D S S N R Q E O M N T C S O E V I
N A A I A P A J R V A K Y N R M I V M P T L M I E I D N H D R J K I O A D S A P
A C F O T P G R O I N B Q S U A N S V L A U D A R R O E E K R E A R D D O T V I
S A A G N T X N B D E D F B C R D N P N P E V R C C D R M W A S J O O O A Ê O R
E S E J A U X Y J A O L K L U I O O D O R A E F A S C A Y O O Q B D R A I V N A
T M L O S N A M E R R A T Y C A B A I S I R S R D P N O O M B N L M I R H T A Y P
I T J O A M C D S P S A H V A D A D O B W T A A A I S D R W U T T A O C S O H K
H S A N T O A M A R O G C C E A C K U E R I O T T N L A O N C P E S M A A B A S
P S M Y I H R P V K P E H R A V U E M J R E E S O I B W P L J L O A T I B O L V
R I B E I R A D O P O M B A L I V A Y Ó X T J F E Y N F D O A U V E L R E A N E
H M E J O D A R U O D O A O J T R R T Z N S A I U G P G T O I C O U T T S P D Q
W O I X S A T U O U C P E W S Ó M I L E A O M R N L U E A V R Z N W A Y O A Z S
N E R F A B O A O T S B M E N R V T D N L U G I T H N R G O U L B O B E A L A I
K S O B G H O J P D N U K Z M I X I T U T A X H I S O L O N C J U K G S S N A K
S F V X N O C G O E M A R A Ú A S O A U I N U E O R G S X O U N M H W O T N K D
M I U B A I T A B A R O S Y Z E A P Í A U A U R I R Y W G D M B F U B A A X R L
N L B K B P H L R V S O X E R N H P S I O P I E O X Q J K N Y B K R R T L S Q Z
C H P A R A M I R I M E A P T P E Z T K V E Z W L D R I S U H K A I N I R N U J
M O E U G N I J I U Q E D Ô X N D G X L D A O D U P E B J M X D T A S X T L P L
E D N O C O D O C S I C N A R F O A S E U R Y S J P S F E H I A S J A P W I Q D
E U Q I X E U Q I X C I G B T I I M M J M A C A Ú B A S R N D E F S N S O I B E
E P I G O G A R A M O A S N C A M I G U E L C A L M O N H E D G E N T E L Y P A
O O H L A M A R O D A R R E S Y M O T L A N A L P T L O C O I N S Q A A I N R A
T A N H A C U P E E R E T N E L A V P O C O E S N B R A H P H T U J C B N G Q D
S H U Z I E I J A Z C O A R Í A B U V G U G E E A R S C L O R E A V R R D A J D
K J A R R R E K H B Y R D Q U U I J M E H I S P V S A Z R A I A A S U A I L M H
G K I A I S W E N C E S L A U G U I M A R A E S I I K D V M E L D O Z S N R D U

lembranças e algumas marcas. As cidades em destaque, negritadas no texto, são algumas que, durante um bom tempo, me acolheram e me ensinaram tanta coisa sobre a vida adulta. Com um povo lindo e acolhedor, o sol e alguns pedaços de mar, a vontade é de adotar o estilo de volta para a minha terra, e voltar sempre para conhecer cada cantinho da região que eu ainda não visitei. O mundo é tão vazio se pensarmos apenas em montanhas, rios e cidades. Mas conhecer alguém aqui e ali que pensa e sente como nós, e que embora distante, está perto em espírito, eis o que faz da terra um jardim habitado.

Caçar palavras, encontrar cidades: um monte de letras embaraçadas. E quem nunca esteve embaralhado em suas escolhas, caminhos? Quem nunca parou para caçar identidades, lembranças, sinais? “Dentro de nós, há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas” (HALL, 2011, p. 13). É uma multiplicidade de identidades, por ora desconcertantes, mas cambiantes de identidades possíveis: “se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda história sobre nós mesmos ou uma confortadora ‘narrativa do eu’” (id, 2011, p.13).

Cientes de que toda identidade é fluída (ZYGMENT BAUMAN, 2005) e que o próprio conceito de identidade é, na verdade, uma fábula (UMBERTO ECO, 2007) ou invenção (HALL, 2006) criada com base em argumentos biológicos e naturais ou históricos e culturais (KATHRYN WOODWARD, 2009) e que esses argumentos são, na verdade, versões de realidade criadas a partir de repetições de discursos que tenham uma mesma base ideológica (ANA CAROLINA ESCOSTEGUY, 2010), ainda utilizamos o conceito identidade como referência rasurada (HALL, 2009) por ser o mais próximo do tema de investigação proposto: existo onde me desconheço, aguardando pelo meu passado, ansiando a esperança do futuro.

CADA VERSO DESCOBRE A ESCRITA

E GRITA.

A TRAVESTI TAMBÉM QUER FAZER POESIA.

Adorei ouvir sua história, bicha. É viajada, né? Agora que te escutei, falar de suas viagens, vou falar de mim. Afinal, a prova é sobre minha vida. E quero que a senhora tire dez. (...) Eu nasci em Quixadá, no Ceará, a cidade da Galinha Choca. Sou Tieta de Quixadá. Mas eu não dou nada, só alugo. Não conheci meu pai. Minha mãe era puta. Tinha vários homens lá em casa. Um deles poderia ser meu pai. Mas tinha um que eu gostava mais. Ele cuidava de mim. Se ele estivesse vivo, nem sei, sabia, se estaria aqui hoje, se estaria nessa vida desgraçada. Mas é minha vida... Ah, sei lá... Como é que fala? Ah, é o que acontece mesmo, né, na vida da pessoa... Não é que 'ah, eu virei [travesti] porque eu fiquei revoltada com minha família'. Não. Cresci desse jeito, gosto de ser assim... Tem que dar close sempre, tem que curtir. Sou isso aqui... sou tudo isso que você vê e também tantas outras que você não vai enxergar. É uma mistura de tanta coisa que se eu contar vai acabar a pilha desse seu negócio aí. Posso falar?

E como pode, querida Tieta. É o que mais queremos aqui. Ser testemunha de sua fala, sua história e construir ciência. Assim como, meu texto, sua vida, nossa vida, é transpassada por descontinuidades, reestruturação das relações sociais ao longo de escalas indefinidas de espaço-tempo; por fragmentações, processo sem-fim de rupturas internas dentro de nosso próprio interior; por deslocamentos, constante descentramentos por forças fora de nós mesmos. Comungamos, portanto, com a ideia de Stuart Hall que nos convida a pensar sobre como a modernidade é atravessada por diferentes divisões e antagonismos sociais “que produzem uma variedade de ‘posições-de-sujeito’ – isto é, identidades – para os indivíduos” (HALL, 1990, p.17-18).

Essa travessia, na sociedade em diáspora, a variedade dessas posições-de-sujeitos identificadas e assumidas pelas pessoas, perpassa na nossa compreensão que não existem posições-de-sujeito inteiramente isoladas e paradigmaticamente fixadas, numa relação de determinismo histórico. As identidades, pois sim, vivem um constante devir no adaptar-se a novos conceitos, realidades e culturas, vivenciando um traduzir que é tanto interpretar o/a

outro/a, quanto a nós mesmos, a partir de um entrelugar (HOMI K. BHABBA, 2000) na fronteira ou encruzilhada em que as duas ou mais culturas se encontram.

Sou do Ceará, porque eu nasci lá. Mas sou um pouco desse Brasil. Já passei em tantos lugares e, com certeza, cada pedacinho desses que passei deve ter me ensinado alguma coisa. Tanta rola que chupei, tanto cu que comi, nada é igual. Cada um tem seu borogodó... Agora tem um pedaço bem grande da Bahia no meu coração. Foi aqui que me senti mais em casa. Tenho até casa própria e título de eleitor. Sou uma cearense-baiana ou uma baiana que veio do Ceará? Quem sabe, só sei que sou uma misturada doida... Tem tanto esperma dentro de mim que nem sei dizer se sou só uma coisa ou outra... sou de tudo um pouco e tenho um pouco de cada homem desse mundão, dentro de mim. Uma coisa, eu sei. Sou travesti!

Falamos aqui de processos fluidos, instáveis, contraditórios, fragmentados, inacabados, como posições assumidas de modo temporário. Talvez, ninguém seja original. “Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece impossível fazer uma escolha” (HALL, 2011, p. 75). Quem sabe, hein, Tieta, não seja o cu, com tanto esperma, um espaço nodal particular de articulação de nossas identificações?²⁹

Quem sabe, só sei que sou uma misturada doida... (...) Uma coisa, eu sei. Sou travesti!

Nossa primeira entrevista com Tieta para a construção desses escritos. Tudo foi organizado a partir dos pedidos dela. Eu estava empolgado por que Tieta tinha me aceitado em sua casa, para contar sua história e criamos, juntos, estes escritos. Segurarmos, em conjunto, essa *rudia*. Era manhã. Passei na Central de Abastecimento para escolher um pedaço de carne. Para o nosso encontro foi sugerido o cardápio. Tieta queria comer filé à parmegiana³⁰. Purê de batata. Arroz branco. Salada verde.

Hoje você escolheu filé
À parmegiana
Porque quer impressionar
Aquele cara bacana

²⁹ Para Tieta, o cu é um elemento que diferencia as pessoas, os grupos. Essa viagem entre cus e entrando no cu dos outros ficará para um estudo posterior, quem sabe pegamos carona para algum programa de doutorado. Afinal, falar e experimentar cus é, por si só, outras entradas. A vontade é grande, mas não vamos desviar agora o caminho.

³⁰ A carne pode ser nobre como o filé ou feito com coxão mole, patinho ou até mesmo frango. Apesar do nome parmegiana remeter a região de Parma na Itália, ele não é servido por lá, ao menos não como um clássico da cozinha italiana. A origem do nome Parmegiana deve-se a colonização italiana em São Paulo que reuniu alguns insumos, entre eles o queijo parmesão para criar um prato servido em todas as regiões do Brasil que leva na sua composição elementos simples como carne, ovo, pão dormido, molho de tomates e queijo parmesão e servido com tradicional arroz branco e purê de batata.

Que conheceu numa noite especial
Regada a drinques de pele e sal
Em que foi tão gentil!
Te beijando sutil
A nuca e depois a boca
Então separa já, separa a farinha de rosca
E empana os bifés temperados
Frita e deixa de lado.
E enfeita a mesa
Com vela acesa!
E flor de lírio branca
Que essa a todos encanta
De puro perfume!
Deslumbre!
Agora os molhos
Primeiro ao sugo
Com tomates frescos e manjeriço
Tempera com coração
E muito cuidado
Que é pra não ficar talhado!
Agora os três queijos
Mussarela, prato e parmesão
Amolece com creme de leite
E uma colher de requeijão
Depois disso ele estará em sua mão!
Monta o prato com delicadeza
E se prepara para ser a sobremesa
Monta a cama
Vá com calma...
Primeiro no refratário
Com filé no fundo,
Depois ponha o presunto
O molho ao sugo e os queijos
Leve ao forno para gratinar
E para esperar tome um belo banho
Com sais e óleo perfumado
Cantarola um Djavan arrastado
Se arruma bem devagar
Mas não deixa ele esperar
O recebe com sorriso e uma taça de vinho
E não vai se confundir
Nem se derreter
Quando encabulada quando o ouvir dizer:
Hum... que cheiro bom
Estou louco pra comer! (FARIAS, 2011).

Enquanto preparava nosso prato, eu estava louco para devorar a vida de Tieta. Entre molhos, queijos e pedaços de carne, haviam ouvidos atentos. Desde que cheguei, conversamos um pouco sobre a pesquisa, entendida por Tieta como uma prova/avaliação, mas tinha a perspicácia que era sobre a sua vida, suas andanças, suas relações e pertencimentos.

Vou te contar tudinho, bicha. Quero que você tire dez nessa prova sobre a vida de Tietinha, a cearense que migrou para a Bahia.

Liguei o gravador. Num primeiro momento, ela estranhou a presença daquele aparelho. O estranhamento com a própria voz por parte de Tieta aconteceu. É como se o gravador expusesse a ela uma parte alheia e desconhecida dela. É como não gostar de uma foto de si mesmo. A foto é apenas mais uma versão de um ângulo que não se está acostumado a ver. O mesmo acontece com a voz, já que não é possível ouvi-la da mesma maneira que os outros a ouvem. Apesar desse desconforto inicial, conversamos melhor e entramos num acordo. *Pode ligar esse negocinho aí, mas não me avise. Por que acho estranho saber que minha voz vai parar aí dentro. Coloca ele ali em cima da geladeira, você vai perguntando, eu vou falando... assim eu esqueço que ele está aqui com a gente.*

Lá fomos nós. E fiz a pergunta. *Como é ser mulher, Tieta?* Uma pergunta baseada nas minhas vivências com políticas públicas LGBT e com a defesa de que esses direitos devem ser compreendidos não sob o equivocado prisma da criação de novos direitos, mas sim sob a ótica da aplicação dos direitos humanos, indiscriminadamente. E, especificamente, às travestis, essas políticas governamentais trabalham com a ideia de que são homens no sentido fisiológico, mas se relacionam com o mundo como mulheres³¹. Uma ideia, por si só, fixa. Então, como militante dessas políticas, não tinha como não questionar, em uma primeira pergunta, algo sobre o ser e sentir-se mulher. E as respostas de Tieta... Essas quebraram a fixidez dos conceitos e, como diz William Siqueira Peres, o que temos são travestilidades nômades, com uma explosão dos binarismos e com a emergência *queering*, em que “não se apoia em um modelo único de referência sexual e de gênero para sua efetivação” (PERES, 2012, p. 539). Começamos, aqui, a repensar que as expressões de sexualidade e de gênero das travestis *passam cheque* nos conceitos identitários vigentes.

Quem disse que sou mulher, bicha? Já disse que sou misturada. De uma coisa que eu tenho certeza é que sou travesti. Tem horas que sou mulher, cuidadosa, queridinha, arrumo a casa e faço até comidinha, a fina, nem dou close. Mas há momentos que o Francisco toma conta de mim. Sabe, esse negócio aqui funciona. (Aqui, Tieta levanta o vestido floral que está

³¹ O conceito de travesti como *homem no sentido fisiológico, mas se relaciona com o mundo como mulher* é trabalhado pelos órgãos governamentais a partir das diretrizes apresentadas pelo Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB (Gays, Lésbicas, Transgêneros e Bissexuais) e de Promoção da Cidadania de Homossexuais “Brasil sem Homofobia”, lançado em 2004, pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. É documento-síntese que apresenta um conjunto de ações destinadas à promoção do respeito à diversidade sexual e ao combate às várias formas de violação dos direitos humanos.

usando e mostra o pênis, que estava solto, sem calcinha ou cueca). *Sou homem quando preciso dar conta das polícias quando pega a gente na rua. Tenho que dar soco também nos bofes que querem dar elza nos aqué da gente. É uma mistura, de homem, de mulher, de travesti. Dou meus atraques, meus bafon. É tudo junto. E, sabe, de uma, meu cu! Não tô nem aí por ser isso tudo num corpo só. Só precisamos saber usar, né?*

O que Tieta nos apresenta aqui é essa emergência da travestilidade como processualidades em trânsitos. Constituem-se, então, por meio de processos de subjetivação que oscilam entre discursos e figurações normatizantes, como as expressões de ser homem e ser mulher, reforçadas por Tieta, e que são disciplinadoras de corpos, reguladoras do prazer. Há formas de agir que, no cotidiano dela, a definem como ser homem e ser mulher. Um compõe o rol dos comportamentos vigiados. O outro define os espaços de autoridade e violência. Performances.

Simone de Beauvoir mostrou, no livro *O segundo sexo*, que na cultura dominante a relação entre os dois sexos se parece muito com aquela entre os dois polos elétricos, porque o homem representa tanto o positivo quanto o neutro, enquanto a mulher representa só o pólo negativo. **Teresa de Lauretis** interpreta o sistema sexo-gênero como a construção, a desconstrução e a representação das relações entre homens e mulheres. Ela fala em “tecnologias de gênero” e considera que “o sujeito gendrado é criado não apenas pela diferença sexual, mas sim por meio de códigos lingüísticos e representações culturais” (**LAURETIS**, 1994, p. 28).

Lugar de mulher é na cozinha, quem nunca ouviu essa máxima? Ou melhor (pior): quem nunca a ouviu em pleno século XXI? Embora vivamos em um mundo contemporâneo e pluralizado, de liberdades e igualdade (?) de direitos, o feminino ainda continua sendo constantemente reduzido a lugares comuns do imaginário masculino, que já deviam há muito tempo ter sido superados. Entretanto, esse problema persiste e, portanto, faz-se mais do que necessário falar nele. Mudar, quem sabe, a máxima. Traduzir-se para: o lugar das mulheres é onde elas quiserem.

Tieta, ao afirmar sua *mulheridade* no momento em que realiza atividades domésticas, confirma o quanto a feminilidade deve ser atestada publicamente pelo enquadramento em padrões comportamentais que aludem à heterossexualidade. Assim, ser reconhecida

socialmente como homem ou mulher será uma condição alcançada pela manifestação pública de comportamentos associados à masculinidade e à feminilidade.

É por isso que **Butler** afirma que o gênero é performativo, ou seja, produzido por modos de agir identificáveis como masculinos e femininos. Assim, a alegada existência de uma essência feminina ou masculina seria um produto dessa performance, e não o contrário. É a repetição reiterada desses comportamentos que criaria a ilusão de que sua origem está em uma essência natural que precede e transcende a vida social, ou seja, “as identidades de gênero são produzidas pelas regras de feminilidade e masculinidade que o comportamento de homens e mulheres supostamente apenas representa” (**BUTLER**, 2003, p. 12).

Essa representação do feminino, em Tieta, expõe como esses modelos são construídos. Para ela, a mulher está inserida na categoria tolerável “santa” e feita para “casar”. São condicionadas para se produzirem como donas-de-casa, esposas e mães. Desse modo, imprime-se na menina a delimitação de seu lugar, o privado, o lugar interno. Para o menino, estimula-se o lugar externo, o oficial, o público. Essas identidades são impostas de maneira violenta, obrigando-nos a enquadrarmos nas categorias definidas pela heteronormatividade, independente da identidade que a gente acredita se reconhecer. Ao se pensar e se produzir como feminina e masculina e, portanto, uma mistura, Tieta utiliza das normatizações esperadas para a masculinidade (coragem e defesa) e feminilidade (cuidar da casa e ser fina) e, de alguma forma, isso ainda permanece como referência para ela.

Reluz, portanto, o quanto a heteronormatividade visa regular e normatizar modos de ser e de viver os desejos corporais e a sexualidade de acordo com o que está socialmente estabelecido para as pessoas, numa perspectiva biologicista e determinista: há duas – e apenas duas – possibilidades de locação das pessoas quanto à anatomia sexual humana, ou seja, feminino/fêmea ou masculino/macho. Haveria, conforme ressalta **Guacira Lopes Louro** (1999), uma lógica na representação hegemônica do gênero e da sexualidade que definiria uma coerência “natural” e “inerente” entre sexo-gênero-sexualidade; isto é, cada sexo só poderia interessar-se pelo sexo oposto (sexualidade heterossexual) e este interesse seria ratificado pela possibilidade procriativa.

O modo como a heterossexualidade – e a heteronormatividade – está naturalizada na cultura, tem uma história relacionada com articulações específicas de poder-saber que, em um determinado tempo e lugar, legitimaram o comportamento heterossexual como “normal”. O

sexo e o gênero são materializados nos corpos por normas regulatórias que são constantemente reiteradas, repetidas e ratificadas e que assumem o caráter de substância e de normalidade (BUTLER, 2003) em um processo que visa disciplinar formas de masculinidades e de feminilidades possíveis e diferentes entre si. Nossa mania tão humana de categorizar e classificar e anatomizar.

Sem que eu pedisse, fizeste-me a graça
Sem que eu pedisse, fizeste-me a graça
de magnificar meu membro.
Sem que eu esperasse, ficaste de joelhos
em posição devota.
O que passou não é passado morto.
Para sempre e um dia
o pênis recolhe a piedade osculante de tua boca.
Hoje não estás nem sei onde estarás,
na total impossibilidade de gesto ou comunicação.
Não te vejo não te escuto não te aperto
mas tua boca está presente, adorando.
Adorando.
Nunca pensei ter entre as coxas um deus.³²

A veneração do pênis como símbolo de poder, força e coragem, uma espécie de síntese das virtudes masculinas, é muito antiga e vem sendo continuamente atualizada e adaptada de acordo com os costumes de cada época³³. E, na sala de casa, em plena entrevista para esses escritos, Tieta nos mostra o seu pênis. *Mas há momentos que o Francisco toma conta de mim. Sabe, esse negócio aqui funciona.* Afirma, embaixo daquele vestido floral, a sua masculinidade.

No topo, a glândula, ou cabeça do pênis, envolta pela chamada pele vermelha, a mesma que reveste mamilos e lábios. Extremamente enervada, ela confere ao local uma sensibilidade

³² Escrito em meados dos anos 1970, a obra de Carlos Drummond de Andrade, *O amor natural*, só foi publicada em 1992, após a morte do poeta. A obra póstuma contém quarenta poemas, que tratam o amor carnal de uma maneira totalmente natural, como diz o título. O amor, para ele “palavra essencial”, só se manifesta em sua amplitude pelo sexo. É por meio do sexo que se pode atingir a plenitude da existência; voltar à origem primitiva; atingir a paz eterna, o repouso merecido, o sagrado, o céu infinito; vencer a morte. O coito é, nas palavras do poeta, “morte de tão vida”. Aqui, um Drummond erótico!

³³ Século 6 a.C.: Príapo, deus grego representado com o pênis em riste, simbolizava fertilidade e fecundidade. Filho de Afrodite e Dionísio, era o protetor dos rebanhos; Século 2 a.C.: Os gregos mostravam-se nus para conquistar donzelas e efébos. A anatomia peniana era considerada bela e, como tal, deveria ser revelada; Século 5 ao século 15: Durante a Idade Média, o furor religioso exercia um controle incrível sobre o uso do pênis. Foram criadas armaduras para impedir sua manipulação; Século 16: O Renascimento na Europa recolocou o pênis no centro da arte e da ciência. Os estudos de Leonardo da Vinci derrubaram mitos sobre seu funcionamento; 1901: Com seus Três Ensaios Sobre a Sexualidade, Freud recolocou o pênis no altar de adoração de toda a sociedade. O poder do falo está de volta; 1960: Os movimentos por direitos iguais entre homens e mulheres atacam o pênis, símbolo da dominação masculina. O prazer feminino começa a prescindir dele; Século 21: Depois da fertilização in vitro, o futuro acena com a possibilidade de seres humanos serem gerados sem a participação do pênis. É a era das células-mãe.

incomparável e um brilho próprio, resultado de sua superfície lisa. Descendo um pouco, a rafe, ou corpo do pênis, é coberta por uma pele fina e extremamente elástica, similar à das pálpebras, onde existem pelos minúsculos e glândulas que servem de proteção e ajudam na lubrificação. Sob a epiderme estão os famosos corpos cavernosos e esponjosos, a uretra e os canais deferentes, que correm da bolsa escrotal até atingirem as vesículas seminais, que estão justapostas à próstata.

Logo abaixo, fica a bolsa escrotal: um refrigerador de espermatozoides, responsável pela produção, armazenamento e climatização, além de fabricar a testosterona. Para manter-se sempre meio grau centígrado abaixo da temperatura do resto do corpo, o saco escrotal segue uma rotina de exercícios. Sempre que preciso, ele distende para refrescar ou intumescer para concentrar calor. Tanto sobe e desce só é possível graças às túnicas musculares da pele, que enrugam ou relaxam de acordo com a necessidade. Aqui, temos uma visão androcêntrica desse órgão genital, mas é um olhar produzido por Tieta ao valorizar este órgão como o definidor de sua masculinidade.

A rota-homem de Tieta é falocêntrica, põe toda sua erotização no pênis. Reúne, num único membro, os conceitos de procriação, prazer, virilidade e paternidade. É muita responsabilidade. O falo, quando fala, fá-lo com gosto. Para conversas, o falo, está sempre disposto. Não faz por esconder o prazer no rosto, no seu bla, bla, bla com o outro. Vá-se lá entender o que vai na mente de quem escuta o falo tão abertamente. Que será que a conversa tem de tão atraente? Para, de boca aberta, deixar tanta gente?

E, boquiaberto, vejo Tieta começando a se masturbar levemente, com expressões e gemidos de prazer. Perguntou se eu desejava que me fizesse gozar também, mas eu, mais contido, disse que não era preciso. Deixei-a em seu momento de prazer, acompanhando aqueles gritos fortes, com o falo pronto para guerrilhar e conquistar o mundo. Determinado e persistente procura, agora, o gozo: desejo instintivo e razão fisiológica de ser, não parando a potência do movimento nem depois que gozou. Prosseguiu forte com os gemidos mais picantes, além de não desperdiçar nem uma gota de sêmen. Espermas acompanham, agora, a nossa escrita.

Isso, aqui, merece uma carona própria. Mas daquelas bem quentes. Daquelas que a gente paga boquete quando o carro anda... *Saiba que receber um microfone enquanto dirige é o sonho de muitos homens. É uma ótima maneira, ousada e sexy, de transformar uma viagem*

chata em uma viagem interessante. Você já experimentou fazer um boquete enquanto o cara dirige? Que pergunta, Tieta. Assim você me deixa corado. Mas, uma coisa, eu te digo, em segredo. Se suplicas por minha boca, com veemência te sugarei. Dependendo do meu linguado; o desejo, obstinado, entra e sai se entornando...

Além do pênis como atributo de masculinidade, Tieta reafirma o que culturalmente foi ensinado: um sujeito macho é aquele que está pronto para o que der e vier. Enfrenta qualquer batalha sem fraquejar, não tem medo ou frescura e jamais abaixa a guarda para nada ou ninguém. Valoriza aqui o dito popular de que “macho que é macho não come mel, mastiga abelha”. Para Tieta, ser homem ainda está no terreno da força, da coragem, da resistência. *Sou homem quando preciso dar conta das polícias quando pega a gente na rua. Tenho que dar soco também nos bofes que querem dar elza nos aqué da gente.*

Há aqui uma mobilização de um discurso de masculinidade hegemônica, a fim de lhe garantir agência e poder, utilizado como alternativa ao de papel social para dar conta das questões de poder imbricadas nas relações de gênero, e na construção de tipos de masculinidades subordinadas, isto é, que garante, tanto em nível local quanto global, a contínua subordinação das mulheres pelos homens.

A masculinidade hegemônica se distinguiu de outras masculinidades, especialmente das masculinidades subordinadas. A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens (ROBERT W. CONNELL; JAMES W. MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245).

Reforça, para além do pênis, masculinidades socialmente conservadoras, heterossexuais, detentoras de autoridade social e com demarcações de gênero bem clara. “Talvez fosse possível que uma maneira de ser homem mais humana, menos opressiva, pudesse se tornar hegemônica como parte de um processo que levaria à abolição das hierarquias de gênero” (ROBERT W. CONNELL; JAMES W. MESSERSCHMIDT, 2013, p. 240). Para tanto, a heteronormatividade precisa ser problematizada, pois fora construída à revelia da sexualidade reforçando estereótipos e normas sociais, discursivamente produzidas e legitimadas. Nesse campo de disputas em torno da significação, significados estão em constante movimento, sendo permanentemente reproduzidos, trocados e negociados entre os membros de uma cultura. Estes processos de significação estão implicados com a produção de sujeitos de

gênero e de sexualidade de determinados tipos. “Se sou homem ou mulher? Esta pergunta reflete uma obsessão ansiosa do ocidente. Qual? A de querer reduzir a verdade do sexo a um binômio. Eu dedico minha vida a dinamitar esse binômio. Afirmo a multiplicidade infinita do sexo” (PAUL B. PRECIADO, 2014, p. 223).

Complexo? Pois é. Nossa perspectiva coaduna com a de Preciado, ao pensar em possibilidades para dinamitar o binarismo de gênero e sexualidade. Ninguém disse que era fácil. Estamos falando de gente, afinal. Nossa sociedade decidiu, em algum momento, dividir as pessoas em dois tipos: homens e mulheres. São caixinhas. Na nossa sociedade, as caixinhas são mais ou menos fixas. A criança nasce e já se decide qual gênero ela deverá ocupar. E a partir desse gênero, que comportamento deverá assumir. Rosa para elas, azul para eles. Algumas crianças se identificam com a caixinha a que foram destinadas, como uma mulher que nasce com vulva, sente-se mulher, e gosta de transar com homens, ou homem que nasce com pinto, sente-se homem, gosta de transar com mulheres.

Muitas pessoas, porém, não cabem nesses aprisionamentos. A sua referência biológica não significa que será de determinado gênero, e o gênero não significa que as pessoas gostarão dessas ou daquelas pessoas. É tudo independente. Ou seja: o que significa ser homem ou mulher é uma construção histórica, social. E muda com o tempo. Não existe uma essência feminina ou masculina. Existe o que é feminino ou masculino conforme o contexto, a sociedade.

Mas quando Tieta se afirma travesti inaugura-se aqui um novo campo: a afirmação de suas verdades, ousadas, corajosas e nunca conclusivas, diante de determinações do sistema sexo/gênero/desejo/práticas sexuais (BUTLER, 2003).

“Trata-se de alguém que tem coragem de dizer sobre si, de expressar uma posição social e política diante do mundo, das pessoas e de si mesmo, assumindo um lugar que lhe permita sentir-se bem, satisfazer seus desejos e construir uma estilística da existência que expressa sua singularidade humana, mesmo que isso signifique sofrer violações e violências e até mesmo correr riscos e vida” (PERES, 2012, p. 540).

É nessa fluidez de seu território existencial que Tieta e outras travestis expressam singularidades possíveis, fazendo das travestilidades “ensaios de bem viver, de enfrentamento aos padrões normativos que insistem em se fixar em seus corpos, sensibilidades e pensamentos” (id, p. 540). Reforça-se aqui o conceito de Peres (2012) de problematizarmos e pesquisarmos travestilidades a partir de referências nômades de significados, sentidos e

narratividades. Caminhar para análises que priorizem suas expressões existenciais e que ressignifiquem conceitos e metodologias restritas à patologização da vida. Pensar Tieta e ouvir sobre suas travestilidades é entender que “seu contorno não é obtido por uma linha que corre nítida ao longo do corpo, mas por milhões de traços perpendiculares, de pequenas palhas, que formam um eriçamento geral, uma sombria presença na noite” (FOUCAULT, 2010, p. 85).

Agora, nessa encruzilhada, entre homem, mulher, travesti, como se fez Tieta e sua afirmativa: *de tudo um pouco, mas uma coisa eu sei. Sou travesti!*, é por si só nova carona. E, nessa nova trilha, pensar travesti como “a figura que habita as fronteiras nas quais as oposições são perpetuamente descompostas, desorganizadas e subvertidas” (ANNE MCCLINTOCK, 2010, p. 261).

CONTEMPLA, AMOR, CONTEMPLA.

E VAI CRIANDO O NOME QUE DARÁS AO RAIÓ.

Saí da Galinha Choca com 13 para 14 anos. Me assumi com 12 anos. O padre me comeu e aí minha mãe não aceitou porque ele me chupou no pescoço, sabe aquele chupão assim, chupou todinho, menina. A história foi assim... minha mãe me deu uma blusa no Natal. Lembro como hoje: uma blusa verde-limão. Verde-limão, não, verde-lodo. E ela era assim de manga. E eu não tirava essa blusa, por nada. No dia que ela mandou eu tirar essa blusa e me viu sem blusa, ela viu o chupão, pense... o cabo de vassoura cantou nas minhas costas. E aí eu tive que falar... foi o padre. E olha que eu estava fazendo o catecismo, e nas horas vagas eu aproveitava para aquendar o padre, fazer uma gulosa. Ela então me botou para fora de casa e disse que ia denunciar o padre na delegacia, pois eu era uma criança, né? Liguei o pisca alerta e saí correndo. Aí eu corri até ele e falei: Ó, minha mãe deu parte de você porque você me abusou e eu sou de menor. Ele me deu um monte de dinheiro. Na época, eu acho que foi mil cruzeiros e me deu carona até a saída de Quixadá. Me piquei. Conheci uma bicha e fiquei num cabaré. Com o dinheiro da igreja, me joguei na pista. Nesses locais que passei, conheci um grupo de montadas, travas e operadas, que me ensinaram os truques e me fizeram travesti.

Aqui, a história se repete como em tantas outras experiências de pessoas travestis. São vulnerabilidades mapeadas, violências localizadas.

“Humilhação, hostilização, ameaça, calúnia/injúria/difamação são situações de violência que aliadas aos discursos do combate aos desvios sexuais e da higienização da sexualidade, tornam as pessoas travestis e transexuais vulneráveis à invasão do outro pela transfobia e pelo (cis)sexismo” (BRUNA CAMILLO BONASSI, 2015, p. 9).

Muitas vezes, a violência que cerca a vida das travestis não se restringe ao aspecto físico – para a maioria delas, começa em casa, quando são expulsas ao iniciar a transformação, o que acontece, em geral, antes dos 18 anos (BENEDETTI, 2005; KULICK, 2008). Ser expulsa pela família é algo comum entre elas. Algumas, ao sair de casa e procurar um espaço que possa melhor vivenciar sua travestilidade, definem a rua e a prostituição como porto seguro, fonte de sustento e construção de afinidades.

Quando há afinidade, qualquer reencontro retoma a relação, o diálogo, a conversa, o afeto no ponto em que foi interrompido. Afinidade é não ter tempo mediando a vida. É uma vitória do adivinhado sobre o real. Do subjetivo sobre o objetivo. Do permanente sobre o passageiro. Do básico sobre o superficial. Ter afinidade é muito raro. Mas quando existe não precisa de códigos verbais para se manifestar.

Saí de casa e fui acolhida por outras travas, numa cidadezinha perto de Quixadá. Sentia em família. Elas eram o meu grupo. Meu nome era Fabiana. Mas aí as meninas disseram que o nome não combinava comigo. Aí eu contei a minha história e elas disseram que parecia um caso da novela. Inspiraram na Tieta, na Tieta da novela mesmo, assim como ela, eu levei uma coça e fui expulsa de casa. Elas me levaram numa pracinha da cidade, que tinha uma fonte, jogou água em mim, falou um bocado de palavras, que na época eu não entendia, era uma linguagem delas, que depois se tornou também minha forma de falar, e disse que a partir daquele dia eu seria Tieta. Ali mesmo, em um chafariz, fui batizada com meu novo nome. Fizeram uma festa, e, a partir de então, deixei de ser Fabiana. Estava nascendo a Tieta, essa aqui, toda gostosa!

E Tieta é nominada socialmente. Como todas as travestis desejam. Serem tratadas de forma digna e igualitária. Serem chamadas cotidianamente por outro nome, em contraste com o nome oficialmente registrado, pois este não reflete sua identidade de gênero. Esse outro nome é o que conhecemos por nome social, fruto da luta do movimento social de pessoas travestis, mulheres e homens transexuais e a maioria das/os transgêneras/os.

Na maioria dos casos, transexuais e travestis, para se identificarem como desejam e não conforme registro de nascimento, enfrentam uma longa batalha e desafios à aceitação social. Isso porque ainda há uma árdua discussão sobre identidade de gênero. Universidades, escolas, ministérios e outras esferas do mundo público aprovam regulamentos que garantem às pessoas trans a utilização do nome social. Apesar que essa mudança do nome não garante tudo, mas hoje, com a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF), em março de 2018, assegurou-se o direito às travestis, transexuais e demais pessoas transgêneras de modificar o nome e o sexo no registro civil sem necessidade de realizar cirurgia de redesignação sexual, que foi devidamente regulamentada pelo provimento 73/2018 do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), que regularizou o procedimento para todo o Brasil.

É fato que o ordenamento jurídico não dispõe de norma explícita que permita a readequação civil do transexual como o faz no sentido biológico.

Todavia, a jurisprudência do Superior Tribunal de Justiça vem reafirmando o entendimento de que a ausência de norma expressa não constitui óbice à proteção da dignidade e ao exercício da cidadania das pessoas submetidas ao procedimento de redesignação sexual. Nesse particular, a retificação para a alteração do sexo e do prenome do transexual no registro civil tem sido considerada por essa Corte como condição sine qua non para a concretização do princípio da dignidade humana (LIMA, 2011, p. 727-728).

Conforme a nova medida do STF, agora basta ser maior de 18 anos e levar ao cartório de registro civil o RG, CPF, título de eleitor, certidão de casamento e de nascimento dos filhos (caso tenha) e comprovante de residência. Em seguida, a pessoa precisa preencher, presencialmente, um requerimento e pagar a taxa ou apresentar a declaração de isenção que pode ser solicitada na Defensoria Pública. Se tudo estiver de acordo, o procedimento é realizado no dia. Também não há mais necessidade de contratar advogados e gastos processuais. E todos os cartórios do País devem fazer a retificação documental de acordo com o pedido da pessoa. Não se pode recusar ou dificultar o acesso a esta possibilidade.

Contudo, ainda vemos longos processos judiciais para o reconhecimento dessa identidade, seja pela falta de vontade política, vulnerabilidade jurídica frente à complexidade inerente a identidade de gênero. *Uma dificuldade danada pra se ter o nome que a gente quer. Ainda não conseguir mudar o meu. Mas uma coisa eu sei, com ou sem documentos, meu é Tieta. E eles vão ter que engolir isso, querendo ou não. É meu nome. É parte de mim. É a minha história. É, aquela coisa bonita, que você sempre diz... lembra aí... isso mesmo é minha identidade.*

O nascimento de Tieta nos inspira a caminhar nessa encruzilhada de conceitos. Queremos, nessa carona, tentar transitar pelas proximidades que esses primeiros contatos de Tieta com outras travestis, que a fizeram ser Tieta, possam ser compreendidos como uma relação étnica. Hora de dar lugar às possibilidades de estudar as travestis como um grupo étnico, numa perspectiva contemporânea, “entendendo as comunidades étnicas como formas de organização, percebendo o pertencimento (e a identidade étnica) como reivindicação, possuidora de uma linguagem própria e que está em constante reinvenção e ressignificação” (WASHINGTON SANTOS NASCIMENTO; MATHEUS SERVA PEREIRA, 2017, p. 25).

A partir da confluência de interpretações, identificada em alguns pontos comuns, um fato histórico, uma particularidade linguística, uma determinada regra de casamento, um certo tipo de vestuário e/ou uma certa forma de ritual, seguiremos viagem para, quem sabe,

enxergar essa possibilidade: perceber as singularidades que faz as travestis se reivindicar como grupo étnico. Será, portanto, um exercício sobre processos arriscados de contatos, encontros, desencontros, formas de dominação e de resistências. É hora de entender que

(...) pensar contextualmente, abandonando uma perspectiva de transição que estipule distinções de pertencimento marcadas por rupturas, parece-nos importante para expurgar o pressuposto de um tempo histórico linear evolutivo que impeça pensar as ações dos sujeitos sociais subalternizados no passado como encruzilhadas de muitos caminhos, permitindo que esses sejam muitas coisas ao mesmo tempo, sem deixarem de ser aquilo pelo qual identificam-se” (Ibidem, p. 42).

Dessa identificação, Tieta tem certeza: *eu sou travesti!* Uma travestilidade que se constrói a partir da identificação com o outro. Ao descobrir o outro, faz-se um retorno a si mesmo. Tieta é construída travesti a partir de um ritual, liderado pelas mais velhas. Tem-se um batismo, como forma tradicional humana de nomear as pessoas, usa de elementos da natureza (neste caso, a água) e a enunciação de palavras, que naquele momento ainda não eram do universo linguístico de Tieta. Fabiana se torna Tieta. É a substituição de uma concepção estática de identidade étnica por uma concepção dinâmica.

Encarada nesta perspectiva, a etnicidade se torna não um conjunto intemporal, imutável de traços culturais. Ela provoca ações e reações entre o grupo (as travestis, nesse caso) e os outros (populações cisgêneras) em uma organização social que não cessa de evoluir. “Os traços que levamos em conta não são a soma das diferenças objetivas, mas unicamente aqueles que os próprios atores consideram como significativos” (PHILIPPE POUTIGNAT; JOCELYNE STREIFF-FENART, 1998, p. 11). E para nosso grupo étnico travestis, há traços significativos que diferenciarão este grupo de outros: símbolos, ritos, língua, práticas de vestuários, a crença de uma origem comum.

São pistas para essa nova rota: "ao se focar aquilo que é socialmente efetivo, os grupos étnicos passam a ser vistos como uma forma de organização social" (FREDRIK BARTH, 2000, p. 31). Embora as diferenças possam mudar, permanece a dicotomia entre "eles" e "nós", marcada pelos seus critérios de pertencimento. Barth enfatiza "que grupos étnicos são categorias atributivas e identificadoras empregadas pelos próprios atores; conseqüentemente, têm como característica organizar as interações entre as pessoas" (Ibidem, p. 27).

“Falar em grupo étnico, por sua vez, implica colocar em destaque justamente a unidade social que lança mão dessas características reais ou imaginadas para produzir e demarcar limites com relação a outras unidades sociais” (JOSÉ MAURICIO ARRUTI, 2013, p. 202). Nesta passagem, o peso semântico deixa de ser depositado nas características substantivas (reais ou imaginadas) que definem uma população, para oferecer espaço a novas possibilidades conceituais e novas opções de produção para, a partir de percepções, abrir novos horizontes.

Os grupos étnicos constituiriam, assim, categorias de autoadscrição e autoidentificação, que têm a característica de serem dinâmicas e abertas ao múltiplo agenciamento simbólico, mas recorrendo a símbolos de um determinado tipo: uma adscrição categorial é adscrição étnica quando esta classifica uma pessoa de acordo com sua identidade básica e mais geral, supostamente determinada por sua origem e formação. É na medida em que os indivíduos usam essas categorias para organizarem-se a si e aos outros que eles constituem grupos étnicos (Ibidem, p. 207).

Quando Fabiana se torna Tieta a partir da definição das mais velhas, proferindo palavras, até então desconhecidas, a convida para adentrar num novo grupo, que não está baseado nem na ocupação de territórios exclusivos, nem no isolamento, mas na reafirmação contínua de sua diferença na relação e em relação aos outros. *A partir de agora, você é Tieta, travesti*. Há aqui uma performatividade que não se esgota apenas em enunciados de gênero e sexualidade, mas que também podem ser expressas por meio de articulações contingentes que remetem à diferenças em relação ao outro.

O emprego de etnicidade coloca em destaque não exatamente a unidade social, o grupo étnico, mas a atitude ou performance dos sujeitos quando estes atuam em situação de alteridade. É o fazer-se travesti, nesse exato momento de ritual, em grupo, que dará o sentido global e a coerência do eu nas narrativas de Tieta. E, para estas diferentes formas de vivenciar as travestilidades, “sugiro que a experiência travesti trata-se de uma multiplicidade de possibilidades na qual nenhuma deve ser tomada como modelo absoluto. Penso-as como sujeitos contemporâneos que escapam da vida planejada” (TIAGO DUQUE, 2011, p. 86).

OS OUTROS SÃO OLHARES. SÃO GESTOS, SÃO PALAVRAS.

COM A SUPOSIÇÃO DE QUALQUER SEMELHANÇA NO FUNDO.

Passaram-se dias e noites. E continuamos nossa viagem. Entre uma carona e outra, estou aqui, pensando, na companhia de mais um cálice de vinho para planejar novos versos. De dia, fico a pensar quais seriam as palavras desse novo texto. E, antes de dormir, planejo mais um dia, como bom capricorniano que sou. *Você é muito certinho, bicha. Precisa se soltar. Deixar as coisas fluírem. Sair de noite, sem hora para chegar. Melhor, sair sem relógio no braço para nem saber que horas são. Eu ainda te trago para meu grupo, meu povo. Te ensino direitinho nossa língua, te arrumo do jeito que só uma travesti sabe. Aí sim... você será uma de nós! Batizada, de peruca, com uma bela maquiagem e, claro, um salto 15.*

Em todas as nossas conversas, Tieta sempre se colocou pertencente a outro lado, distinguindo-se da gente a partir de sua travestilidade, com significados atribuídos por ela e por sua vivência complexa e inacabada. São concepções que a atravessam e são atravessadas por ela no seu curso de vida: aqui, a história como um processo contraditório, produto da ação dos homens em sociedade, para a construção de sua própria existência.

E a história da travestilidade, que conhecemos por meio das pesquisas realizadas, tem explicitado inúmeras contradições e ambiguidades que a vivência de travestis desperta na sociedade, bem como há muitos questionamentos. Aqui, com Tieta, queremos inaugurar um novo olhar: a travestilidade como grupo étnico. Partimos de um pressuposto de que a travesti apresenta toda pluralidade e dinamicidade como qualquer outra pessoa, entretanto, destaca-se que suas realidades têm sido frequentemente apontadas no meio sociocultural, desconsiderando suas nuances e peculiaridades, sendo percebida de forma bastante fragmentada.

Compreendemos a identidade como um processo em contínuo desenvolvimento, representado pela relação entre a objetividade e a subjetividade, ou seja, os conteúdos individuais são constituídos ao longo da vida do sujeito, resguardando sempre as relações que mantém com os membros dos grupos sociais que pertence, suas pressuposições e, frente isto, sua construção enquanto sujeito (JEFERSON RENATO MONTREOZOL, 2011, p. 18).

Problematiza-se, então, que as travestis, enquanto sujeitos/as em desenvolvimento, apreenderão os conteúdos, valores e regras pertencentes a seu grupo, como forma de dar

continuidade aquela estrutura socialmente construída, na sua produção identitária, e que podem ter desdobramentos na sua participação em outros contextos. Um grupo que, pelo seu identificar travesti, apresentam tradições, conhecimentos, técnicas, habilidades, língua e comportamento. *Somos diferentes, bicha. Podemos ser iguais por gostar de rola, mas no fundo, no fundo, somos diferentes. Existem eu, as travestis, existem vocês, viados, existem eles, os bofes. Tudo gente, mas diferente. Cada um com seu mundo, sua forma de viver, suas marcas. Cada um com seu glamour próprio.*

Essa construção das identidades, em nosso período pós-moderno, tal como reveladas pelas análises sociais, apontam um paradoxo: enquanto os analistas sociais reconhecem que as identidades não são categorias ontológicas, essenciais ou primordiais, os grupos promovem, cada vez mais, a essencialização e a reificação das identidades, apresentando-as como fixas, primordiais, promovendo o retorno à etnia e exigindo o direito à diferença.

Quando Tieta nos apresenta que ela é diferente de mim, que sou gay, e que eu sou diferente dos bofes, ela, sem até compreender, define a etnicidade como exercícios de inclusão/exclusão que, interiorizados e assumidos, funcionam como os semáforos (o verde para os nossos, o vermelho para os outros). Ambos erigem sistemas acabados de verdades do dia-a-dia em referenciais de conduta e atribuição instintiva de significado social, cuja característica apresentam atitudes, unindo comportamentos e estabelecendo fronteiras entre os seres humanos.

Essa promoção ou fortalecimento de sinais diacríticos que caracterizam um grupo é o próprio âmbito da etnicidade. Os grupos étnicos são, ao contrário, categorias adscritivas nativas, que regulam e organizam a interação social dentro e fora do grupo, sobre a base de uma série de contrastes entre o “próximo” (nós) e o “distante” (eles/outros). Tais contrastes se “ativam” ou não segundo os requisitos do contexto.

A manutenção das fronteiras da etnicidade não resulta do isolamento, mas da própria interrelação social: quanto maior a interação, mais potente ou marcado será o limite étnico. Não somente o contato com outros grupos, mas também o vínculo com o ambiente influi para que, em um contexto determinado, se ative ou não uma categoria étnica: “certamente, um mesmo grupo de indivíduos, com suas próprias idéias e valores, posto diante das diferentes oportunidades oferecidas por diferentes meios, se veria obrigado a adotar diferentes padrões de existência e a institucionalizar diferentes formas de conduta” (BARTH, 1960, p. 13-14).

Os critérios de reconhecimento podem mudar e, com frequência, o próprio grupo pode mudar. No entanto, o fato formal da distinção entre membros e não-membros subsiste. Daí a célebre definição: “Os grupos étnicos são categorias adscritivas e de identificação, que são utilizadas pelos próprios atores e têm, portanto, a característica de organizar a interação entre os indivíduos” (Ibidem, p. 10-11)

Mas note-se que nossa viagem não embarca nessa etnicidade que se refere estritamente à etnicidade clássica colonial, ou seja, não estou aqui me referindo só a grupos de nativos, mas a diversas formas de construção de fronteiras de grupos sociais que se fixam em linhas étnicas. Trabalhamos aqui a etnicidade como uma concepção dinâmica (BARTH, 1960) em que é construída e transformada na interação de grupos sociais. Essas interações, por meio de processos de inclusão ou exclusão, que definirá, no limite dos grupos, os fatores de quem são os que integram ou não.

Tieta nos apresenta esse caminho que, conforme perspectiva de Hall (1991a, 1991b), não mais de etnicidades acionadas contra o imperialismo colonial, mas de uma nova etnicidade que, sem negar essa primeira forma de alinhamento, emerge de forma fragmentária, com segmentações internas e, em muitos casos, não conseguindo operar como totalidades. São movimentos localizados de emergência de novos sujeitos sociais, novas etnicidades, novas comunidades em posições subalternas que tentam falar de si mesmos contra o mundo anônimo e impessoal das forças globalizadas presentes na diversidade do mundo pós-moderno. A etnicidade, aí, seria o lugar ou o espaço necessário a partir do qual as pessoas falam. *Tá certo. Anota direitinho aí no papel. Ah, esqueci que a senhora é fina e traz esse negocinho. Então presta atenção que eu vou dizer tudinho que me faz e faz as travestis iguais, e diferentes de vocês, cada um com seus pedaços.*

Esses pedaços que Tieta fala podem, talvez, serem traduzidos como as etiquetas étnicas propostas pelos teóricos da etnicidade. Essas etiquetas seriam componentes identitários que imprimem possibilidades relativas das pessoas se projetarem socialmente. Qualquer traço que sirva para distinguir um grupo étnico em relação aos outros. Cada grupo étnico possui seus próprios marcadores para si e marcadores para distinguir o outro, sem necessariamente serem critérios objetivos ou universalmente aceitos. Ou, seja,

(...) pedaços de identidade que podem ser emprestados, roubados ou mesmo trocados. Grupos podem desejar realçar seu prestígio aos seus próprios olhos ou ao dos outros ao aceitar materiais, símbolos e insígnias de outros grupos como se um poder mágico pudesse passar por imitação; [...] De fato, seria

difícil selecionar qualquer cultura ou subgrupo cujos símbolos culturais fossem totalmente de sua própria criação ou de sua própria história. Além disso, tais identidades "emprestadas" são freqüentemente úteis ou funcionais num mundo onde velhos grupos são degradados ou novas categorias e etnicidades estão sendo criadas (NELSON GRABURN, 1976 apud RODRIGO DE AZEREDO GRUNEWALD, 2003, p. 146).

Originalmente, destacaram-se duas perspectivas teóricas para se abordar e definir os grupos étnicos: uma essencialista, que se debruçava sobre a substância do patrimônio cultural e histórico das populações para perceber sua distintividade étnica, e outra, mais construtivista, que, focando as interações sociais entre as sociedades, notava suas fronteiras, que eram o que, efetivamente, definiriam os limites do grupo étnico, independentemente se os traços de cultura fossem compartilhados com as sociedades vizinhas. Esta segunda tendência é a que recebeu maior notabilidade, onde Barth (2000) defende que a autoatribuição e a atribuição pelos outros é sua característica principal, pois "ao se focar aquilo que é socialmente efetivo, os grupos étnicos passam a ser vistos como uma forma de organização social" (BARTH, 2000, p. 31). Nesse caso, a característica na definição desses grupos passa a ser a atribuição de uma identidade ou categoria étnica determinada por uma origem comum presumida e destinos compartilhados.

O conteúdo cultural das dicotomias étnicas parece ser, em termos analíticos, de duas ordens diferentes: (i) sinais e signos manifestos, que constituem as características diacríticas que as pessoas buscam e exibem para mostrar sua identidade; trata-se freqüentemente de características tais como vestimenta, língua, forma das casas ou estilo geral de vida; e (ii) orientações valorativas básicas, ou seja, os padrões de moralidade e excelência pelos quais as performances são julgadas. Uma vez que pertencer a uma categoria étnica implica ser um certo tipo de pessoa e ter determinada identidade básica, isto também implica reivindicar ser julgado e julgar-se a si mesmo de acordo com os padrões que são relevantes para tal identidade (BARTH, 2000, p. 32).

A gente, as travestis, vem de um mesmo lugar. Mesmo nascendo em cidades diferentes, nossa origem é o sofrimento. Nascemos a partir do momento em que somos expulsas de casa porque nossos pais de sangue não quer viado na família, ainda mais viado que se veste de mulher. Esse é nosso começo. Viemos do mesmo lugar. O do sofrimento. A gente nasce daí. Se me perguntar de onde eu vim, de onde Raphaela veio, de onde Ranela veio, todas irão dizer a você: somos frutos da expulsão. Somos expulsas de casa, da escola, do mercado de trabalho, da igreja, do convívio entre amigos e às vezes até dos grupos LGBT. Somos ofendidas na rua, na padaria, na feira e até mesmo na prostituição. Daí, quando algumas são mais agressivas ou até marginais (afinal, como qualquer pessoa, ninguém é santa ou diaba), a sociedade esquece de tudo isso e cobra: "Mas você não sabe se colocar,

não tem educação, não sabe entrar e sair do lugar, é um mero viadinho de peruca (como se ser viado fosse xingamento), já sai pra rua querendo briga, só fica no meio de droga.

Nosso primeiro encontro com a etnicidade. A origem comum. Não essa origem traduzida pelo espaço geográfico ou pela ascendência biológica, mas uma forma de organização social cujo sistema de categorização fundamenta-se em uma origem suposta, a partir de símbolos identitários que fundam a referida crença. A questão referente à origem é recuperada da contribuição weberiana sobre os grupos étnicos, para a qual a crença subjetiva na origem comum constitui um laço característico da etnicidade.

Há que convir com Barth, que a etnicidade é uma forma de organização social, baseada na atribuição categorial que classifica as pessoas em função de sua origem suposta, que se acha validada na interação social pela ativação de signos culturais socialmente diferenciadores. Esta definição mínima é suficiente para circunscrever o campo de pesquisa designado pelo conceito de etnicidade: aquele dos estudos dos processos variáveis e nunca terminados pelos quais os atores identificam-se e são identificado pelos outros na base de dicotomizações Nós/Eles, estabelecidas a partir de traços culturais que se supõe derivados de uma origem comum e realçados nas interações. (POUTIGNAT; **STREIFF-FENART**, 1998, p.141).

Para Tieta, ela e tantas outras travestis vêm de um mesmo lugar. Aqui, representado na objetividade e subjetividade da expulsão e da abjeção. Esses dois lugares são palavras-ações que constituem os discursos instauradores de sentidos produzidos pela matriz heterossexual acerca das experiências dos sujeitos travestis. À expulsão por não habitar a inteligibilidade dos gêneros, acrescenta-se a abjeção por habitar e partilhar com outros não-sujeitos as zonas inóspitas da cidade, cuja metáfora da noite, como lugar de vivência travesti, mas também do desconhecido e do perigo, parece revelar.

Como esclarece a filósofa contemporânea **Butler** (2008), o abjeto designa “aquelas zonas inóspitas e inabitáveis da vida social, densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do inabitável é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito” (**BUTLER**, 2008, p. 33). Ao narrar as suas histórias, Tieta refere-se a esse lugar como *cair na vida, cair na batalha, cair lá embaixo* (referindo-se a uma região geográfica da cidade onde há prostituição de travestis).

Cabe aqui uma reflexão. Pensar a origem comum das travestis como sendo expulsas de casa, percebemos que essa marca é geracional. Tieta nos apresenta o quanto ela e as travestis que ela conheceu saíram de casa expulsas pelos pais. Talvez, essa origem comum seja datada. Mas não que isso signifique que foi superado e desatualizado. Pois, se analisarmos relatos de

travestis mais jovens, nem todas tem sua origem nessa expulsão. Essas narrativas de exclusão demarcam um certo regime de visibilidade que tem mudado. Ainda que existam experiências de exclusão e sofrimento, elas não necessariamente são a origem, ou necessariamente comuns, dada as múltiplas possibilidades de agenciamento das travestis mais jovens diante de uma história identitária por travestis mais velhas em nosso país.

Evidencia, portanto, que as historicidades dos processos de subjetivação, desnaturaliza identidades, subjetividades, autodeterminações, localizações, regimes e vontades de verdade. Ser travesti são, portanto, experiências e práticas históricas diferentes. Mas sobre essa diferenciação devo ressaltar que não renaturalizo o “ser travesti”. O que destaco, a partir da fala de Tieta, que a origem dela e a percepção que ela tem da origem de outras travestis (*se me perguntar de onde eu vim, de onde Raphaela veio, de onde Ranela veio, todas irão dizer a você: somos frutos da expulsão*) é uma construção datada, histórica, específica, relativa a determinadas condições de possibilidade, ou seja, “ser travesti” é um processo histórico e subjetivo de devir sem fim. Mas, para Tieta, *este é o nosso lugar. Da expulsão. Mas a gente sobrevive. A gente tenta viver, se relacionar com os grupos que existem aí. Do nosso jeito, claro. Pra se ter uma ideia, a gente tem até uma língua própria. Nem faça a Alice. Pois sei que a senhora conhece. Só quem não é do babado, que não vai saber o que a gente está falando.*

Uma língua diferente que foi até questão de prova do ENEM. Quatro milhões de estudantes se depararam com a frase *Nhaí, amapô! Não faça a loka e pague meu acué, deixe de equê se não eu puxo teu picumã!* enquanto resolviam a prova de Linguagens e Códigos da edição 2018 do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio)³⁴. Apareceu até no horário nobre. A Rede Globo ensinou a suas/seus espectadoras/es as origens de algumas palavras do Pajubá, “língua popular usada pela comunidade LGBT”. De fato, há palavras do Pajubá que se ouvem com frequência de norte a sul do Brasil – nas ruas, em memes na Internet, nas novelas

³⁴ Na prova do Enem, toda a questão servia para provocar o aluno sobre a existência de variações linguísticas no português falado por aqui. Marcava a alternativa correta quem concordava que a linguagem Pajubá tem “status de dialeto para os falantes” e poderia ser considerado “parte do patrimônio linguístico brasileiro” por ser “consolidado por objetos formais de registro”. Como “objetos formais de registro”, você pode entender referências na literatura, por exemplo. Criado durante o contexto de ditadura militar, provavelmente entre as décadas de 1960 e 1970, o Pajubá ganhou seu primeiro documento oficial em 1995. O livro ganhou o nome “Diálogo de Bonecas”, e foi organizado por Jovana Baby, presidente da extinta Astral (Associação de Travestis e Liberados), do Rio de Janeiro. Entre as mais de 800 palavras listadas está “boneca”, palavra que define travesti. Em 2006, outra obra independente tentou assumir esse status de “dicionário” do Pajubá. “Aurélia, A Dicionária da Língua Afiada”, é assinada por Angelo Vip e Fred Libi. Em mais de 1.300 verbetes, o documento tenta revelar o significado das palavras mais utilizadas.

e seriados, em bares e cafés... Mas os dicionários não registram quase nenhuma delas. Mais grave que isso: sequer registram Pajubá.

O Pajubá (também chamado bajubá) é o socioleto que, resultante da incorporação de vocabulário de línguas africanas usadas em religiões afro-brasileiras, como o candomblé e usado inicialmente como antilinguagem por travestis, foi posteriormente disseminado entre toda a comunidade LGBT e simpatizantes. A língua de uma comunidade reflete bem mais que o seu conjunto de vocábulos, ao passo que carrega substratos históricos, culturais e ideológicos e

representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade, e desta forma, ao mesmo tempo ele recorta realidades do mundo, define, também, fatos de cultura (ANA MARIA PINTO DE OLIVEIRA; APARECIDA NEGRI ISQUERDO, 1998, p. 9).

Esse tipo de variação linguística ultrapassa os limites da descrição de uma forma de socialização específica de uma comunidade em que essa comunicação está presente, caracterizando também a construção social da identidade de onde ela está inserida, sendo no caso do Pajubá, uma variação utilizada pelas minorias LGBT. Um dialeto de gueto.

A utilização desse socioleto³⁵ pelas travestis como uma forma de código linguístico, devido ao fato de que, diante dos riscos diários encontrados pela maioria das travestis que vivem em situações de vulnerabilidade no Brasil, a linguagem pode ser usada como espécie de escudo e proteção entre elas. Assim, o Pajubá surgiu como uma forma de resistência e sobrevivência (NEURIVAN GONÇALVES NETTO JUNIOR, 2018, p. 3).

As travestis, em suas narrativas, contam que o Pajubá tem suas raízes como “linguagem praticadas pelos membros das comunidades religiosas afro-brasileiras, dos quais os pesquisadores designaram como língua-de-santo” (ANTONIO GOMES DA COSTA NETO, 2006). Além do iorubá, palavras do quimbundo, quicongo e de tupi-guarani também marcavam presença. O dialeto com origem nos terreiros de matriz africana e resultante da assimilação desses africanismos, por resultar incompreensível para aqueles que não o conheciam, passou a ser usado também como um conjunto de palavras utilizadas entre as travestis. “Era utilizado como forma de diálogo na noite para dificultar o entendimento de

³⁵ Na tradução do Aurélio, socioleto (ETIM soci(o)- + el. -leto, depreendido de dialeto) é cada uma das variedades de uma língua us. pelos grupos de indivíduos que, tendo características sociais em comum, usam termos técnicos, ou gírias, ou fraseados que os distinguem dos demais falantes na sua comunidade; dialeto social, variante diastrática.

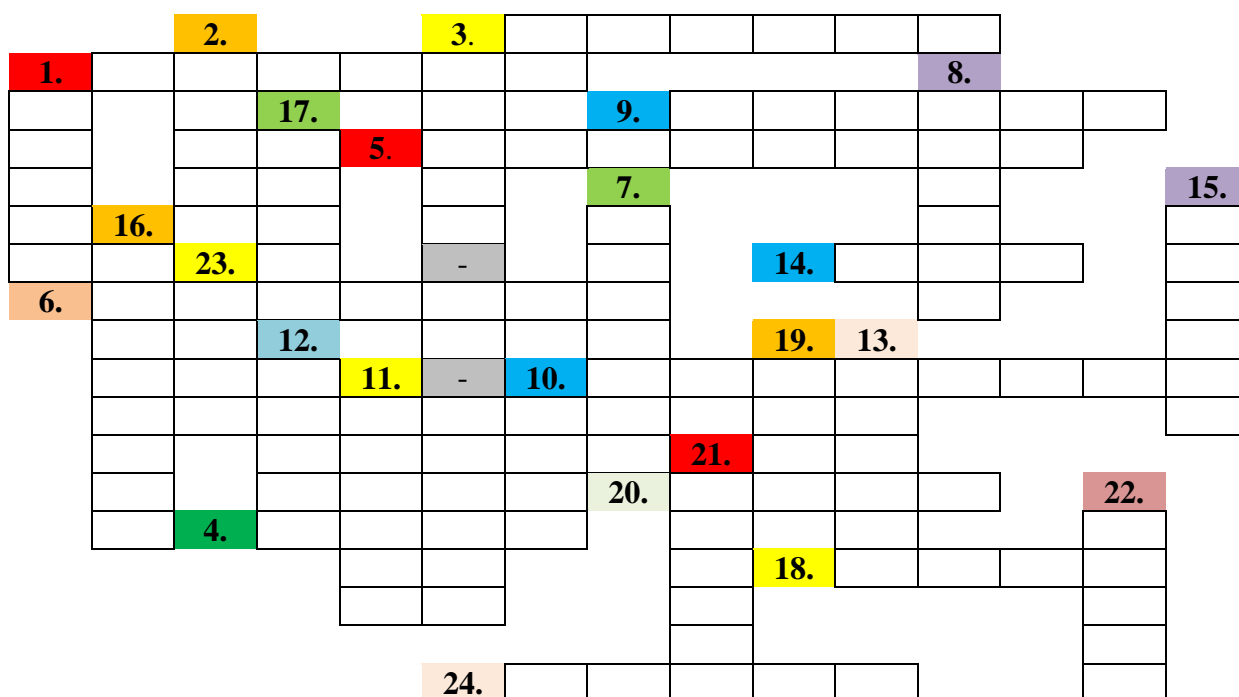
suas conversas pelos policiais que repreendiam a realização da prostituição” (VITOR DE AMORIM GOMES ROCHO, 2015, p. 5).

Falar sobre o Pajubá é reconhecer a legitimidade das travestis no seu reconhecimento enquanto sujeito constituinte dessa comunidade e de sua identidade. A produção linguística do Pajubá atende as necessidades comunicacionais das travestis além de ser uma representação do contexto sociocultural dessa população, que a todo o momento quebra as barreiras do gênero, contestando a concepção binária que, neste caso, também passa a figurar na língua. Mais do que criar termos que se aproximem de gírias no português, o Pajubá reúne também características linguísticas próprias. Isso aparece, por exemplo, na fala. Há todo um movimento performático do corpo, a tonalidade das palavras e o contexto cultural em que aparecem.

Para Lima, mais do que um “dialeto LGBT”, as “linguagens pajubeyras”, como ele as classificam, “funcionam como um instrumento linguístico-cultural que desafia normas de gênero e sexualidade” (CARLOS HENRIQUE LUCAS LIMA, 2017, p. 38). Uma língua, que em nosso entendimento e vivência, adquire o mesmo caráter de legitimidade de outros dialetos conhecidos porque revela as marcas que ela demonstra junto com o fluxo social. O dialeto em questão reflete substancialmente a necessidade da compreensão do fenômeno linguístico e social, “ao estabelecer uma ruptura das zonas fronteiriças da língua, porque forma uma grande e interligada rede de falantes que se autoafirmam através de sua linguagem” (ROGÉRIO MARCELINO DOS SANTOS MELO, 2016, p. 39).

Bora aquendar a neca. Uma neca matim. Uma neca frapê. Uma neca com oté. É o uó! Um ocó xepó. Um ocó adé. Um ocó bererê. É o uó! Amapô nicaô, amapô de canudo, amapô de bajé. É o uó! É o uó! Racha abusada, esse ocó é meu. Tô loka do meu edi. Tô batendo bolo sem parar. Mas o que é que eu posso fazer? Só sei que agora vou atender. Uma benga pra fazer. Depois a gente volta pra esse bafão aqui.

Enquanto Tieta atende e faz a benga, que tal a gente, na espera de outra carona, nessa encruzilhada étnica, se jogar no Pajubá?



1. Espécie de radar para identificar outra pessoa gay / O mesmo que “nem aí”; 2. Mulher; 3. Travesti que jura ser mulher / Cabelo; 4. Dinheiro; 5. Olhar, paquerar, mas também pode ser usado como transar. Pode ser entendido ainda como pegar, esconder; 6. Ato de ir até a casa de alguém, ou qualquer local íntimo, para transar; 7. Expressão de admiração em relação a um ato bem-sucedido. Às vezes pode ser usado em tom irônico; 8. Fato que pode dar o que falar; 9. Homem homossexual malhado e afeminado; 10. Homem heterossexual ou homossexual com perfil bem masculino / Mulher homossexual afeminada. Normalmente é a mulher da caminhoneira; 11. Restos de fezes que borram a cueca ou o órgão sexual do parceiro; 12. Lavagem do cu, ânus; 13. Homem negro; 14. Cu, ânus; 15. Derrubar; torcer contra; ridicularizar; 16. Homem homossexual com mais de 50 anos, o mesmo que “bixa velha”; 17. Garoto de programa; 18. Órgão genital masculino, quando marcado na calça; 19. Órgão genital masculino; 20. Cocaína; 21. Homem homossexual novinho e bem afeminado, alegriinho e saltitante; 22. Esfrega-esfrega entre duas pessoas, sem penetração; 23. Maconha; 24. Outra referência para mulher. A palavra faz referência ao órgão genital feminino.

Durante toda a arrumação de Tieta, fiquei aqui testando, de forma descontraída, meus conhecimentos sobre o Pajubá. E você fez o teste também, para ver se é um entendido de Pajubá? Mas se o seu resultado "flop", não fique triste, sempre é tempo de aprender sobre o rico universo LGBT brasileiro!

Bicha, tô pronta. Pode ficar aqui em casa, de boa, tomando sua cervejinha. Vou ali fazer a maricona e retorno para casa. Gostou do figurino? Cê sabe, né querida, dei uma caprichada na depilação. Mona cabeluda ninguém merece! Coloquei essas maquiagens fortes, afinal glitter é essencial. Essas pulseiras que adoro. Temos que chegar, chegando, fazendo barulho. Brincos grandes, argolas porque combina com tudo. Adoro colocar essas coloridas combinando com a roupa. É assim que uma travesti veste. A gente não nasce, estreia!! Não morre, vira purpurina!!!! Quer beleza, tome!

Tieta nos mostra o quanto a roupa define uma travesti. Aqui, a roupa se define como tal a partir do corpo que a utiliza - sendo o inverso também verdadeiro - esse conjunto gera a aparência, que por sua vez, se compõe a partir de tais elementos postos em ação. Giddens apresenta também o conceito de etnicidade, com um significado puramente social, onde "a etnicidade refere-se às práticas e às visões culturais de determinada comunidade de pessoas e que as distingue das outras" (ANTHONY GIDDENS, 2005, p. 206). Ou seja, diferentes características podem servir para distinguir um grupo étnico de outro, dentre eles a língua, os estilos de roupas, adornos e hábitos.

Enquanto nós ainda compreendemos as diferenças marcadas entre vestuário para o homem e para a mulher, Tieta pauta essa diferença e se afirma numa busca pela aquisição e domínio de símbolos e ícones que melhor representem a sua individualidade e a faça sentir-se travesti.

Ser travesti não se define pela quantidade de hormônio que se ingere, ou pelo volume de silicone aplicado nos seios, mas independentemente das definições corporais, seu comportamento, sua visão de mundo, sua relação com o meio, enfim, sua subjetividade define sua travestilidade. É um conceito que começa no vestuário – pela origem do termo que define como vestir-se com roupas de outro sexo - e culmina no vestuário – quando sua subjetividade redesenha a sua aparência (CAROLINE BARRETO DE LIMA, 2007, p. 8).

Tieta e seu grupo travesti nos apontam as possibilidades do ser humano se redesenhar contestando a tal “natureza biológica”, produzindo novos significados, tendo o seu universo cultural como alicerce de construção para as significações que compõem a sua apresentação

visual, ou seja, é o universo feminino estabelecido pela cultura ocidental que servirá de repertório para construção da feminilidade em seu corpo lido, muitas vezes, pela normatizações como masculino.

As travestilidades não se baseiam na mulher, dita de forma simples e no singular; elas se baseiam nas mulheres, em toda a sua complexidade e pluralidade corporal e sociocultural. É por isso que elas são históricas. A vestimenta e as representações da veste são construídas em tempos e espaços específicos, em épocas e lugares distintos, e podem, dependendo de quando e de onde ela é feita, ganhar uma diversidade de formas e de cores (LUMA NOGUEIRA DE ANDRADE, 2012, p.104).

As vestimentas de Tieta e de todas as travestis são um sinal de pertença desse grupo. Teriam, então, as travestis uma maneira de se vestir que difere também do vestir-se feminino, da mulher cisgênero? Para Andrade, essa identificação, que se baseia ao mesmo tempo na ideia de ser e de não ser, na afirmação e na negação, faz questão de se aproximar das representações feministas para criar uma definição de travesti, “no sentido de traje e de trajetória, afirmando assim sua outra parte feminina, que é social e culturalmente construída” (ANDRADE, 2012, p.105).

Talvez aqui seja mais um caminho para se pensar a travestilidade como um grupo étnico. Os significados aí presentes são capazes de materializar a etnicidade, pois, como nota Braunstein, “o traje determina e evidencia o comportamento, marca esteticamente grupos étnicos, de classe, subculturas, e, sobretudo, a distinção entre os sexos” (PHILIPPC BRAUNSTEIN, 1990, p. 556).

Gosto de usar mais vestido, porque valoriza as curvas. Os seios, as costas, a silhueta. Bumbum, as pernas. Dependendo do vestido, valoriza muito, porque mostra mais a definição do corpo. E a gente tá no Brasil, né, país que valoriza muito o corpo, bumbum, pernas e cintura. A gente adora um corpo em formato de X.

Essa relação entre a construção do corpo e a indumentária é muito evidenciada nas conversas com travestis. O corpo em formato de X é encarado como a representação imagética do ideal de corpo feminino, independente de ser exagerado ou sutil. As peças teriam de promover esse formato para comunicar a feminilidade e, por este motivo, a preferência estava nas peças que “marcam” a cintura, pois estas atingiriam com mais eficiência as desejadas curvas femininas simbólicas.

Tieta menciona a existência de um modo de vestir das travestis. Um estilo composto por uma vestimenta que visa hipersexualizar o corpo, explorando o imaginário que envolve esse grupo. Em sua fala, ela demarca a fronteira da estética desse grupo em relação a outras

mulheres que, segundo ela, já tem uma maneira de ser feminina, já que não haveria a intenção de marcar uma sensualidade no corpo por meio da vestimenta. Para a travesti a sensualidade é um aspecto de sua estética que não se pode desvencilhar em nenhum momento. *Esse é nosso único meio que a gente conhece melhor, como usar nosso corpo, nosso borogodó. Não tem outro comportamento. É diferente das outras mulheres que não é do nosso grupo, elas já esbanja um visual mais mocinha, mais garotinha.*

Embora Barth destaque que as categorias étnicas tomam em consideração as diferenças culturais, o autor acentua que as características a serem efetivamente levadas em conta não correspondem ao somatório das diferenças "objetivas", mas somente aquelas que os próprios atores consideram significativas. "Os grupos étnicos são categorias atributivas e identificadoras empregadas pelos próprios atores; conseqüentemente, têm como característica organizar as interações entre as pessoas" (BARTH, 2000, p. 27).

A escolha da cor do batom, da altura do sapato, do comprimento da saia, do volume dos seios e o comprimento dos cabelos são apenas a expressão visível de uma construção de gênero que é antes de tudo social e assim é reinterpretada na travesti. O ser feminino no universo travesti é muito mais que uma aparência, define os seus modos de organização simbólica – logo a sua etnicidade – e apresenta-nos um suporte visível de uma construção que se configura ao longo de sua vida. Uma roupa que tem tido um papel de centralidade na afirmação e comunicação de identidades.

As travestis radicalizam a interpretação de feminilidade e de masculinidade, alterando cirúrgica e culturalmente seus corpos, buscando se aproximar do original. Elas, na maioria das vezes, tornam-se artistas ao interpretar estes papéis, fazendo-os - melhor, ou mais perto das expectativas sociais, ultrapassando, em termos de representação de gênero, as - mulheres ou homens biológicos(as) - que, supostamente, seriam os receptáculos naturais dessa identidade (ANDRADE, 2012, p. 111)

É a maneira de se vestir como um idioma, assim como no discurso humano, não existe uma única língua das roupas. Da mesma forma, assim como no discurso falado, cada indivíduo tem seu próprio estoque de palavras e emprega variações pessoais de tom e significado. *Eu me visto para matar. Matar de desejos esses bofes. Já chego toda brilhosa. Com minhas cores fortes, minha neça aquendada, meus brincos, minhas pulseiras, meus ouros. Chego e já vou dizendo para que eu vim.* Isso mesmo. Tieta perturba os gêneros com suas vestimentas. O importante é se mostrar e ser percebida. Tens a consciência de que ao vestir-se daquela forma, os homens a desejará. *Sou pedaço de filé mignon em promoção e sei muito bem como manusear uma picanha. Sou travesti e digo que sou.*

Aqui, surge uma categoria para reflexão e enunciação sobre os processos de transição de gênero: a passabilidade. Busca-se apreender a força normativa de regulação de gênero sobre as corporalidades/subjetividades junto aos diferentes usos e significados de tecnologias hormonais que atuam na produção de posições de sujeito. “Passabilidade, para a população trans, é segurança. Não ser identificado como trans, nesse sentido, retoma a passabilidade como estratégia de esquiva ante a violência que ocorre no espaço público da rua” (JOSELI MARIA SILVA, 2013, p.151).

Tieta questiona isso. Perturba esse lugar de passar por outra pessoa. Ela se afirma e diz. *Sou travesti e digo que sou*. A desnaturalização das categorias sexo, corpo, natureza, biologia, dentre outras possíveis, indica um percurso urgente de historicização das oposições binárias, oportunizando a elaboração de teorias que atravessam os diversos corpos, sem aliança com os essencialismos, “mas posicionadas de forma crítica diante de um questionamento do sujeito, capaz de desconstruir a substancialização dos gêneros, desmembrando seus atos constitutivos e localizando-os no interior das estruturas compulsórias estritamente policiadas” (VERGUEIRO, 2015, p. 127).

E lá se foi Tieta... Fazer o bofe!

Enquanto isso, continuei na casa de Tieta, conversando com alguns de seus vizinhos. *Olha fica aí um pouco conversando com Afonso e Raphaela. Sabe, bicha, eles eu deixo falar sobre mim. São pessoas que estão perto de mim sempre. Fazem parte de minha história. Eu deixo eles aparecerem em sua prova*. Sai, dando uma deliciosa gargalhada.

Os vizinhos que Tieta me apresenta são Afonso e Raphaela, homem gay e mulher transexual não-redesignada, conforme se identificam. Ele e ela são conhecidos/as de Tieta tem um bom tempo. Afonso é a pessoa que mais a ajuda em vários momentos. Está sempre dando opiniões, broncas, lições. Cuida da casa de Tieta quando ela está fora. Tanto da casa de Tieta quanto a de Rânela. Atua como um guardião das travestis moradoras do Campinhos. Gay, desde a adolescência, teve sempre contato com as travestis, que ele chama de *peessoas diferentes da gente*. Conheceu Tieta nas viagens da militância de pessoas vivendo com HIV Aids.

Já Raphaela é amiga mais nova. Conheceu Tieta, quase junto comigo. Conheci Rafa, como carinhosamente a chamava, em 2011. Ela era a primeira transexual funcionária da Secretaria de Desenvolvimento Social, atuando junto com o Programa Bolsa Família. Sua feminilidade, seu jeito sorridente, sua pele de jambo se destacavam naquele enorme salão. Foi ali que começou uma amizade e uma história de luta. Assassinada em novembro de 2018, pela

transfobia de nossa sociedade, Rafa era uma atuante militante da pauta LGBT. Fundadora do Coletivo Finas, agregou o maior número de pessoas, para defender e promover o direito à liberdade da orientação sexual. Tornou-se amiga e confidente de Tieta, a quem carinhosamente chamava de *uma de nós*.

Como Tieta nos autorizou, convidei Afonso e Raphaela para falar um pouco sobre Tieta para nossa prova. A ideia era tentar compreender um pouco mais dessa minha viagem, da busca de uma etnicidade travesti, baseando-se numa abordagem que define os grupos étnicos a partir da consignação e na autoatribuição dos indivíduos às categorias étnicas. Pensar numa etnicidade em que o contato cultural e a mobilidade das pessoas estão no centro dessa análise. Talvez compreender quais as etiquetas étnicas (BARTH, 1960), ou seja, uma rota em que nos mostre o que faz Tieta diferente da gente ou a gente diferente dela, afinal, “determinados traços são vistos como a propriedade do grupo no duplo sentido de atributo substancial e de posse e funcional como sinais sobre os quais se funda o contraste entre Nós e Eles” (Ibidem, p.130).

Tieta é diferente, né? Ela e todas as travestis. É diferente da gente que é gay, que é feminino. Nosso feminino é diferente desse feminino das travestis. Não sei onde, mas só sei que elas aprendem os métodos e técnicas de transformação do corpo, as formas corporais mais apropriadas às travestis e quais delas são mais valorizadas, os segredos da montagem, as técnicas de maquiagem, as formas legítimas e ilegítimas de seduzir um homem e se relacionar sexualmente e a linguagem do bate-bate.

Para Afonso, esse lugar de ser travesti é reforçado na relação uma com as outras. Acredita, ele, que com o contato entre elas, as travestis incorporam os valores e formas do feminino, tomam conhecimento dos truques e técnicas do cotidiano da prostituição, conformam gostos e preferências (especialmente os sexuais). Qual seria, por exemplo, o limite entre o uso de uma vestimenta feminina e a busca de um corpo feminino? Quais elementos deveriam ser considerados como diferenciais: o corte de cabelo, o uso da depilação, o uso de hormônios, a aplicação de silicone ou o olhar do outro?

Ser travesti é ser esse ser que rompe, sabe. Nós não somos nem homem e nem mulher. Somos travesti. Acho que, tentar explicar aqui... pense numa régua. Você tem uma ponta que é a do homem, a outra ponta a da mulher. A gente seria a régua inteira. Somos diferentes porque não somos marcadas, entende? Eu e Tieta somos diferentes de você e Afonso. Vocês são gays, podem ser femininos, mas estão numa ponta da régua. Eu e Tieta não. Se você olhar a gente pelada, pode dizer que estamos numa ponta, se você achar que pau é coisa de

homem. Mas a gente toda maquiada, toda vestida, você pode dizer que somos mulheres. Mas não mulheres como as nossas mães. É um outro tipo de mulher. Por isso que somos a régua toda. Estamos em todas as pontas, de cabo a rabo.

A régua para Rafaela Souza, amiga de Tieta e ativista social, seria esse lugar para marcar a ambiguidade de ser travesti. Não há, contudo, uma definição universal para delimitar o significado do grupo travesti. Tal definição seria mais simples se considerássemos a existência de somente uma masculinidade e de uma feminilidade possíveis. Porém, supor uma oposição masculino/feminino como universal leva ao ocultamento do fato de que cada uma destas categorias é heterogênea, como nos mostra **Scott** (1994, p.21) e à negação do fato de que o que chamamos de masculino e feminino tem uma história que os produz (**RAEWYN CONNELL**, 2016).

Para **Butler** (1993) os discursos que mobilizam categorias identitárias são politicamente importantes, mas ao mesmo tempo cultivam identificações unitárias, o que nos leva a pensar que o fato das travestis passarem a existir como um grupo étnico faz refletir também na necessidade prévia de rompimento desse grupo com as identidades brasileiras e étnicas tradicionais. É o desenvolvimento de outra identidade, pois a “etnicidade não se manifesta nas condições de isolamento, é, ao contrário, a intensificação das interações características do mundo moderno e do universo urbano que torna saliente as identidades étnicas” (POUTIGNAT; **STREIFF-FENART**, 1998, p. 124).

Uma vez que essas novas identidades se constituem em um processo de transformação que as constroem, reforçamos a etnicidade como um conceito dinâmico que se apresenta num feixe de interações cambiantes, que pode variar de acordo com as épocas, com as situações e quando as condições sociais não permitem mais os membros de um grupo manifestar e deixar avaliar pelos outros a excelência de suas competências étnicas, as pessoas podem ser levadas a mudar de identidade étnica (BARTH, 1969). Afinal, “a etnicidade é simultaneamente perene e contingente: perene, já que representa um dado subjacente, sempre susceptível de ser ativado e mobilizado; contingente, já que as condições e as formas de sua emergência são historicamente determinados” (POUTIGNAT; **STREIFF-FENART**, 1998, p. 138).

Talvez mais uma etiqueta étnica que sobressai nas travestilidade: o corpo. Esse é o elemento constantemente ativado e mobilizado nas relações com os outros. Reinventar o corpo assume um lugar central entre as travestis, seja pela via cirúrgica ou hormonal ou por meio da musculação ou depilação, no uso da vestimenta íntima ou social típica do masculino

ou feminino, ou ainda na busca por gestuais e representações que possibilitem a associação com os gêneros. É no corpo que, etnicamente, as travestis constituem sua identidade.

A construção da estética corporal se torna uma urgência para as pessoas que de alguma forma se reivindicam travestis, metamorfoseando seus corpos na busca da expressão de uma estética feminina, tais como as pesquisas realizadas por **Benedetti** (2000), **Peres** (2005) e **Pelúcio** (2007) vêm apontando.

O corpo feminino se articula, em geral, com a presença de um pênis, sem isso diminuir a feminilidade. Nesse sentido, as travestis acabavam por construir um corpo que não era propriamente masculino ou feminino – ou era ambos, simultaneamente – criando ao mesmo tempo um universo de significações relacionado a essa ambiguidade corpórea. “O corpo se torna na contemporaneidade tão maleável, tão modificável, que se torna quase uma vestimenta, esta corrigível, costurável, enxertável” (**SILVA**, 1993, p. 123).

Já viu como é um corpo diferente. Olhe para a gente, Danillo. Somos bichas, temos algo de mulher na gente, mas elas são diferentes. Existe um corpo feminino mais do que o corpo de uma mulher. As travestis sempre tem algo que está em maior destaque no corpo. Os peitos, a bunda, as coxas, tudo trabalhado no silicone. É um outro corpo. É diferente. Não é corpo de home e nem de mulher. É corpo de travesti. É um corpo que a gente só vê nelas. E se você reparar bem, perceberá que é um corpo todo marcado.

Esse corpo marcado, com cortes, cicatrizes e silicone é uma escrita sobre o corpo travesti. **Pierri Clastres** (1995), em ensaio de 1972, mostra ser comum nos ritos iniciáticos de diversas sociedades tribais os procedimentos que deixam marcados os corpos a quem a eles se submetem. Interpreta as cicatrizes como uma memória de grupo, como um obstáculo ao esquecimento de que se é membro de uma dada comunidade e de que se é igual aos demais membros desta.

As travestis, por meio das interações sociais com outras travestis, namorados ou clientes, conseguem ter acesso às informações que irão auxiliá-las no investimento necessário ao aperfeiçoamento corporal. Como observou **Benedetti** (2000), a transformação do corpo é um processo inerente à construção da identidade desse segmento social. Ele é o marco fundamental que permite diferenciá-las de outras pessoas.

Em outras palavras, o corpo é sempre visto como uma interpretação social. Ao transformarem seus corpos de maneira radical na busca pelo gênero que se identificam, como performance, explosão dos binarismos e emergência *queering* (**PERES**, 2005), as travestis desafiam os aparatos de controle da sexualidade. A anatomia deixa de ser destino dado e

passa a ser o destino procurado. Alterar, em grande parte, essa anatomia é mudar seu destino, mas também é adequá-los a padrões estabelecidos pela heteronormatividade. “É processo e discurso. Processo que envolve a fabricação de si, materializada em um corpo transformado. E discurso, na medida em que, ser ou não ser homem (ou mulher) pode independer desse mesmo corpo” (PELUCIO, 2004, p. 140).

Alguns caminhos se delinearão nessa rota. Construir uma identidade étnica na travestilidade perpassa pela nomenclatura. Tieta se nomeia travesti. Por ela e pelos(as) outros(as). A nomenclatura não é somente um aspecto particular revelador de relações étnicas, ela é por si própria produtora de etnicidade. “No plano do indivíduo, a etnicidade se define simultaneamente pelo que é subjetivamente reivindicado e pelo que é socialmente atribuído” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 145).

Tieta se reivindica, cotidianamente, travesti. São partes que a definem, numa grande colcha de retalhos. Como tantas outras travestis, Tieta é feita de retalhos, pedacinhos coloridos de cada vida que passa e vai costurando na alma. Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas que acrescentam e a fazem ser quem ela é. Em cada encontro, em cada contato, ela vai ficando maior. Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade que a torna mais pessoa, mais humana, mais (in)completa.

OUTRAS CARONAS...

EU GOSTAVA ERA MESMO DE PARTIR...

E - ATÉ HOJE – QUANDO O ACASO ME EMBARCA

FECHO OS OLHOS E SONHO:

VIAJAR, VIAJAR...

Para mim, para os outros, para ela mesma, travesti! Como identidade. Como grupo. Singular. E, que etnicamente, se faz plural. Realmente, minha querida Tieta. Tu és plural. Sua identidade e sua etnicidade, que nos brindou nesse itinerário, mostra-nos o quanto a transitividade é inerente a esses percursos, fazendo com que um caminho dialogue com o outro, um fornecendo ao outro sua razão de ser, num todo que se reconhece em círculo e em movimento. Talvez o nosso esforço aqui de tentar circunscrever, delimitar e, com devaneios, interpretar, se tornou uma tarefa bastante complexa. De qualquer modo, várias estradas vêm sendo esquadrihadas, em busca de novas luzes e novos enfoques que possam redimensionar problemas antes não evidenciados, recalculando rotas, desbravando outros atalhos, em todas suas multifacetadas encruzilhadas. Afinal, ao inventar novos nomes, novas apreciações e novas probabilidades, a gente cria pouco a pouco novas coisas.

São pensamentos que guiam, no panorama contemporâneo, diversas performances, demonstrações a cada dia. Rotas, retas, estradas, onde o traço provisório, não-acabado, é constituinte não apenas de sua ontologia como de sua efêmera razão de criação. Ou seja, enveredar pelos caminhos de uma etnicidade contemporânea é adentrar o território da pós-modernidade, “através de um fazer que, enquanto faz, inventa o por fazer e o modo de fazer” (LUIGI PAREYSON, 1984, p. 32).

E nesse novo modo de fazer ciência não temos nenhuma pretensão de decidir quem é o detentor do sentido – se o caminho, se o sujeito – mas a de saber como esse caminho e esse sujeito se constituem, de que modo o sentido os atravessa. Ou seja, há uma realidade transversal, tensa e imaginária, resultante desse encontro. Tudo se implica, ou seja, nossa história alcança seu ponto ótimo enquanto catarse, diluindo as barreiras dualistas entre eu e Tieta. Tornamo-nos apenas um e uma maneira de dissertar, evidentemente, desejável para ampliar, difundir e estabelecer diálogos verdadeiramente criativos entre essas duas pontas, habilitando-me e te habilitando, companheira Tieta, enquanto uma verdadeira experiência humana e não simplesmente uma exacerbação de textos, frases e versos.

A literatura nos mostrou outra possibilidade de pensar a travestilidade. Há ainda muito que se pensar nas travestilidade e nas etnicidades. Pensar como o sentido de herança (transmissão) carrega e pressiona sua reprodução e transtemporalidade. Seriam as travestis de hoje identificadas como grupo étnico como Tieta identifica em sua história? Há outras Tietas que compartilham essa etnicidade travesti? E as travestis mais jovens se reconhecem nessa perspectiva de grupo? A iniciação das travestis de hoje mudou? Continuamos batizando as mais jovens? O pajubá ainda (re)existe nesse momento tão ameaçador, mas, ao mesmo tempo, potente? Há outros marcadores étnicos que podem se expressar na produção da travestilidade como grupo étnico, mas que neste trabalho não reconheci ou ficou menos latente? Será que este fazer e saber de determinados grupos, como as travestis, conseguem estabelecer pontes e ligações entre o passado com o presente e, esse, com o futuro, ou seja, garantir permanências e continuidades, presenças nas ausências? Questões que abrem mais o diálogo sobre as identidades travestis e que não se esgotam nesse trabalho, mas podem suscitar tantas outras pesquisas futuras.

Ao definirmos etnicidade como um fenômeno que se desdobra em diferentes dimensões sociais e culturais, incluindo a composição social de uma determinada minoria e a sua localização residencial ou a língua e a religião predominantes entre os seus/suas participantes, podemos dizer que uma dimensão fundamental é, para além das citadas, a orientação que cada indivíduo imprime às suas sociabilidades e desejos cotidianos. Tieta se reconhece travesti e as travestis como seu grupo.

O desejo se deu, nesse percurso, de forma intuitiva, próprio aos desejos, não está formulado, mas em plena ebulição. Refere-se ao ato de flexibilizar os limites tradicionais da pesquisa e escrita acadêmica enfatizando caminhos da ordem do sensível, relacionando experiência intelectual, pessoal e investigativa. O texto não se guiou por perguntas fixas e estáveis, mas questionamentos que foram, durante a jornada, sendo revisitados, alguns abandonados e outros redimensionados. Neste aspecto, tentamos diminuir a distância entre os mesmos, numa narrativa conduzida por um fluxo de memórias, como num relato de história vivida, na ideia de um caminho que se constrói ao caminhar, em que “o trabalho intelectual é uma parte necessária da luta pela libertação, fundamental para os esforços de todas as pessoas oprimidas e/ou exploradas que passariam de objeto a sujeito, que descolonizariam e libertariam suas mentes” (BELL HOOKS, 1995, p. 466).

Com Tieta, (re)conheci também um território social, em consonância com o momento atual, em que discursos de minorias sociais ganham força e alcance potencializados pelas

inovadoras políticas de comunicação. Reformula o próprio fazer e dizer da política atual, pautadas em relações que se estabelecem entre grupos de afinidades, mobilizadas também por afetos políticos. Trata-se de territórios novos, múltiplos e complexos. Fui, portanto, convidado à reflexão a respeito das diásporas contemporâneas que marcam os territórios e a forma como os grupos sociais se rearranjam étnica e culturalmente nestes novos espaços. Estamos num tempo no qual “os deslocamentos – e a relação com os novos espaços – podem significar um aspecto complexo e abarcador das experiências humanas” (JAMES CLIFFORD, 1999, p. 13).

E nesses novos espaços, nessas novas nomenclaturas, percebemos o quão é importante repensar como os grupos não são nem homogêneos nem integrais, nem são pré-existent, mas necessitam serem pensados como tal para poderem existir como grupos. E, porque não, pensar se esses grupos, em ebulição na modernidade, podem ser reconhecidos como grupos étnicos? Adentramos e, fizemos essa escolha, de assumir este momento de reinvenção das formas de pensar a etnicidade, as identidades e as próprias comunidades. Caminhar na perspectiva de que é a diversidade a marca que (re)inaugura existências de forma criativa nos territórios, nos lugares, nas cidades e nas mentes humanas.

Nessa rota, nossos pensamentos nos remeteram à produção de singularidades, que nesta viagem está sendo pensado como uma pista para compreender a alteridade. Não é preciso deixar de lado sua singularidade, mas talvez, como num estado de suspensão, permitir que outras singularidades protagonizem, através de nós, através de um comum. O que fez Tieta juntar-se a mim para fazermos essa aventura? Fui afetado por ela e ela se permitiu ser afetada. O afeto não se restringiu apenas ao vínculo, um texto que inspira uma escrita, ou a própria ideia de afecção, como uma propriedade de gerar ação. Este afeto também pode ser lido em processos de identificação entre pessoas que conjugam experiências de opressão comuns, por conta da vivência de outras possibilidades de gênero e sexualidade. Ou na partilha do sensível em disputas políticas, a luta por se fazer notar e existir.

O que importou, nas encruzilhadas que assumimos, foi o processo, já que a estrada é móvel, como uma tessitura que nunca está pronta. Como também é o processo de pensamento/escrita, ou de descolonização/libertação da mente. Não há assim uma resposta ou conclusão, mas novas pistas que apontam direções. Não há pontos de chegadas, mas de encontros. E sabemos que há sempre caminhos para percorrer. Novos saberes, novas produções, infinitas contribuições.

Contemplamos, em todo esse caminho, uma variedade de formas, cores, tamanhos, texturas, cheiros, gostos, hábitos, jeitos que compõem o cenário múltiplo das comunidades

humanas, em especial das travestilidades. Ao mesmo tempo, assistimos ao surgimento ou ressignificação de identidades alicerçadas em uma revitalização do direito à escolha. Essa referência, que poderia outrora ser categorizada como pré-moderna, e hoje é renomeada pós-moderna, apresenta-se mais intensa entre pessoas conectadas por um sentido de lugar específico, de território, seja ele imaginário ou simbólico, real ou hiper-real. Aqui, outros possíveis cruzamentos.

São caminhos. Situações de extrema ambivalência que nos permitem compreender os processos de resistência que podem contribuir para ressignificar práticas sociais e colocar em cena “cadeias reiterativas de outra ordem social” (NEIVA FURLIN, 2013, p.401). Topa prosseguir? Afinal, a gente não veio a este mundo apenas para passeio. Cada escolha, cada desejo é um mundo para a gente, cada saída é

(...) pra batalha
Pelo pão de cada dia.
A fé que trago no peito
É a minha garantia
Deus me livre das maldades
Me guarde onde quer que eu vá
Tô fazendo a minha parte
Um dia eu chego lá
(...)
Lutando com dignidade, tentando sobreviver
Quem sabe o que quer nunca perde a esperança, não
A dificuldade também nos ensina
A dar a volta por cima e jamais deixar de sonhar...³⁶

E, para quem sonha, o caminho é sempre infinito. A estrada nunca termina. Atalhos sempre terão. Onde iremos parar? Quem sabe? Só sei que já estou, de malas prontas, salto alto, a espera de uma nova carona. *Vou voltar, pode contar. Vou voltar. Voltar para aqui. Para dentro de uma nova prova sua, Danillo, ou para o mar, como sereia. Mas só sei que vou voltar. Quem sabe se não é para dentro de mim? Achei meu pote. Caraca, achei meu pote. Bem que falaram que tava no fim de um arco-íris.*

Talvez não cheguei aonde planejei ir. Mas cheguei, sem querer, aonde meu coração queria chegar, sem que eu o soubesse. Fiz o arco-íris de tobogã. Fiz minha parte. E Tieta agradeceu. Com sua própria voz!³⁷

³⁶ Música “Tô fazendo a minha parte”, composta por Diogo Nogueira.

³⁷ O agradecimento de Tieta a nossa pesquisa foi enviado, por mensagem de WhatsApp, que pode ser acessado clicando [aqui](#).

A CHEGADA.

PÓS-DEFESA.

UM REENCONTRO.

Vinte de dois de março de 2019. Termino a defesa dessa dissertação e retorno a minha cidade. Na bagagem, a alegria de etapa cumprida e enormes contribuições para continuar essa viagem. Agora, mais do que nunca, tenho a certeza que não estou sozinho. Nunca estive. Tanta gente está aqui comigo. Nessa paisagem de volta, lembranças de tudo que passei e lutei para chegar aqui. E, ao chegar em Vitória da Conquista, telefono para Tieta para dividir nossa vitória.

Viada, é mentira. Estou feliz. Feliz que tu bicha, pequena notável, conseguiu tirar dez na sua prova. Agora, o que iremos fazer? Terá mais provas? Se tiver, pode me procurar. Quero sempre te ajudar. Você é parte de minha vida. Vamos ocupar todos os espaços e mostrar que não somos brincadeira. Travesti é babado, confusão e putaria. E, agora, bicha, com esse dez, travesti também é... (como é o nome mesmo que você é agora?). Isso, somos mestras né... Agora o mundo vai ter que fazer tudo que a mestra mandar. Estamos podendo, bicha. O mundo é nosso.

Isso, minha querida Tieta. Esse título é nosso. Somos mestres. Tudo está valendo a pena. Cada linha, cada aprendizado. As horas e horas que passamos juntos é esse o resultado. E deu certo. Cada trajetória, mesmo indo e voltando, foi única e original. Transformamos as nossas reações, nossos cansaços, numa aventura maravilhosa de ensinar e aprender. Obrigado. E vamos sim. Continuar, tentando, de nosso modo, repensar mentes para o futuro, que educam, cuidam e acompanham os nossos pés e nossos sonhos.

Eu que agradeço bicha. Agora, Jequié e vários outros cantos desse nosso Brasil irá me conhecer. Mais e mais. E, você, viada, que é responsável por tudo isso. Adorei caminhar com você. E saiba que tenho mais histórias para contar. Conto com você, pequena notável, para dar letra para minha voz e a gente ficar famosas. Arrasar. Todos os dias. Em todos os momentos. Em todos os lugares. Beijão.

Beijos. A você e a todas/todos que estiveram conosco nesse momento.

Voltaremos. E, claro, arrasando sempre.



BÚSSOLAS

ACOSTA, Tássio. *Morrer para nascer travesti: performatividades, escolaridades e a pedagogia da intolerância*. 2016. 205f. Dissertação de Mestrado. Sorocaba-SP: UFSCar, 2016;

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985

AGNOLETI, Michelle Barbosa. *A Transmigração no Espaço, no Corpo e na Subjetividade: deslocamentos de Fronteiras na Experiência de Travestis Paraibanas na Itália*. 2014. Tese (Doutorado). Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014;

ALVES, Julia Mayra Duarte e PIZZI, Laura Cristina Vieira. Análise do discurso em Foucault e o papel dos enunciados: pesquisar subjetividades nas escolas. *Revista Temas em Educação*, João Pessoa, v.23, n.1, p. 81-94, jan.-jun. 2014;

ALVES, Rubem. *Estórias de quem gosta de ensinar – o fim dos vestibulares*. São Paulo: Ars Poética, 1995;

AMARAL, Marília dos Santos, CRUZ, Karla de Oliveira, SILVA, Talita Caetano, TONELLI, Maria Juracy Filgueiras. Do travestismo às travestilidades: uma revisão do discurso acadêmico no Brasil entre 2001-2010. *Psicologia & Sociedade*, v. 26, n. 2, p. 301-311, 2014;

ANDERSEN, Hans Christian. *A Pequena Sereia*. São Paulo: Editoras SM, 2011;

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008;

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Brasil Terra e Alma*. MG: Editora do Autor, 1967;

ANDRADE, Luma Nogueira de. *Travestis na escola : assujeitamento e resistência à ordem normativa*. 2012. 278f. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2012

ANDRADE, Sandra dos Santos. A entrevista narrativa ressignificada nas pesquisas educacionais pós-estruturalistas. In: MEYER, Dagmar Estermann & PARAÍSO, Marlucy Alves. *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012;

ANZALDUA, Gloria. *Borderlands/La Frontera – The New Mestiza*, São Francisco: Aunt Lute, 2007;

ARRUTI, José Maurício. Etnicidade. In: SANSONE, Livio; FURTADO, Claudio Alves (Org). *Dicionário Crítico das Ciências Sociais dos países de fala oficial portuguesa*. 1ed. Salvador: EDUFBA, 2013;

BHABHA, Homi K. *Introduction: narrating the nation. Nation and Narration*. New York: Routledge, 2000.

BARBOSA, Bruno Cesar. Doidas e putas: usos das categorias travesti e transexual. *Sexualidad, Salud y Sociedad*. Rio de Janeiro, v.14, p. 352-379, 2014;

BARTH, Fredrik. *O Guru, o Iniciador e Outras Variações Antropológicas*. Organização de Tomke Lask. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000;

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BENEDETTI, Marcos. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000;

_____. *Toda Feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005;

BENTO, Berenice. *A Reinvenção do Corpo: Sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2006;

_____. *O que é transexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 2008;

BENTO, Berenice; PELUCIO, Larissa. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 559-568, agosto 2012;

BOMFIM, Patrick Thiago dos Santos. *Discriminação e preconceito: identidade, cotidiano e religiosidade de travestis e transexuais*. 2009. 132f. Dissertação de Mestrado. Brasília-DF: UCB, 2009;

BONNEMAISON, Joël. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). *Geografia cultural: um século*, v.3, EdUERJ, p. 83-132, 2002;

BOURDIEU, Pierre. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1994. (Coleção Grandes Cientistas Sociais);

_____. *A dominação masculina*. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012;

BRAUNSTEIN, Philippc. Abordagens da intimidade nos séculos XIV-XV, in: ARIÈS, P; DUBY, G. *História da vida privada*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

BRITO, Camila Pina. *Já é negro e ainda quer ser travesti? – experiências trans de mulheres negras*. 2016. 128f. Dissertação de Mestrado. UESB: Jequié, 2016.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUSIN, Valéria Melki. *Morra para se libertar: estigmatização e violência contra travestis*. 2015. 209f. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2015.

CAMILLO BONASSI, Bruna et al. Vulnerabilidades mapeadas, Violências localizadas: Experiências de pessoas travestis e transexuais no Brasil. *Quaderns de Psicologia*, [S.l.], v. 17, n. 3, p. 83-98, dic. 2015. ISSN 2014-4520. Disponível em: <<http://www.quadernsdepsicologia.cat/article/view/v17-n3-camillo-dossantos-filgueiras-et-al>>. Acessado em 27 abr. 2018;

CARDOSO, Teresa, Alarcão, Isabel, CELORICO, Jacinto Antunes. *Revisão da literatura e sistematização do conhecimento*. Porto: Porto Editora, 2010;

CARROLL, Lewis. *Alice no País das Maravilhas*. Traduzido por Márcia Soares Guimarães. SP: Autêntica Infantil e Juvenil, 2017.

CECÍLIA PATRÍCIO, Maria. *No truque : transnacionalidade e distinção entre travestis brasileiras*. 2008. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008;

CHIMAMANDA, Adichie. *Os perigos de uma história única*. 2012. (19m16s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZUtLR1ZWtEY>>. Acesso em: 02 jan. 2018;

CLIFFORD, James. *Itinerarios transculturales*. Barcelona: Gedisa, 1999;

COELHO, Virgílio. Imagens, símbolos e representações; Quiandas, quitutas, sereias!: imaginários locais, identidades regionais e alteridades. Reflexões sobre o cotidiano urbano luandense na publicidade e no universo do marketing. In: COELHO, Virgilio. *Os Túmúndongò, os “gênios” da natureza e o Kilámba. Estudos sobre a sociedade e a cultura quimbundo*. Luanda: Kilombelombe, 2010;

CONNEL, Raewyn. *Gênero em termos reais*. Tradução Marília Moschkovich. São Paulo : Inversos, 2016, 272 p.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W.. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, maio 2013. ISSN 1806-9584. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100014>>. Acesso em: 07 novembro 2018;

CLASTRES, Pierre. *Crônica dos índios Guayaki: o que sabem os Aché, caçadores nômades do Paraguai*. São Paulo: Editora 32. [1972] 1995.

DAMICO, José e KLEIN, Carin. O uso da etnografia pós-moderna para a investigação de políticas públicas de inclusão social. In: MEYER, Dagmar Estermann e PARAISO, Marlucy

Alves (organizadoras). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

DEMO, Pedro. *Pesquisa: princípio científico e educativo*. 14ª ed. Cortez: São Paulo, 2011;

DENZIN, Norman K. e LINCOLN, Yvonna. (Orgs.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 15-41;

DUQUE, Tiago. Montagens e desmontagens: vergonha, estigma e desejo na construção das travestilidades na adolescência. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2009;

ECO, Umberto. *Quase a mesma coisa*. Tradução de: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007;

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. *Cartografias dos Estudos Culturais: uma versão latinoamericana*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010;

FARIAS, Aline Moraes. Filé à parmegiana, receita poética de Aline. Disponível em <http://vidraguas.com.br/wordpress/2011/02/26/file-a-parmegiana-receita-poetica-de-aline/>. Acesso: 05 abr. 2017;

FERREIRA, Guilherme Gomes. *Travestis e prisões: a experiência social e a materialidade do sexo e do gênero sob o lusco-fusco do cárcere*. 2014. 144f. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUC-RS, 2014;

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. Cad. Pesqui. São Paulo, n. 114, p. 197-223, novembro de 2001. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742001000300009&lng=en&nrm=iso>. Acesso: 05 out. 2018.

FLICK, Uwe. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Bookman, 2004;

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005;

_____. Diálogo sobre o poder. In:_____. *Estratégia, poder-saber: ditos e escritos*, vol. IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006;

FRY, Peter. Feijoada e Soul Food: notas sobre a manipulação de símbolos étnicos e nacionais. In: FRY, Peter. *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

GASTALDO, Denise. Pesquisador/a desconstruído/a e influente? Desafios da articulação teoria-metodologia nos estudos pós-críticos. In: MEYER, Dagmar Estermann & PARAÍSO, Marlucey Alves. *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012;

GIDDENS, Anthony. *A Sociologia*. Tradução Sandra Regina Netz. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GRUNEWALD, Rodrigo de Azeredo. *Turismo e etnicidade*. Horiz antropol. Porto Alegre, v. 9, n. 20, p. 141-159, outubro de 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832003000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso: 29 nov. 2018.

HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. In: *Revista do Patrimônio História e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro, IPHAN, 1996, p. 65-75.;

_____. *A identidade cultural na pós modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001;

_____. *Da diáspora. Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003;

_____. Quem precisa de identidade? In SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2009;

HOOKS, Bell. Intelectuais Negras. *Revista Estudos feministas*. Nº2/95. vol.3. 1995.

JEWSIEWICKI, Bogumil. Debates sobre Modernidade e Relações de Gênero na Cultura Urbana Pós-Colonial Congoleza In: AARAO REIS, Daniel; MATTOS, Hebe; OLIVEIRA, João Pacheco de et. al. (orgs.). *Tradições e Modernidades*. Rio de Janeiro: FGV, 2010;

JUNIOR, Neurivan Gonçalves Netto. *O percurso semântico de alguns vocábulos do Pajubá: gírias faladas pelas bichas*. Brasília: UNB, 2018.

KLEIN, Carin & DAMICO, José. O uso da etnografia pós-moderna para investigação de políticas públicas de inclusão social. In: MEYER, Dagmar Estermann & PARAÍSO, Marlucy Alves. *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012;

KULICK, Don. *Travesti: Sex, gender and culture among Brazilian transgendered prostitutes*. Chicago, IL: The University of Chicago Press, 1998;

_____. *Travesti: Prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. (C. Gordon, trans.). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008;

LARRAÍN, V. *El buen nombre. Una investigación narrativa en torno a las experiencias de subjetivación en la relación investigadora*. Barcelona: Universidad de Barcelona, Facultad de Bellas Artes, 2009;

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA H. *Tendências e impasses: O feminismo como crítica da modernidade*. São Paulo: Rocco, 1994;

LECHNER, Elsa. Migração, pesquisa biográfica e emancipação social: Contributo para a análise dos impactos da pesquisa biográfica junto de migrantes. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 85, 2009, p. 43-64;

LEITE JR., Jorge. *Nossos corpos também mudam: a invenção das categorias "travesti" e "transexual" no discurso científico*. São Paulo: Annablume, 2011;

LIMA, Carlos Henrique Lucas. *Linguagens pajubeyras: Re(ex)istência cultural e subversão da heteronormatividade*. Salvador: Devires, 2017;

LIMA, Caroline Barreto de. *Aparência travesti: redesenho, comportamento e vestimenta*. Paraná: Graphica, 2007.

LISPECTOR, Clarice. *Água Viva*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980;

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999;

MACHADO, Igor José de Renó. Parentesco e diferencialidades: alternativas à identidade e às fronteiras étnicas no estudo das migrações. IN: FELDMAN-BIANCO, Bela. *Desafios da Antropologia Brasileira*. Brasília: ABA, 2013;

MCCLINTOCK, Anne. *Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010;

Melo, Rogério Marcelino dos Santos. *A língua da nação: o dialeto Pajubá como forma de diversidade linguística*. 2016. 41f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras - com habilitação em Língua portuguesa) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2016.

MEYER, Dagmar Estermann & PARAÍSO, Marlucy Alves. *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012

MINAYO, Maria Cecília de Souza (organizadora); DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otávio Cruz & Gomes. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 21ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994;

MONTREOZOL, Jeferson Renato. *Sobre A Educação Aqüendada: Uma Análise da relação entre e identidade sexual travesti e o processo de educação formal*. 2011. 182f. Dissertação de Mestrado. Campo Grande-MS: UFMS, 2011;

NASCIMENTO, Taiane Flores do. *Os terreiros de cultos afro-brasileiros e de origem africana como espaços possíveis às vivências travestis e transexuais*. 2016. 101f. Dissertação de Mestrado. Santa Maria-RS: UFSM, 2016.

NASCIMENTO, Washington Santos; PEREIRA, Matheus Serva. Etnicidades e os Outros contextos coloniais africanos: reflexões sobre as encruzilhadas entre História e Antropologia. IN: Santana, Marise de (org). *Etnicidades e trânsitos: estudos sobre a Bahia e Luanda*. Jequié; Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (UESB) e Áfricas: grupo de pesquisa interinstitucional (UERJ - UFRJ), 2017;

NETO, Antonio Gomes da Costa. *A Linguagem no Candomblé: um estudo linguístico sobre as comunidades religiosas afro-brasileiras*. Brasília: UNICEUB, 2006;

NOLETO, Rafael da Silva. *Brilham estrelas de São João: notas sobre os concursos de Miss Caipira Gay e Miss Caipira Mix em Belém (PA)*. Sexualidad, Salud y Sociedad, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p. 74-110, 2014;

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Editora da UFMS, 1998 (vol. I).

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. *O diabo em forma de gente: (r) existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação*. 2017. 192f. Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná. Paraná: UFPA, 2017.

OLIVEIRA, Tibério Lima. *"Meu corpo, um campo de batalha": a inserção precária das Travestis no mundo do trabalho em tempos de crise capital*. 2016. 244f. Dissertação de Mestrado. Rio Grande do Norte, Natal: UFRN, 2016;

PAREYSON, Luigi. *Os problemas da estética*. Tradução de Maria Helena Nery Garcez. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História*, São Paulo: Unesp, v. 24, n. 1, p. 77-98, 2005.

PELÚCIO, Larissa Maués. Na noite nem todos os gatos são pardos - notas sobre a prostituição travesti. In: *Cadernos Pagu*. Campinas, nº. 25, 2005a;

_____. Toda Quebrada na Plástica - corporalidade e construção de gênero entre travestis paulistas. In: *Campos*. Curitiba, v. 06, n. 01, 2005b;

_____. “No salto”: trilhas e percalços de uma etnografia entre travestis que se prostituem. In: Alinne Bonetti e Soraya Fleisher (org.). *Entre saias justas e jogos de cintura*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EdUNISC, 2007a;

_____. *Nos Nervos, na Carne, na Pele: uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de aids*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. São Carlos: UFSCar, 2007b;

_____. Amores perros - sexo, paixão e dinheiro na relação entre espanhóis e travestis brasileiras no mercado transnacional do sexo. In Adriana Piscitelli, Gláucia Oliveira Assis & José Miguel Neto Olivar (Orgs.), *Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil* (pp. 185-224). Campinas: UNICAMP/PAGU, 2011.

PERES, Wiliam Siqueira. *Subjetividade das Travestis Brasileiras: da vulnerabilidade da estigmatização à construção da cidadania*. Tese de Doutorado em Saúde Coletiva. Rio de Janeiro: UERJ, 2005;

PETERS, Michael. *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença. Uma introdução*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000;

POUTIGNAT, Philippe STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. Trad. Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

PRECIADO, Beatriz. *Transfeminismo no regime fármaco-pornográfico*. Conferência. realizada em Roma de 2 a 6 de junho de 2010;

PRECIADO, Paul B. *Manifesto contrassexual. Práticas subversivas de identidade sexual*. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014;

ROCHO, Vitor de Amorin Gomes. Religiosidade QUEER e XS SUJEITXS MAGNALIZADXS. Comunicação Oral. *Enlaçando Sexualidades*. Salvador, UNEB, 2015.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo "estado da arte" em educação. *Revista Diálogo Educacional*, vol. 6, núm. 19, septiembrediciembre, 2006, pp. 37-50. Paraná: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2006;

SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: _____. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p.46-60.

SAMPAIO, Juciana de Oliveira. *Do glamour à política: Janaína Dutra em meandros heteronormativo*. 2015. 398f. Tese de Doutorado. São Luís-MA: UFMA, 2015;

SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos. Sobre o etnógrafo-turista e seus modos de ver. In COSTA, Maria Vorraber e BUJES, Maria Isabel Edelweiss. *Caminhos Investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisa nas fronteiras*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005;

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995;

SILVA, Hélio. *Travesti: a invenção do feminino*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, Z1993;

_____. *Travestis: entre o Espelho e a Rua*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007;

SILVA, Joseli Maria. Espaço interdito e a experiência urbana travesti. In: *Geografias malditas: corpos, sexualidades e espaços*. SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose; JUNIOR, Alides Baptista Chimin (Org.). Ponta Grossa: Toda Palavra, 2013, p.143-182.

SPIVAK, Chakravorty. Gayatri. *Pode o subalterno falar?* Trad: Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora: UFMG, 2010;

STENGERS, Isabelle. *Quem tem medo da ciência?* São Paulo: Siciliano, 1990.

TEIXEIRA, Flávia do Bonsucesso. L'Italia dei Divieti: entre o sonho de ser européia e o babado da prostituição. *Cadernos Pagu*, n.31, pp.275-308, 2008;

VARTABEDIAN, Julieta. Migraciones trans: travestis brasileñas migrantes trabajadoras del sexo en Europa. *Cadernos Pagu*, n.42, pp.275-312, 2014;

VERGUEIRO, Viviane Simakawa. *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade*. 2015. 224fs. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015

WALDELY, Aryadne Bittencourt; SOUZA, Fabricio Toledo de; THEUBET, Matteo Louis Raul Meirelles; TAVARES, Natalia Cintra de Oliveira; NEPOMUCENO, Raísa Barcellos. Migração como crime, êxodo como liberdade. *REMHU – Revista Interdisciplinar Mobilidade Urbana*. Brasília, Ano XXIII, n. 45, p. 235-247, jul./dez. 2015.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. 4ª. ed. Vol. I e II. Brasília: Ed. UnB, 2000;

WILLIAMS, J. Pós-estruturalismo. São Paulo: Vozes, 2012.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz T. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.



Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Autorizada pelo Decreto Estadual nº 7344 de 27.05.98

**Programa de Pós-Graduação, em Nível de Mestrado,
em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC)**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Vim aqui para te fazer um convite, daqueles bem *baphonicos*. Vou fazer uma *prova* e preciso tirar boas notas. E o assunto da minha prova é você e sua vida. Quero descobrir todos os seus *babados*. Aí, eu, a *bicha* que você já conhece, junto com meu professor, *que também é viado (deixe baixo!)*, vamos fazer algumas perguntas para você, então, para nos ajudar, o ideal é *se jogar* e, claro, nada de fazer a *alice!*

Vamos *arruinar* por toda sua história desde que saiu da terra da Galinha Choca e veio parar aqui na Suíça Baiana, o porquê de suas escolhas, os seus envolvimento com as *monas*, as *rachas*, os *ocós*, *monocós*, as *operadas* e as *travas*, os *arregandos* que tu passastes, seus momentos de *quebrar loça* e a construção da pessoa *arretada* que você é hoje.

Você só precisa participar desse *baphon* se quiser, é um *cabimento* seu e não terá nenhum problema *se empriquitar*. Não traremos nenhum problema a você. Você não vai gastar seu *aqué* e nem vai responder alguma pergunta que não queira. Estará livre para falar apenas o que desejar e *entregar a rapadura em qualquer momento*.

Mas o bom de tudo isso é que com sua participação, eu vou tirar uma boa nota e iremos fazer o mundo escutar nossa voz. Entender que a vida de travesti não é apenas *babado*, *confusão* e *putaria*.

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; a não ser que você deseja *dar close*. Nada de *fuxico*, *futrica* e *gastura*. Os resultados, desta prova, vão ser apresentada para o *escambau*. E o que mais quero é que nossa prova seja *só o mi disbuiado*, pois, né querida, *quem não pode com o pote, não pega na rudia!*

Ficarei *purpurinado* com seu sim! Você, comigo, não tenho dúvida que iremos *botar pra moer, dar um grau nessa sociedade* que não respeita nossa história.

E aí? *Vai se jogar, bonita?*

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO

Eu aceito *acunhar*. Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir e que ninguém vai ficar com raiva de mim.

Entendi tudo que a *bicha* leu para mim e *tô dentro, com todos os meus documentos: nome, pau e cú!*

Vitória da Conquista, ____ de _____ de _____.

Assinatura da Pesquisada

Assinatura do Pesquisador

=====

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Danillo Bitencourt Santos

ENDEREÇO: Rua Joana Angélica, 312, bairro Flamengo, Vitória da Conquista-BA

FONE: (71)992252149 / E-MAIL: danillobittencourtsantos@gmail.com

CEP/UESB- COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

RUA JOSÉ MOREIRA SOBRINHO, S/N - UESB

JEQUIÉ (BA) - CEP: 45206-190

FONE: (73) 3528-9727 / E-MAIL: cepuesb.jq@gmail.com

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: "Quem não pode com o pote, não pega na ruidia": identidade(s) étnica(s) realçadas nas interações sociais de uma travesti que se desloca do interior do Ceará ao interior da Bahia.

Pesquisador: DANILLO BITENCOURT SANTOS

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 78661517.5.0000.0055

Instituição Proponente: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.346.641

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto de pesquisa de mestrado acadêmico na área de Relações Étnicas e Contemporaneidade. O design da pesquisa é pós-moderno (pós-estruturalista). A intenção é investigar questões migratórias a envolver a vida de uma travesti. A coleta será feita por meio de entrevista que possibilite a participante narrar espontaneamente sobre sua trajetória de vida (história oral). O procedimento metodológico é pertinente aos objetivos traçados.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo geral: Analisar, no jogo lúdico das narrações, os elementos étnicos revisitados e ressignificados, na tessitura dos fluxos migratórios e relações interpessoais vividas, pela travesti na afirmação de sua identidade de gênero.

Objetivos específicos: a) Problematizar as motivações da travesti para a realização de seu fluxo migratório bem como a escolha da cidade de Vitória da Conquista, na

Bahia, e as posições de sujeito ocupadas nesse processo; b) Discutir os marcadores étnicos realçados pela travesti mediante as interações dela com outras travestis e moradores da comunidade de Campinhos, em Vitória da Conquista/Bahia; c) Analisar os discursos construídos pela travesti em relação à sua afirmação identitária enquanto travesti.

Endereço: Avenida José Moreira Sobrinho, s/n

Bairro: Jequezinho

CEP: 45.206-510

UF: BA

Município: JEQUIE

Telefone: (73)3528-9727

Fax: (73)3525-6683

E-mail: cepuesb.jq@gmail.com

Continuação do Parecer: 2.346.641

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos e benefícios são apresentados e contemplam as resoluções 466/12 e 510/16. No projeto há menções sobre os cuidados éticos que serão tomados em relação aos possíveis riscos. Assim o autor apresenta a questão dos riscos de sua pesquisa: "Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, os possíveis riscos podem ser o de invadir a privacidade dos participantes na condução da entrevista ou de abalar com as emoções e sentimentos dos mesmos, dessa maneira, enquanto pesquisador saliento que os participantes terão total liberdade de tirar dúvidas durante a entrevista, excluir do material da pesquisa informação que tenha sido dada, ou desistir da participação em qualquer momento do estudo, caso se sintam desconfortáveis ou constrangidos durante o processo".

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Esta é uma pesquisa que apresenta características bem peculiares. A sua execução merece atenção especial, pois lidará com participante vulnerável e que, por vezes, sofre processos de marginalização em nossa sociedade. A condução desse tipo de pesquisa somente deve ser realizada por pessoas preparadas e com orientação de pesquisador experiente nessas questões (a falta de experiência e de imersão dos pesquisadores no contexto da participante, por exemplo, impossibilita o processo comunicativo e prejudica a coleta de informações). No presente caso, esse problema não ocorrerá, pois a experiência e a imersão do orientador do referido projeto habilitam sua execução e a tomada dos devidos cuidados éticos em sua condução.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos e documentos foram apresentados e contemplam as resoluções 466/12 e 510/16. A linguagem utilizada no TCLE, em princípio, provoca um certo estranhamento. No entanto, esse tipo de linguagem apresenta-se justificada no projeto e se mostra adequada à participante. Trata-se de linguagem denominada Bajubá ou Bate-bate ("O Bajubá ou "bate-bate" é a linguagem utilizada pelas travestis que mesclam palavras em português e, também, léxicos oriundos do ioruba-nagô, língua de origem africana. É dinâmica e utilizada de forma restrita entre elas, apenas compartilhada e decifrada entre pessoas consideradas confiáveis e integradas ao grupo").

Recomendações:

Nada a declarar.

Endereço: Avenida José Moreira Sobrinho, s/n
Bairro: Jequezinho CEP: 45.206-510
UF: BA Município: JEQUIE
Telefone: (73)3528-9727 Fax: (73)3525-6683 E-mail: cepuesb.jq@gmail.com

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
SUDOESTE DA BAHIA -
UESB/BA



Continuação do Parecer: 2.346.641

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendências éticas.

Considerações Finais a critério do CEP:

Em reunião do dia 24/10/2107 a plenária do CEP/UESB aprovou o parecer do relator.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1005986.pdf	09/10/2017 22:47:50		Aceito
Outros	InstrumentoColetasdeDados.pdf	09/10/2017 22:47:26	DANILLO BITENCOURT SANTOS	Aceito
Declaração de Pesquisadores	DeclaracaodeOrientacao.pdf	05/10/2017 21:13:32	DANILLO BITENCOURT SANTOS	Aceito
Declaração de Pesquisadores	DeclaracaodeColetadeDados.pdf	05/10/2017 21:13:02	DANILLO BITENCOURT SANTOS	Aceito
Declaração de Pesquisadores	DeclaracaodeComprometimento.pdf	05/10/2017 21:12:31	DANILLO BITENCOURT SANTOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	05/10/2017 10:09:12	DANILLO BITENCOURT SANTOS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetodePesquisa.pdf	05/10/2017 10:08:47	DANILLO BITENCOURT SANTOS	Aceito
Folha de Rosto	Folhaderosto.pdf	05/10/2017 10:04:35	DANILLO BITENCOURT SANTOS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Avenida José Moreira Sobrinho, s/n
Bairro: Jequezinho CEP: 45.206-510
UF: BA Município: JEQUIE
Telefone: (73)3528-9727 Fax: (73)3525-6683 E-mail: cepuesb.jq@gmail.com

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
SUDOESTE DA BAHIA -
UESB/BA

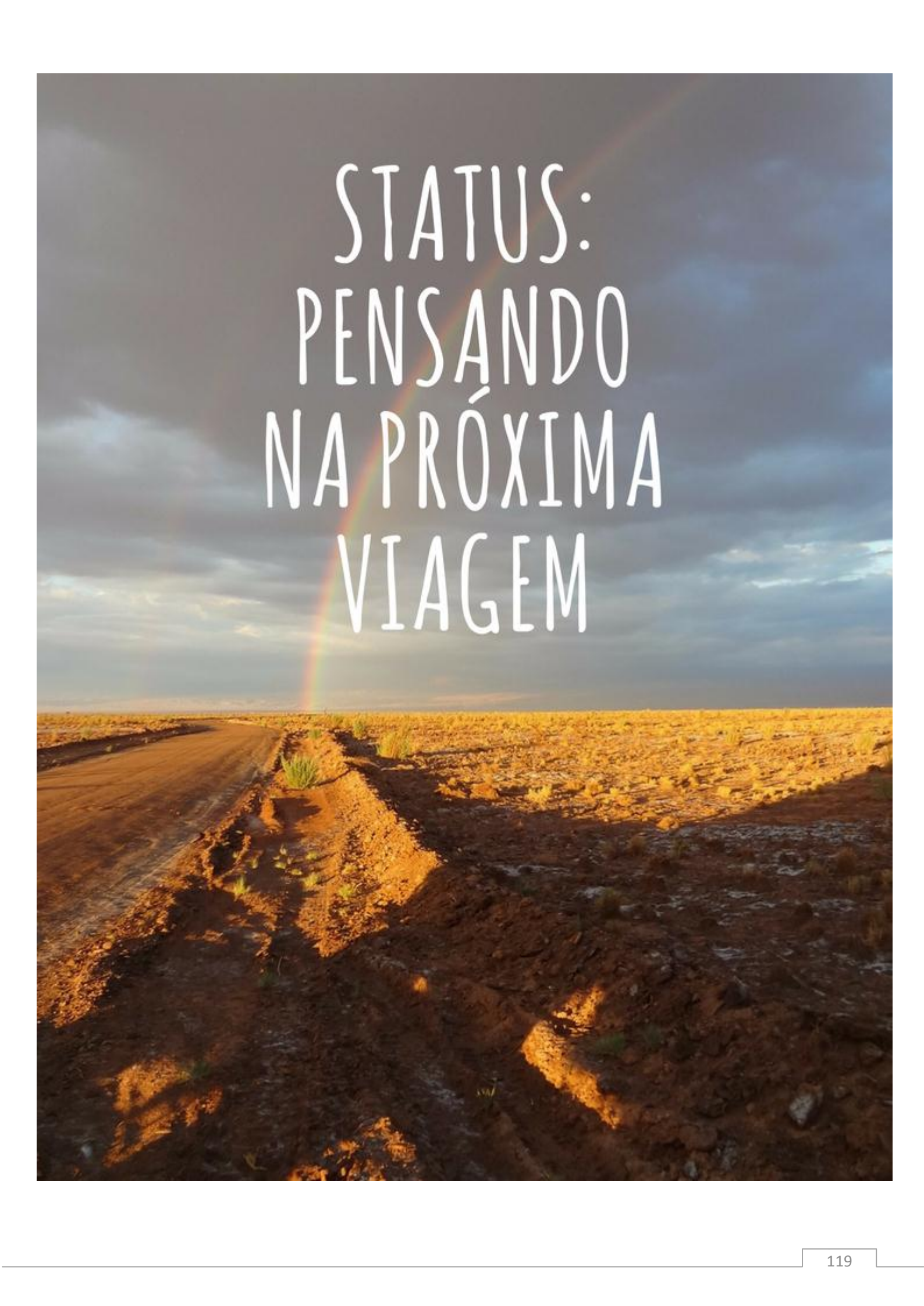


Continuação do Parecer: 2.346.641

JEQUIE, 24 de Outubro de 2017

Assinado por:
Ana Angélica Leal Barbosa
(Coordenador)

Endereço: Avenida José Moreira Sobrinho, s/n
Bairro: Jequiezinho **CEP:** 45.206-510
UF: BA **Município:** JEQUIE
Telefone: (73)3528-9727 **Fax:** (73)3525-6683 **E-mail:** cepuesb.jq@gmail.com

A landscape photograph showing a dirt road winding through a field of low-lying vegetation. A vibrant rainbow is visible in the sky, arching over the horizon. The sky is filled with dramatic, dark clouds, suggesting a recent storm or late afternoon light. The overall mood is contemplative and hopeful.

STATUS:
PENSANDO
NA PRÓXIMA
VIAGEM

VAMBORA